



**UNICAMP**

PETER RODRIGO TRENTO

**"A CAPELA É TUDO ISSO PARA  
BAIXO, O RESTO É VINHEDO":  
UMA PROPOSTA DE PEDAGOGIA  
PARA O LUGAR**

**CAMPINAS**

**2014**





UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

PETER RODRIGO TRENTO

**“A CAPELA É TUDO ISSO PARA BAIXO, O RESTO  
É VINHEDO”: UMA PROPOSTA DE PEDAGOGIA  
PARA O LUGAR**

**Orientador: Prof. Dr. MAURÍCIO COMPIANI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Matemática, na área de concentração de Ensino de Ciências e Matemática.

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA TESE  
DEFENDIDA PELO ALUNO PETER RODRIGO TRENTO  
E ORIENTADA PELO PROF. DR. MAURÍCIO COMPIANI

Assinatura do Orientador

CAMPINAS  
2014

iii

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Rosemary Passos - CRB 8/5751

T723c Trento, Peter Rodrigo, 1983-  
"A Capela é tudo isso para baixo, o resto é Vinhedo" : uma proposta de pedagogia para o lugar / Peter Rodrigo Trento. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

Orientador: Maurício Compiani.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Pedagogia crítica . 2. Geografia - Estudo e ensino. I. Compiani, Maurício, 1956-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** "The Capela is all that down, the remaining is Vinhedo" : a proposal for a pedagogy for the place

**Palavras-chave em inglês:**

Critical pedagogy

Geography - teaching and study

**Área de concentração:** Ensino de Ciências e Matemática

**Titulação:** Mestre em Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática

**Banca examinadora:**

Maurício Compiani [Orientador]

Sílvia Fernanda de Mendonça Figueirôa

Silvania Souza do Nascimento

**Data de defesa:** 06-06-2014

**Programa de Pós-Graduação:** Multiunidades em Ensino de Ciências e Matemática

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**"A CAPELA É TUDO ISSO PARA BAIXO, O  
RESTO É VINHEDO": UMA PROPOSTA DE  
PEDAGOGIA PARA O LUGAR**

**Autor: Peter Rodrigo Trento**

**Orientador: Prof. Dr. Maurício Compiani**

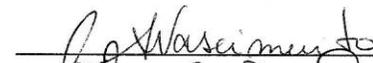
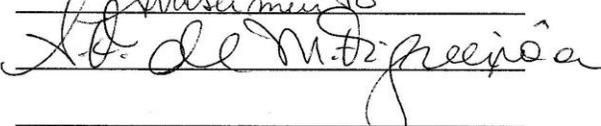
Este exemplar corresponde à redação final da  
Dissertação defendida por Peter Rodrigo Trento e  
aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 06/06/2014

Assinatura:

  
\_\_\_\_\_  
Orientador

COMISSÃO JULGADORA:

  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2014



## AGRADECIMENTOS

Agradecer é algo deveras importante, e é um momento de prazer para quem o faz e para aquele que o recebe, entretanto não é uma tarefa fácil, pois, pode-se esquecer de alguém, ou sendo muito longo, perde-se sua seletividade e importância. Assim, agradeço de forma ampla, a todos os amigos que fizeram parte disso e contribuíram com sua amizade, com sugestões e críticas o que me deixa muito grato por ter tantos amigos e peço que perdoem minha ausência nesse meu período pré-mestre.

Para minha família deixo aqui um agradecimento especial, pela paciência e compreensão, sei que não sou uma pessoa fácil em momentos de pressão. Um obrigado especial aos meus pais, Pedro e Maura, Guilherme meu irmão, ajudando sempre com edições no computador, que parecem impossíveis para mim. Minha esposa Valéria que decidiu compartilhar a vida comigo desde a adolescência escolar, segurando a barra quando me perco ou fico ausente com a cabeça mergulhada nos livros. Amo vocês incondicionalmente.

Não posso esquecer daqueles que me ajudaram diretamente neste trabalho: meu amigo/irmão Tercio Augusto, que me mostrou o PECIM e me ajudou muito em questões acadêmicas e burocráticas, minha amiga Rênnie Rossi que fez um trabalho maravilhoso lendo todo o texto e corrigindo cada erro despercebido de minha parte. Também sou grato aos grandes professores Cássio Correa e Rafael da Mata que foram os primeiros mestres a desvelar à Capela e me mostrar o quão complexa e bonita é nossa profissão. Sou grato também à professora Regiani Marsal que teve paciência comigo, revelando todo o histórico de sua família, desde a chegada à Capela, além de ceder fotografias do acervo pessoal. Agradeço todo o pessoal da escola C.I.C Eduardo Von Zuben e meus alunos que estiveram tão presentes em todos os momentos de elaboração desta dissertação.

No âmbito acadêmico, admiro e agradeço àqueles que conferiram prestígio e valor ao meu trabalho nos nomes do professor Maurício Compiani, professora Silvia Figueirôa, que desde a entrevista de ingresso no PECIM,

confiaram em minhas ideias. Também agradeço especialmente a professora Silvania Nascimento que atendeu meu convite prontamente, além da professora Maria Gebara e ao professor Rafael Straforini que contribuíram em muito daquilo que fiz neste trabalho, organizando o caos das minhas ideias para que eu as colocasse no papel.

Todos vocês mencionados aqui foram importantes e fazem parte agora do que sou. Um sincero obrigado e um forte abraço!

"Precisamos contribuir para criar a escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se cria, em que se fala, em que se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim a vida"

(Paulo Freire)



## RESUMO

TRENTO, P.R. "**A Capela é tudo isso para baixo, o resto é Vinhedo**": Uma proposta de pedagogia para o lugar. 2014. 120 p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, Orientador: Prof. Dr. Maurício Compiani.

Este trabalho busca analisar algumas questões relativas ao lugar de vivência e identidade dos alunos das escolas do bairro Capela, uma região periférica do município de Vinhedo, no estado de São Paulo. Cercado por condomínios fechados, estigmatizado socialmente, esse bairro possui uma história ocultada pelos poderes locais, que deve ser trabalhada em sala de aula, através de uma metodologia que valorize o lugar e seja dialógica e crítica. Para isso, trabalhou-se com os alunos um estudo do bairro, tendo como objetivo despertar uma reflexão desses estudantes sobre a dinâmica do espaço que habitam e produzindo conhecimento com esses alunos. Para tanto, foi utilizado um amplo referencial metodológico que permitiu uma multiplicidade de práticas durante as aulas de Geografia, entre elas: um pequeno questionário socioeconômico, atividades com pesquisa histórica local, trabalhos com fotografia, além da experiência vivida no cotidiano escolar e através de diálogos com pais e moradores da comunidade local.

Do ponto de vista teórico, tratou-se das complexas relações entre a identidade local, na escala do lugar, com relações de poder mais complexas e do papel da educação em busca de uma melhor compreensão do espaço de vivência dos estudantes com esses fenômenos locais/globais.

Baseando-se nos resultados dessa pesquisa qualitativa, evidenciou-se o grande desconhecimento por parte dos educadores e educandos da marcante história dos negros e migrantes intrarregionais no bairro, ocultada veladamente pela declarada origem suíça e principalmente italiana da cidade.

Dessa forma, espera-se contribuir para as pesquisas em educação como um todo, com um olhar mais atento às questões locais, produzindo reflexões e descobertas nos alunos e na comunidade, esclarecendo pontos ocultos da história de uma região que vem crescendo e possui uma importância enorme para a cidade de Vinhedo.

**Palavras-Chave:** Pedagogia crítica do lugar, Geografia - Estudo e ensino.



## ABSTRACT

TRENTO, P.R. **"The Capela is all that down, the remaining is Vinhedo": A proposal for a pedagogy for the place.** 2014. 120 p. Dissertation (Masters in Science and Mathematics Teaching). Faculty of Education, State University of Campinas. Campinas, Mentor: Prof. Dr. Marurício Compiani.

This paper aims to examine some issues about the place of experience and identity of the students of the Capela district, a peripheral region of the city of Vinhedo in the state of São Paulo. Surrounded by gated communities, socially stigmatized, this neighborhood has a story hidden by local authorities that must be taught in the classroom, through a dialogical and critical methodology that values the place. For this purpose, we conducted a study about the neighborhood with local students, aiming to encourage them to reflect upon the dynamics of the space they inhabit and producing knowledge with these students. To accomplish this, we used a broad methodological framework that allowed a multiplicity of practices during geography lessons, among them: a short questionnaire on socio-economical activities with local historical research and workings with photography, as well as experience in school life and through conversations with parents and local community residents.

From the theoretical point of view, it was the complex relationships between local identity, the scale of the place, with more complex power relations and the role of education in pursuit of a better understanding of students' living space with these local/global phenomena.

Based on the results of this qualitative research, there was great ignorance on the side of teachers and students regarding the remarkable history of black culture and intraregional migrants in the neighborhood, untruly declared by Swiss origin and especially the Italian origin of the city.

Thus, this paper is expected to contribute to research in education as a whole, with a closer look at local issues, producing reflections and discoveries in the students and the community, clarifying points of the hidden history of a region that is growing and that has huge importance for the town of Vinhedo.

**Keywords:** Critical Pedagogy of Place, Geography - teaching and study.



## **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1. Localização de Vinhedo SP.....	09
Mapa 2. Localização da área de estudo: Bairro Capela - Vinhedo/SP.....	11

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1. Pirâmide Etária de Vinhedo-SP em 2010.....	08
Gráfico 2. Origem dos migrantes da Capela por estado.....	24
Gráfico 3. Distribuição do número de alunos por bairro da região da Capela-Vinhedo-SP em 2013.....	26

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1. Quadro-resumo das atividades realizadas.....	19
Tabela 2. Os papéis didáticos das saídas a campo.....	54

## **LISTA DE FOTOGRAFIAS**

Fotografia 1. Portal de entrada da cidade com a bandeira italiana - Vinhedo/SP.....	03
Fotografia 2. Dona Aurora Sudário, Capela, Vinhedo/SP, 1996.....	06
Fotografia 3. Samba de Roda. Capela - Vinhedo/SP, 1996.....	06
Fotografia 4. Desenho da aluna Carolina, sexto ano.....	34
Fotografia 5. Desenho da aluna: Emily, sexto ano.....	34
Fotografia 6. Desenho do aluno: Bruno, sexto ano.....	35
Fotografia 7. Desenho da aluna: Natália, sexto ano.....	35

Fotografia 8. Saída dos estudantes pelo bairro.....	61
Fotografia 9. Perfil da escola, onde podemos observar a granja à esquerda e o brejo do córrego Morumbi.....	63
Fotografia 10. Primeira parada do trajeto, na trilha do bosque.....	65
Fotografia 11. Investigação da fauna e flora locais.....	66
Fotografia 12. Rua paralela ao córrego Morumbi.....	68
Fotografia 13. Réplica de um pequeno Castelo, no entorno da escola da Capela.....	69
Fotografia 14. Grande portão e murada do castelo na Capela.....	70
Fotografia 15. Retorno à escola.....	72
Fotografia 16. Trabalho com legendas, feito nas aulas de língua portuguesa, com as fotografias em exposição.....	74
Fotografia 17. Exposição das fotografias dos alunos para a comunidade.....	77
Fotografia 18. Debate em sala após o campo.....	77
Fotografia 19. Conversa pós campo sobre os problemas ambientais.....	82
Fotografia 20. Ações de plantio de mudas da mata ciliar local.....	93

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1. Imagem de satélite retirada do programa Google Earth, destacando a Escola C.I.C. Eduardo Von Zuben.....	44
---	----

Figura 2. Imagem de Satélite da região da Capela. Dentro dos círculos vermelhos condomínios fechados, nos quadrados azuis as Granjas e no círculo amarelo a localização da escola.....	46
Figura 3. Imagem de satélite sobre o bairro da Capela, destacando o trajeto realizado no estudo do meio.....	59
Figura 4. Sequência A de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos - exposição 2013. Vinhedo/SP.....	75
Figura 5. Sequência B de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos - exposição 2013. Vinhedo/SP.....	75
Figura 6. Sequência C de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos - exposição 2013. Vinhedo/SP.....	76

## **LISTA DE SIGLAS**

AUTOBAN - Concessionária do Sistema Anhanguera-Bandeirantes S/A

CETIC - Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

CIC - Centro Integrado de Cidadania

EIA - RIMA - Estudo de Impacto Ambiental - Relatório de Impacto ao Meio Ambiente

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio

FECOP - Fundo Estadual de Controle à Poluição

GIS - *Geographic Information System* (Sistema de Informação Geográfica, em português)

HSM Beagle - *His/Her Majesty's Ship* (Utilizou-se a sigla na Marinha Real Britânica, desde 1789 e refere-se aos navios do Reino Unido)

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

IDH-M - Índice de Desenvolvimento Humano Municipal

IPVA - Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores

MEC - Ministério da Educação

PIB - Produto Interno Bruto

PNUD - Programa da Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPP - Projeto Político Pedagógico

RMC - Região Metropolitana de Campinas

SARESP - Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

UNILEVER - Grupo anglo-holandês, Lever Brothers e Margarine Unie

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>CAP.1 - APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>01</b>
1.1 - Características Locais.....	04
<b>CAP.2 - INTRODUÇÃO E OPÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>13</b>
<b>CAP.3 - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO: BEM-VINDO À CAPELA.....</b>	<b>21</b>
3.1 - Relações globais no lugar.....	31
<b>CAP.4 - ATIVIDADES COM ESCALAS EM SALA DE AULA.....</b>	<b>43</b>
<b>CAP.5 - ATIVIDADES DE CAMPO.....</b>	<b>51</b>
5.1 - Estudo do Meio: minha história, minha escola e meu bairro.....	56
5.2 - Pós trabalho de Campo pelo Bairro.....	73
5.3 - Ressignificando a produção do conhecimento.....	79
<b>CAP.6 - RESULTADOS.....</b>	<b>87</b>

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>97</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE A - MINI CENSO DA ESCOLA.....</b>	<b>113</b>
<b>APÊNDICE B - PROJETO ESTUDO DO MEIO.....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO A - ENTREVISTA (CASAS) PROJETO ESTUDO DO MEIO.....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO B - ENTREVISTA (BOSQUE) PROJETO ESTUDO DO MEIO.....</b>	<b>120</b>

## 1 - APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve seu ponto de partida quando comecei a trabalhar na rede pública de ensino, mais especificamente na rede municipal de Vinhedo, no estado de São Paulo, no ano de 2007, onde estou até o momento como professor de Geografia da escola municipal C.I.C. Eduardo Von Zuben. Esta escola foi inaugurada no mesmo ano em que comecei a trabalhar como professor e fica localizada em uma região mais afastada do centro de Vinhedo. Durante as atribuições de aulas, naquele ano, ouviam-se resmungos que soavam como uma desqualificação e rejeição pela maioria dos professores mais antigos desta rede de ensino, ao serem designados para aulas no bairro, na chamada “escola nova da Capela” (chamada posteriormente apenas de C.I.C. - abreviação de Centro Integrado de Cidadania) já que, estes nitidamente preferiam a escola modelo do centro da cidade. Isso chamou minha atenção e foi para a escola C.I.C. a qual foram atribuídas minhas aulas e o meu cargo de professor de Geografia.

O bairro da Capela, em Vinhedo, é na verdade toda uma região periférica da cidade, englobando vários bairros, mas todos acabam recebendo essa mesma denominação generalizada de Capela. Do centro de Vinhedo até o início do bairro são somente pouco mais de 5 quilômetros, o que levaria aproximadamente dez minutos de automóvel. Entretanto, o que torna essa distância relativamente mais difícil de ser transposta é o relevo acidentado. A estrada da capela, trecho que liga o bairro até seus limites com outra região, é toda tortuosa, além dos quase 100 metros de desnível de altitude, da base do vale até seu encontro com o topo do caminho e divisor de águas, logo acima, chamado Estrada da Boiada. Um percurso muito penoso para se fazer a pé ou de bicicleta, entretanto muitos o fazem. Todos esses elementos geográficos, como relevo penoso e área periférica, fizeram com que os moradores da chamada região da Capela adotassem até mesmo um novo gentílico para o local: quem nasce na região da capela não é Vinhedense e sim, Capelense. Vinhedo é considerada, de modo irônico ou crítico, até mesmo outra cidade por

parte de alguns capelenses e, como isso aparece em muitos discursos dos moradores, optei (aconselhado pelos meus professores do mestrado) por escolher essa frase tão reveladora, dita por um aluno durante as aulas de geografia, para ser o título de minha dissertação: "A Capela é tudo isso para baixo, o resto é Vinhedo".

A questão da identidade do bairro da Capela parece ser muito forte e desenvolvida. Podemos encontrar facilmente nesta região comerciantes que nomeiam seus estabelecimentos associando-os ao nome Capela, como por exemplo, "Agropecuária Capela", "Mercado Capela" ou "Autoescola Capela". Foi criado até mesmo um jornal impresso que circula quinzenalmente, chamado Gazeta da Capela, tratando de assuntos locais. A importância dessa área para a cidade de Vinhedo deve-se muito à demografia. A Capela possui aproximadamente 22 mil habitantes chegando a mais de um terço do total da população do município, tornando-se um forte reduto de captação de votos nas eleições municipais, por isso, tem uma atenção especial por parte das autoridades públicas. Como consequência desta força política da área, o bairro conta com o próprio terminal de ônibus, rádio comunitária, hospital de pronto atendimento, agência dos correios, cinco escolas do ensino básico, creches, duas piscinas públicas, feira livre, campos e quadras para prática esportiva.

A localização do bairro próximo ao distrito industrial da cidade, cortado pela Rodovia Anhanguera, faz da Capela um local de fácil acesso às indústrias instaladas na região. Muitas dessas transnacionais se instalaram nesta localidade, criando empregos nos mais variados ramos e atraindo trabalhadores de toda parte, principalmente moradores da Capela. Ainda podemos notar uma forte presença de migrantes do norte do Paraná e de toda a região nordeste brasileira, seduzidos pela propaganda municipal e fortalecidos por reportagens como a apresentada em 19 de novembro de 2010 no Jornal Nacional da rede Globo, indicando Vinhedo como uma cidade de boa referência de administração pública no país e sexta melhor cidade no estado de São Paulo pelo índice de desenvolvimento humano municipal (IDH-M), do Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento (PNUD, 2010). Entretanto, é na Capela

também onde se registra o maior índice de violência do município e também de tráfico de drogas, amplamente divulgados nos jornais locais.

Outra forte característica da Capela é a grande presença da população negra, oriunda das antigas fazendas de café do município e da vinda de escravos dispersos dos quilombos da região, ao final do século XIX. Essa cultura negra foi suprimida até mesmo da história oficial da cidade de Vinhedo, que optou por intensificar a propaganda sobre a grande leva de imigrantes italianos, suíços e alemães de 1854. A Capela, como área periférica, de terras mais baratas, em seu início, concentrou a população mais pobre e negra e, mais tarde, os migrantes regionais que vinham em busca de trabalho no distrito industrial e na região de Campinas.

### **Fotografia 1. Portal de entrada da cidade com a bandeira italiana, Vinhedo**



Fonte: Prefeitura Municipal de Vinhedo, 2014. disponível em: <<http://goo.gl/WCjtfM>>

É visível que uma área tão complexa como a região da Capela em Vinhedo, com toda sua história de segregação racial, espacial e cultural nos bairros que a compõem, tenta encontrar uma forma de manter uma união, sem perder a diversidade, e todas essas inter-relações são transferidas ao ambiente

escolar local e que passam despercebidas pelos gestores, educadores e educandos. Assim, encontramos uma lacuna na formação dos alunos capelenses, e, a partir dessa problemática, torna-se necessário trabalhar com os alunos uma metodologia que destaque o local de vivência relacionando-a com questões mais globais que estão refletidas por ali, mas que é necessário um olhar mais apurado para compreendê-las. Nesta pesquisa também se buscou entender um pouco melhor a identidade do “lugar Capela” e quem são nossos alunos. Dessa forma, o problema de pesquisa buscou elucidar questões que envolvam o lugar de vivência dos alunos e suas relações com o mundo e as formas de poder inseridas no que é a Capela. Portanto procuramos responder neste trabalho se é possível estimular esse olhar geográfico do aluno sobre o entendimento da parte e do todo, trabalhando em uma forma de conhecimento que parta do aluno, com atividades de ensino que invertam a ordem lógica verticalizada da epistemologia do conhecimento, vinda do livro didático e do professor, assim partimos primeiramente das experiências cotidianas, para dessa forma adentrar as aulas de geografia. Além disso, essa pesquisa busca elucidar com os alunos toda a história oculta do bairro, e a dinâmica do lugar em que vivem, com o professor servindo de mediador desse conhecimento contextualizado ligando-o ao científico.

## **1.1 - CARACTERÍSTICAS LOCAIS**

Desde as primeiras ocupações locais, em meados de 1840, mas ainda com o nome de vila de Rocinha (distrito de Jundiá por onde o gado era levado pelo caminho de Goias), a futura cidade de Vinhedo, emancipada somente em 2 de abril de 1949, se desenvolveu em duas partes distintas, mas concomitantemente, sendo uma próxima à fazenda de café, chamada Fazenda Cachoeira e, mais tarde, junto à linha de ferro da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, e outra mais periférica próxima a uma capela, na região da Fazenda Santa Cândida e da Fazenda São Bento, também conhecida pelo

antigo nome de Quilombo da Rocinha, um famoso e representativo quilombo móvel na região de Campinas, formado nas décadas finais do escravismo<sup>1</sup>. A imigração de suíços, alemães e, principalmente, italianos por toda esta área, também se deu por volta desse período de intenso movimento populacional local.

Devido à ocupação histórica por parte de escravos e seus descendentes nesta área, a região da Capela é o local onde sempre existiu uma cultura africana, apesar de ignorada pela pequena parcela branca com o poder político desde o início. Atualmente, existe um grupo familiar local que pesquisa a cultura negra no bairro, fazendo um levantamento histórico e lutando pela identidade negra do lugar, através de registros fotográficos, depoimentos e experiências familiares de pessoas descendentes dos escravos desta região, como: de Inhá Murícia (escrava do Barão de Jundiá, que cozinhou para Dom Pedro II e faleceu com mais de 100 anos na Capela), Dona Aurora Sudário (famosa benzedeira e uma das primeiras pessoas a se instalar no bairro, falecida em 1997) e outros familiares que mantêm o tradicional samba de roda, com instrumentos herdados dos mais antigos.

---

<sup>1</sup> - Dados extraídos do artigo de SANTOS, Ronaldo Marcos dos. Escravismos na Província de São Paulo. O Estado de São Paulo. 12 mai. 1988.

**Fotografia 2. Dona Aurora Sudário. Capela - Vinhedo/SP, 1996.**



Fonte: Acervo particular da Família. Foto cedida por Regiani Marsal, Vinhedo/SP.

**Fotografia 3. Samba de Roda. Capela - Vinhedo/SP, 1996.**



Fonte: Acervo particular da Família. Foto cedida por Regiani Marsal, Vinhedo/SP.

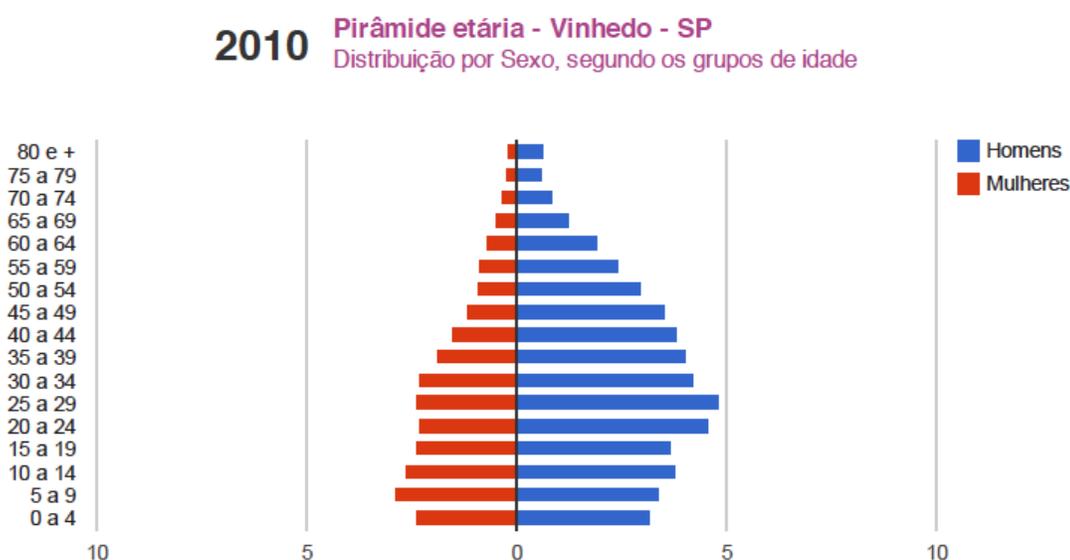
Entre os bairros que compõem a Capela, existe o Palmares (onde mora grande parcela dos alunos do CIC - ver gráfico na página 19), que homenageia, com o nome de suas ruas, pessoas negras de Vinhedo que residiram por ali, além do nome do bairro que faz alusão ao famoso quilombo. No pouco histórico oficial que encontramos sobre os negros em Vinhedo, segundo a Associação Cultural de Vinhedo, em seu livro "Cores e sabores de Vinhedo: um tributo às etnias", [...] "muitas famílias negras se estabeleceram na Rocinha, pois foram conquistados de tal forma pela boa acolhida, que adotaram o local, particularmente o bairro da Capela, como seu lugar no mundo" [...]. É ali que também encontramos uma praça que foi nomeada como Praça Aurora Sudário e, em 2009, Dona Aurora virou patrimônio imaterial da cidade de Vinhedo.

Em meados da década de noventa, a cidade ampliou-se no distrito industrial, com a instalação de grandes empresas multinacionais, como Unilever, Perfeti Van Melle, Texiglass, Kärcher e Volkswagen, o que atraiu muitos migrantes em busca de trabalho, principalmente na região da Capela, que se localiza próximo a esse distrito industrial. Essa informação é confirmada pelos dados recentes do Censo 2010, revelando que 58% dos moradores de Vinhedo são migrantes de outros estados. Essa época foi o início de um ciclo de grande prosperidade econômica na cidade, que só tem se intensificado nos últimos anos. Há quem diga que a cidade atualmente vive seu melhor momento socioeconômico, juntamente com vários outros municípios ao redor do país. E de fato, os dados mostram isso, pois a cidade de Vinhedo, segundo dados do IBGE, surpreende na evolução dos seus índices, a começar pelo PIB da cidade, que de 2000 a 2008 mais que dobrou, passando de R\$ R\$1,9 bilhões para R\$ 4,5 bilhões. A população também praticamente dobrou em 10 anos, passando de 33.612 habitantes no ano 2000 para 63.685 pessoas em 2010. O salário médio do trabalhador vinhedense atualmente é de R\$ 1.830,00, bastante acima da média da Região Metropolitana de Campinas (RMC), que é de R\$ 1.052,00. Possui o maior PIB per capita (R\$90 mil/ano) da RMC, um carro para cada 1,27

habitantes e um dos menores índices de pobreza (6,2%). Vinhedo também é a cidade que mais arrecada IPVA per capita (R\$242,78 por habitante) e possui a 6ª maior taxa de arrecadação deste imposto dentre todas as 19 cidades da RMC.

Um dado novo sobre a cidade de Vinhedo, que corrobora este trabalho, é a mais recente pirâmide etária do município, divulgada no Atlas do Desenvolvimento Humano (PNUD, 2013), que mostra um enorme desequilíbrio entre o número de homens e mulheres, como podemos ver no gráfico:

**Gráfico 1. Pirâmide Etária do Município de Vinhedo, 2010.**



Fonte: Pirâmide Etária do Município de Vinhedo. Atlas do desenvolvimento humano. PNUD, 2013. Disponível em: [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/vinhedo\\_sp](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/perfil/vinhedo_sp).

Comparando essa pirâmide etária com as das últimas décadas, juntamente com o alto crescimento econômico local, no seu braço mais visível, o distrito industrial de Vinhedo na região da Capela, nota-se uma maior quantidade de homens, o que pode indicar a possibilidade de que muitos homens migram sem a família, deixando suas mulheres e filhos em suas cidades de origem, chegando em Vinhedo e região, atrás das crescentes vagas de empregos nas multinacionais instaladas por aqui. Entretanto, é preciso uma pesquisa mais aprofundada para tirar melhores conclusões sobre a situação da pirâmide etária de Vinhedo, possibilitando dessa forma, que seja investigada com os alunos nas aulas de geografia da população.

A cidade também possui diversas outras características que a tornam geograficamente privilegiada. Primeiramente, está localizada a 72 km de São Paulo e a 35 km de Campinas. A cidade é servida por duas das mais importantes rodovias do país, Anhanguera (que em sua construção recebeu ajuda dos moradores da Capela, em 1948) e Bandeirantes, e está a apenas 17 km do aeroporto de Viracopos (Ver MAPA 1 abaixo). O município de Vinhedo é relativamente pequeno, com apenas 82 km<sup>2</sup> de área, possuindo um grau de urbanização de 98,5%, praticamente não existindo uma zona rural na cidade, forçando com que os vinhedos, que dão nome a cidade, sobrevivam em escassos sítios. A taxa de mortalidade infantil é de 3,6 por mil nascidos vivos (a taxa nacional é de 15,6 mortes a cada mil) e o índice de alfabetização é de 96,8% da população (PNUD, 2013).

#### **MAPA 1 – Localização de Vinhedo (SP)**



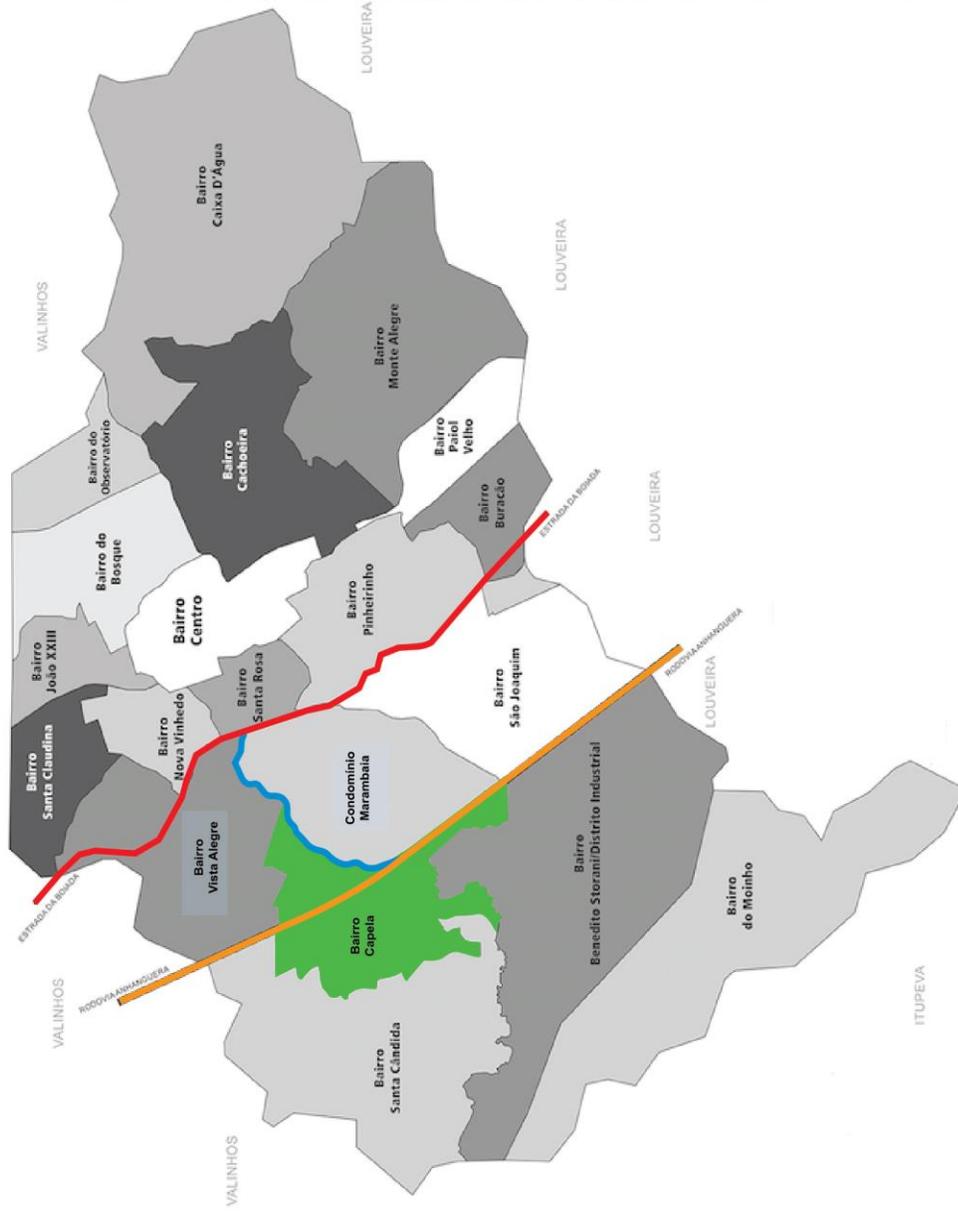
Fonte: Adaptado de Mapa-RMC. Disponível em: <http://goo.gl/T78OM>. Acesso 07/2013.

Nota-se, portanto, em Vinhedo, uma situação onde a prosperidade econômica é evidente. Entretanto, segundo dados do Atlas do desenvolvimento

humano no Brasil 2013, também fica fortalecida a concentração de renda, aumentando a diferença entre os mais ricos e os mais pobres. Estes, por sua vez, estão situados historicamente na região da Capela: são trabalhadores das indústrias locais, grande parte migrantes e também muitos negros, o que acaba por estigmatizar socialmente o bairro, que é visto com preconceito pela parte com ascendência europeia e moradora dos condomínios na parte central e mais alta da cidade, detentores dos poderes políticos e econômicos locais. A estigmatização social ocorre em diversas escalas, seja ela no plano individual, quando o sujeito revela-se morador da Capela, como no plano espacial e de conjunto, pois todo o bairro é visto de forma pejorativa pelo restante da população vinhedense, discurso esse, enraizado mesmo dentro da rede municipal de ensino, na comunidade, além de refletido nas ações de âmbito político, como será visto nos capítulos seguintes.

A seguir é apresentada a localização da área de estudo (MAPA 2), destacando o bairro da Capela e seus arredores, cercado por condomínios e pelo grande distrito industrial de Vinhedo. Este mapa base também é utilizado em minhas aulas de Geografia, juntamente com imagens de satélite, no início do ano letivo do sexto ano, quando se trabalha o lugar de vivência e paisagens.

**Mapa 2 - Localização da área de estudo (bairro Capela - Vinhedo - SP)**



**Legenda**

- Estrada da Boiada
- Estrada da Capela
- Rodovia Anhanguera
- Bairro da Capela



Escala 1 : 20.000

Fonte: Prefeitura Municipal de Vinhedo - SP  
 Elaboração: TRENTO, P.R.  
 Data: Dezembro, 2013.



## 2 - INTRODUÇÃO E OPÇÕES METODOLÓGICAS

Nesta pesquisa, os pressupostos de Vygotsky e Bakhtin colaboraram em uma série de questões, e contribuíram para traçar uma metodologia dialógica<sup>2</sup> com os alunos e comunidade, evidenciada na forma com que foi trabalhada uma pedagogia crítica do lugar, entretanto, o padrão educacional atual não valoriza temas ligados ao local, tornando necessário que em um ambiente escolar, que possui um valor social/político, se valorize a conexão entre escola e lugar, esclarecendo que a parte local também faz parte de um todo global, compreendendo em grande parte de suas potencialidades e relações.

Dessa forma, para se trabalhar com os alunos, foi escolhida uma metodologia crítica, apoiada na pedagogia do lugar, que valorize o local de vivência e o espaço do cotidiano, procurando preencher à lacuna que há entre os estudantes do bairro quanto ao seu entendimento das relações de poder globais e seus reflexos no seu cotidiano, produzindo dessa forma conhecimento oriundo do próprio contexto dos estudantes. A pedagogia do lugar estimula um novo olhar para a forma com que o espaço geográfico, simultaneamente, reflete e reproduz relações sociais de poder e dominação. Alguns autores como GRUENEWALD (2003a) e COMPIANI (no prelo, 2007, 2014) colocam a pedagogia do lugar como essencial para que haja uma escola crítica mais consciente do espaço em que vive, contribuindo para a produção de discursos que tratem do lugar e suas especificidades, resultando em ações mais práticas e transformadoras do espaço.

Para MASSEY (1999) o espaço é um produto das inter-relações e interações desde o global até o minúsculo, e como "esfera da possibilidade da existência da multiplicidade" e está sempre em construção, será sempre aberto e inacabado, portanto passível de ações que promovam uma transformação. E essas ações devem ser muito mais que meramente políticas, mas entendê-las

---

2 - Aqui dialógica é utilizado no sentido de participação mútua em um diálogo, mediada pela palavra, entre professor e alunos.

como produtos de relações de diálogo e que só podem existir em um espaço aberto, sem algo em definitivo. Assim, a identidade de um lugar como a Capela está em constante mudança, com o futuro aberto a muitas possibilidades, ao contrário do que o olhar do outro (de fora) estabelece para o bairro, e mesmo esse "outro" com sua visão preconceituosa em relação à Capela, é um produto dessas inter-relações na multiplicidade, nesse sentido Massey aponta que "por isso devemos ser prudentes a respeito de reivindicações de autenticidade baseadas em noções de identidade imutável. Ao contrário, ela propõe um entendimento relacional do mundo". Em outro artigo, Massey (2000) discute a função do lugar no mundo globalizado e afirma que o conceito de lugar atualmente deve ser livre da ideia de uma comunidade coerente e munida de homogeneidades, sendo o lugar um processo com singularidades oriundas da globalização, de um mundo mais amplo e de suas relações sociais, ocasionando no espaço local um desenvolvimento geográfico de maneira desigual.

A geografia escolar atual é vista ainda, de uma forma pejorativa, como uma disciplina que recorre a inventários naturais, ligada a aspectos físicos do território, restando pouco espaço dessas aulas para o debate social para o qual é intrínseca. Como afirma GEBRAN (1996 apud STRAFORINI, 2001, p. 24), "a geografia escolar precisa deixar de ser apolítica, pois ela é justamente um modelo político conservador, produtor de uma cidadania contemplativa, inerte". O papel de uma aula de geografia, através de uma metodologia que destaque o lugar de vivência e suas possibilidades, caminha contrário a esse modelo inerte e despolitizado de aula tradicional. STRAFORINI (2001) salienta o quanto um modelo tradicional reforça com a passividade:

O objetivo da escola tradicional é a transmissão de conhecimento, ou seja, uma preocupação conteudista. Desta forma, o aluno é visto como um agente passivo, cabendo a ele decorar e memorizar o conjunto de conhecimentos previamente selecionados, significativos da cultura da humanidade, que é transmitido pelo professor em suas aulas expositivas. O mundo é uma externalidade ao aluno, ou seja, não é dado a ele a possibilidade de inserção no processo histórico. (STRAFORINI, 2001, p.28)

Muito do esquecimento desse viés social, mais voltado para o crítico e político, obteve suporte em ideias nas quais os estudantes desse nível de ensino, como o trabalhado nesta pesquisa, não tenham requisitos ou desenvolvimento psicológico para tais abstrações e não estejam preparados para um debate político. Algumas dessas ideias ainda foram reforçadas por obras como a de PIAGET (1986) e sua classificação do desenvolvimento da linguagem e pensamento da criança, e de acordo com STRAFORINI (2001, p.47) a "fundamentação teórica construtivista proposta por Piaget pôde ter contribuído para esse equívoco, uma vez que a ação da criança sobre o objeto a ser estudado é fundamental para sua aprendizagem". Assim, as ações metodológicas tomadas nas aulas devem permear o meio político-social e a partir disso, se dará o contato dos alunos com temas ligados a realidade local, compreendendo-os como parte de um todo e que necessitam de ações práticas, rompendo as contradições desses espaços desiguais reproduzidos na escola tradicional. Se o ponto de partida, para se trabalhar o abstratismo do debate político, for tardio, deixado para finais do ensino médio ou ensino superior, então esse momento escolar nos anos iniciais será meramente decorativo e a transformação individual e local que desejamos, transcorrerá tardiamente.

No construtivismo piagetiano o mundo abstrato só é capaz de ser ensinado na adolescência, isto é, quando o desenvolvimento cognitivo está mais avançado e coerente com o nível de maturidade (PIAGET, 1970), entretanto muitos autores, como VIEIRA (2000), STRAFORINI (2001), CALLAI (2003a) e PONTUSCHKA (2004a) colocam as aulas de geografia como ponto inicial para esse entendimento, através da análise da lógica espacial local, contribuindo e reforçando para a aprendizagem de forma mais eficiente, partindo da compreensão do local:

A compreensão da organização espacial da sociedade far-se-á de forma mais concreta à medida que o professor iniciar os estudos desta organização a partir da análise dos elementos presentes na realidade espacial vivida pelo aluno, pois isso faz com que o aluno se envolva mais com os estudos e se encontre

como sujeito social ativo dentro de sua realidade, conseguindo realizar generalizações importantes sobre a realidade espacial global. (VIEIRA, 2000, p.26)

Se partirmos da teoria piagetiana para entender relações mais globais, fica difícil uma explicação, já que ela recorre a todo momento às relações mais íntimas e pessoais do espaço próximo ao aluno, então como entender como se dá a construção de conceitos mais abstratos e distantes? Segundo Straforini (2001, p.73), fica impossível encontrar nas obras de Piaget algo que sustente esse tipo de indagação ligando a parte ao todo, e é na obra de VIGOTSKY (1991) onde encontra-se fundamentos para tal. Através da ZDP, Zona de Desenvolvimento Proximal, isto é, uma fase entre o que a criança consegue fazer de atividades sem ajuda e onde a criança precisa que haja a mediação de um professor ou um colega mais experiente para resolver um determinado problema, destacando a interação social nesse aprendizado entre professor/aluno e adulto/criança. Dessa forma, durante as aulas de geografia, através da mediação do professor, o contato com o político e social deve ser posto em debate, pois o aluno possui uma experiência local que necessita ser mediada pela escola para que ele compreenda as relações e interações em que está inserido, e não há momento melhor que suas primeiras aulas de geografia, para desenvolver esse olhar crítico, onde o professor apresenta fenômenos locais que facilitam o entendimento do aluno de questões mais abstratas e longínquas do mundo em que vive.

A ação pedagógica realizada neste trabalho possui uma intencionalidade, e é na prática escolar ou em um ambiente de aprendizagem, onde há maior espaço para uma mediação de temas sociais do local e suas inter-relações. Em seus estudos apoiados em Vygotsky, FONTANA (2005) debate as múltiplas relações entre o saber e prática, na elaboração científica do conhecimento e nas práticas do contexto escolar, e escreve que a escola não é um local de aplicação (de teorias acadêmicas), mas um espaço onde ocorrem as relações de ensino, possibilitando o acesso às formas sistematizadas de

organização da atividade cognitiva e como resultado desse processo, ocorrem as transformações.

Partindo desses princípios, optou-se como objetivo desta pesquisa por desenvolver uma metodologia, como forma de mediação, que trabalhe no contexto local dos alunos, colocando-os como produtores do conhecimento escolar, evidenciando o lugar de vivência e as relações de território e poder que ocorrem ali, em suas variadas escalas, refletidas na história da Capela e conseqüentemente de seus habitantes e que contribua com um desenvolvimento do olhar para o lugar e do entendimento da complexa dinâmica das forças políticas e de poder, que definem o espaço tal como ele é atualmente, marcado por contradições, negações e omissões. Assim, estuda-se o lugar para compreender suas relações de poder, logo, de território.

Partindo de como é o cotidiano desses alunos, trabalhamos em sala de aula ou no campo, com problemáticas impactantes diretamente na vida do estudante, como as dinâmicas migratórias, questões ambientais, políticas e sociais. Para isso buscamos a todo o momento romper com os documentos curriculares engessados, construindo atividades de ensino que produzam conhecimento escolar, invertendo a lógica epistemológica, isto é, rejeitando um conhecimento pronto, vindo de um livro didático inalterável e sem que haja investigação por parte dos alunos. Ao nos afastarmos desse modelo epistemológico tradicional, tornamos esse tipo de saber mais duradouro para os estudantes, entretanto infelizmente são pouco desenvolvidos pelas escolas, já que são considerados conhecimentos inferiores ou de segunda mão, como aponta LOPES (1999, p.20). Segundo a autora "tende-se a considerar qualquer transformação do conhecimento científico no contexto escolar como um erro ou, ao menos, uma simplificação problemática". Combatendo essas considerações sobre o conhecimento científico-escolar, buscou-se seguir por um caminho que viabilizava a vivência no bairro, experimentando situações em que poderiam atuar professor e alunos conjuntamente na produção do conhecimento científico, onde haveria participação da comunidade, como também de outros professores e gestores da escola. Foram preferidos trabalhos co-participativos, pois não há

sentido o debate do lugar, sem que haja a participação dos principais interessados e protagonistas que vivem na Capela.

Foi necessário para se debater o lugar, delinear um perfil de quem eram os estudantes, e através deles, conhecer melhor as famílias que vivem por lá. Tornou-se relevante, portanto, uma análise do quadro socioeconômico da escola, algo que nunca havia sido feito. Não se tratou apenas de levantar dados estatísticos, mas algo que se pudesse discutir com os alunos dentro das aulas de geografia, e mediar situações geográficas que envolvessem o contexto do lugar, além de contribuir com a comunidade escolar, no sentido de conhecer quem são os alunos desta escola. Muitos conceitos sobre paisagem, lugar e espaço foram trabalhados e já estavam presentes dentro do currículo da disciplina de geografia. A forma de conduzir o trabalho foi partir de problematizações contextualizadas com o local de vivência dos alunos, sempre permitindo que as expressões iniciais partissem da própria experiência deles no bairro, trazendo elementos do cotidiano, valorizando as formas espontâneas de participação nas aulas, relacionando a partir do cotidiano, o científico presente ali.

Dentre as atividades, foi realizada uma saída de campo, possibilitando trabalharmos o conhecimento local, com diferentes temas de estudo, onde variando o olhar pudemos variar a escala, do micro ao macro, indo desde a análise de micro-organismos e botânica até a escala territorial e da paisagem do bairro, trabalhando o olhar qualitativo inato à geografia, pois ao se falar da identidade da Capela e da diversidade contida nela, entendemos que nada mais é do que uma questão escalar, onde verificamos as relações entre a parte e o todo, ou seja, um princípio de totalidade que conduza e direcione nossos estudos. A saída a campo teve vários objetivos, como veremos a seguir, mas o principal deles é o de ressignificar a produção do conhecimento, fomentando nos alunos discussões sobre o conhecimento local e o conhecimento científico, partindo de ações sobre o lugar vivenciado pelos alunos, ganhando centralidade nas atividades em sala e em campo. STRAFORINI (2001, p. 22) acredita que são necessárias novas metodologias

que rescindam com o ensino tradicional "[...] Para que essa visão de mundo possa chegar a sala de aula é preciso romper com a Geografia Tradicional, [...] a metodologia a qual propomos caminha em direção contrária a fragmentação e hierarquização do espaço em escalas estanques [...] isoladas e estremadas de qualquer relação entre si". Assim como o trabalho de Straforini (2001), essa pesquisa foi marcada também, durante todo o processo, pelo rompimento com a Geografia tradicional, por uma análise crítica da história local e de análise da forma com que o espaço geográfico é organizado na Capela, procurando romper com os pré-conceitos sobre o bairro, disseminados por moradores, alunos e até mesmo educadores e gestores.

Portanto, serão apresentados neste quadro resumo na próxima página e nas seguintes, as atividades realizadas com os alunos em sala e em campo, procurando romper com a Geografia tradicional e inverter a ordem epistemológica do conhecimento científico e da cultura deste currículo dominante atual, desconectada da realidade escolar, como também relatar um pouco da experiência de trabalho como professor de geografia na região da Capela, além dos resultados alcançados com todos os envolvidos nesta pesquisa.

**Tabela 1. Quadro-resumo das atividades realizadas**

<b><u>Tipo de Atividade</u></b>	<b><u>Duração</u></b>	<b><u>Objetivos</u></b>	<b><u>Resultados</u></b>
<b><i>Mini - Censo (questionário socioeconômico)</i></b>	2 aulas - aplicação; 3 aulas - tabulação de dados e construção de gráficos; 2 aulas - debates;	- traçar um perfil dos alunos; - conhecer a comunidade local;	- melhor compreensão de quem são nossos alunos; - construção de conhecimento partindo dos dados locais;
<b><i>Imagens de satélite</i></b>	2 aulas;	- auxiliar na construção de conceitos teóricos geográficos de território, lugar e identidade;	- visão espacial da Capela e Vinhedo; - melhora na compreensão de conceitos chaves geográficos;
		- revelar suas	- melhora no

<b><i>Desenhos do bairro</i></b>	2 aulas;	experiências e impressões locais;	entendimento do conceito global e local;
<b><i>Trabalho de Campo e pós campo</i></b>	2 tardes (12 aulas) - campo; 3 aulas - pós campo;	- trabalho interdisciplinar; - estudar as modificações do espaço no tempo; - reflexão sobre o que é a Capela;	- conhecemos os arredores da escola; - mapeamos situações de problemas socioambientais; - proposta de ações futuras;

Fonte: Organizado pelo autor, 2013.

### **3 - QUESTIONÁRIO SOCIOECONÔMICO: BEM-VINDO À CAPELA**

A escola C.I.C. no bairro da Capela, é uma escola de construção recente, com apenas seis anos de existência. Nunca houve um levantamento socioeconômico dos alunos, por parte da escola, para que pudéssemos traçar um perfil dos alunos e da comunidade que a frequenta. Procurei, portanto, construir um questionário deste tipo, o qual foi chamado de "Mini-Censo Escolar", já que poderia enquadrar esta atividade dentro dos estudos de Geografia da População, conteúdo trabalhado oficialmente com os sétimos anos, em todo início de bimestre, mas recorrente também em todos os temas de outros anos escolares. Para se construir um questionário socioeconômico é preciso elaborar questões que tragam resultados relevantes dos sujeitos investigados, e dessa forma, optei por utilizar questões que já foram validadas por questionários socioeconômicos como do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo (SARESP). Somente questões locais foram adicionadas ao Mini-Censo escolar, todas as outras foram baseadas nestes questionários de ampla escala.

Nosso Censo<sup>3</sup> foi dividido em duas partes, uma primeira parte com informações sobre o entrevistado, no caso os alunos, e outra parte com questões sobre a escola e o bairro. Decidi aplicar um questionário para algumas turmas em 2012 e com o resultado analisar o perfil desses alunos e um pouco do próprio bairro, procurando traços da identidade local, capelense. A amostragem desse questionário, foi realizada com 235 alunos de sextos, sétimos, e oitavos anos, o que equivale a 26% do total de alunos da escola (incluindo Fundamental I), entretanto essa porcentagem é maior, quase 43%, se considerado apenas o ensino Fundamental II. O questionário começa com questões de gênero e idade. A quantidade de meninos ficou um pouco acima das meninas, em cerca de 15 alunos, e suas idades variam entre 11 e 15 anos. Com os dados etários consegui verificar que em algumas salas a variação era

---

3 - Conforme é possível verificar no "APÊNDICE A" deste trabalho, p.113.

enorme, por exemplo, em um dos sétimos anos que tínhamos alunos de 11 anos de idade estudando com outros de 15 anos. A disparidade etária é algo relevante dentro de uma sala de aula, pois enquanto alguns alunos estão amadurecendo conceitos, construindo relações sociais, e procurando compreender o ano escolar, outros mais experientes não têm a mesma paciência, ou disposição para entender os mais jovens, onde até mesmo a força física influencia nas tomadas de decisões dentro da sala, muitas vezes como uma liderança negativa perante os outros alunos. Grande parte dessa disparidade etária é resultado de sucessivas (e massivas) reprovações de alunos, durante esses seis anos de existência da escola, pois na rede municipal de Vinhedo não há o sistema de progressão continuada, além de muitos desses alunos, fora da idade ideal, são migrantes e carregam consigo reprovações de suas escolas de origem.

Em resposta ao alto número de alunos com idade defasada em relação ao ano escolar indicado à sua faixa etária (segundo à secretaria de educação), foi criado em 2012, inicialmente somente nas escolas da região da Capela, um projeto para reunir esses alunos mais velhos que são produtos do fluxo migratório no município. Intitulado de projeto "Novo Tempo", os alunos mais velhos são separados de suas salas originais, formando novas classes de aceleração. O projeto recebeu inúmeras críticas dos professores que lecionam nessas novas turmas, ao mesmo tempo que alguns professores, que não trabalhavam mais com esses alunos em suas salas, apoiaram essa segregação. O projeto não é inovador e tampouco eficiente, pois para que os alunos saltem um ano escolar, o conteúdo é reduzido, com apenas duas aulas de geografia/história por semana (normalmente são quatro aulas), além da falta de professores que recusam aulas designadas para essas turmas, chegando a situações limites como não haver professor de língua portuguesa antes do término do primeiro semestre. Esse projeto educacional foi indicado ao Programa Talentos da Educação, da Fundação Lemann, pois os dados quantitativos que a prefeitura municipal de Vinhedo divulga e envia ao Ministério da Educação (MEC), revelam progressões numéricas satisfatórias, mas que

ocultam as incongruências e contradições escolares ligadas ao lado qualitativo do ensino.

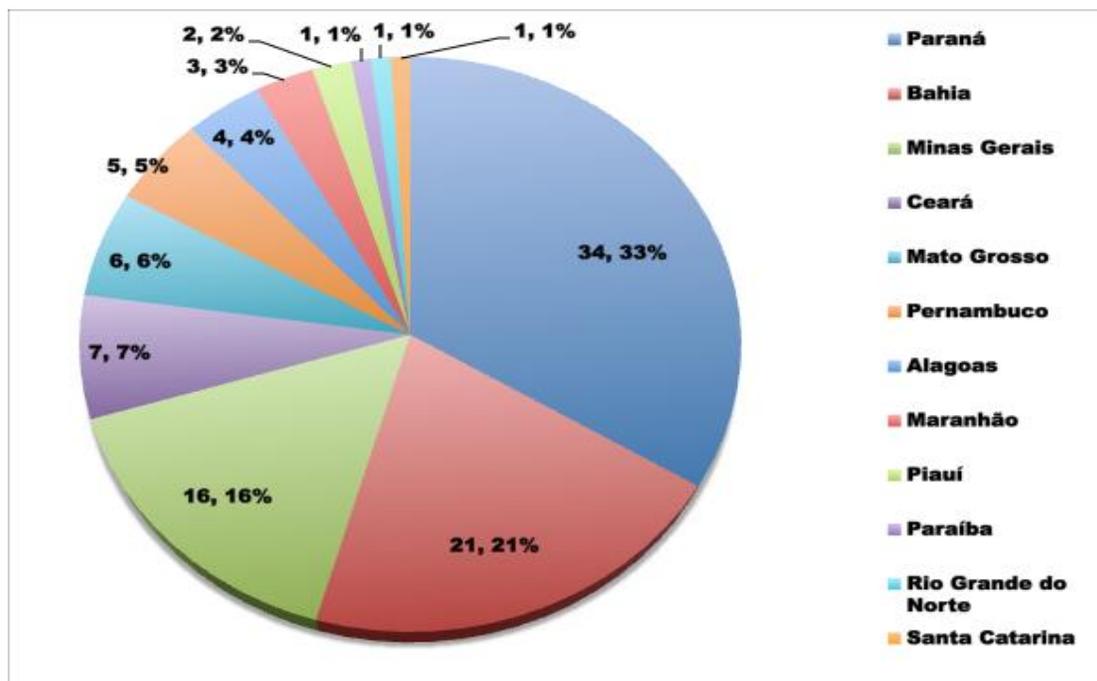
Voltando à terceira pergunta do questionário, temos o seguinte: "Até quando seu pai e mãe estudaram?", e propunha níveis de respostas desde "não estudou" até o "ensino superior completo". Esta questão, extremamente relevante quando se trata de elaborar um perfil socioeconômico do aluno, corrobora a ideia de que o bairro é um local de mão de obra não qualificada, trabalhando nas indústrias da região, e que não terminaram os estudos. O resultado mais relevante foi que do total de alunos, 39% responderam que o pai tem apenas o ensino fundamental incompleto (da antiga 1ª até a 4ª série), enquanto 34% das mães também estudaram apenas até a 4ª série. Já se considerarmos com todo o fundamental completo (até o 9º ano) tivemos um número maior de mulheres, 25%, contra apenas 17% dos homens que terminaram este ciclo. De todos os questionários, encontramos apenas 15 pais com ensino superior, ou seja, 6% do total respondido. Uma das observações que podem ser feitas é o grande número de alunos que não sabem a escolaridade do pai. Ao questioná-los em sala, do porquê da ausência de respostas, a maioria afirmou que seus pais são separados e não tem notícias dele ou que simplesmente não o conheceu. Dessa forma, podemos afirmar que os alunos do C.I.C. possuem pais com escolaridade baixa e incompleta, que não terminaram o ensino básico, pois somadas todas as respostas, mais da metade dos pais estão incluídos apenas no ensino fundamental I e II.

Quando escolhi me apoiar em questionários já prontos e validados em grande escala, como o Saesp e o Enem, não imaginava que encontraria problemas com a compreensão das questões. Entretanto, a questão sobre o número de irmãos foi alvo de questionamentos pelos alunos, pois a dúvida estava no termo "irmão", o que gerou perguntas dos estudantes, do tipo: "irmão somente de pai também conta?", ou em outro caso: "meu irmão não é irmão de verdade professor, sabe de sangue, coloco ele?". Nosso padrão estático de família mostrou-se enraizado até mesmo nesses questionários socioeconômicos, e o que fugia desse falso padrão não era contemplado. Esse

novo conceito de família para o IBGE, tornou-se mais detalhado apenas a partir do censo de 2010, reflexo da mudança estrutural dos grupos familiares, onde um novo recorte foi utilizado, abarcando famílias de pais divorciados, lares em que os filhos são de apenas um dos cônjuges, criados por parentes ou famílias formadas por pessoas do mesmo sexo. No âmbito dos questionários socioeconômicos ligados ao ambiente escolar, como o SARESP, Prova Brasil e ENEM, ainda nenhuma dessas mudanças conceituais estão presentes, gerando conflitos. E os alunos perceberam isso e criticaram de forma positiva essa estagnação do conceito do que é uma família. Decidimos, na aula de Geografia, que poderiam incluir também os irmãos somente de pai, ou mãe, e também aqueles que não eram irmãos biológicos, abrindo para forma de família que eles desejassem.

A nona questão esclareceu alguns questionamentos sobre a migração para o bairro da Capela. As respostas, surpreendentemente, indicaram o oposto daquilo que a maioria dos cidadãos vinhedenses acredita, pois os resultados mostraram que a maior parte dos pais dos alunos da Capela não vieram da região nordeste, mas da região Sul e Sudeste.

**Gráfico 2. Origem dos migrantes da Capela por estado**

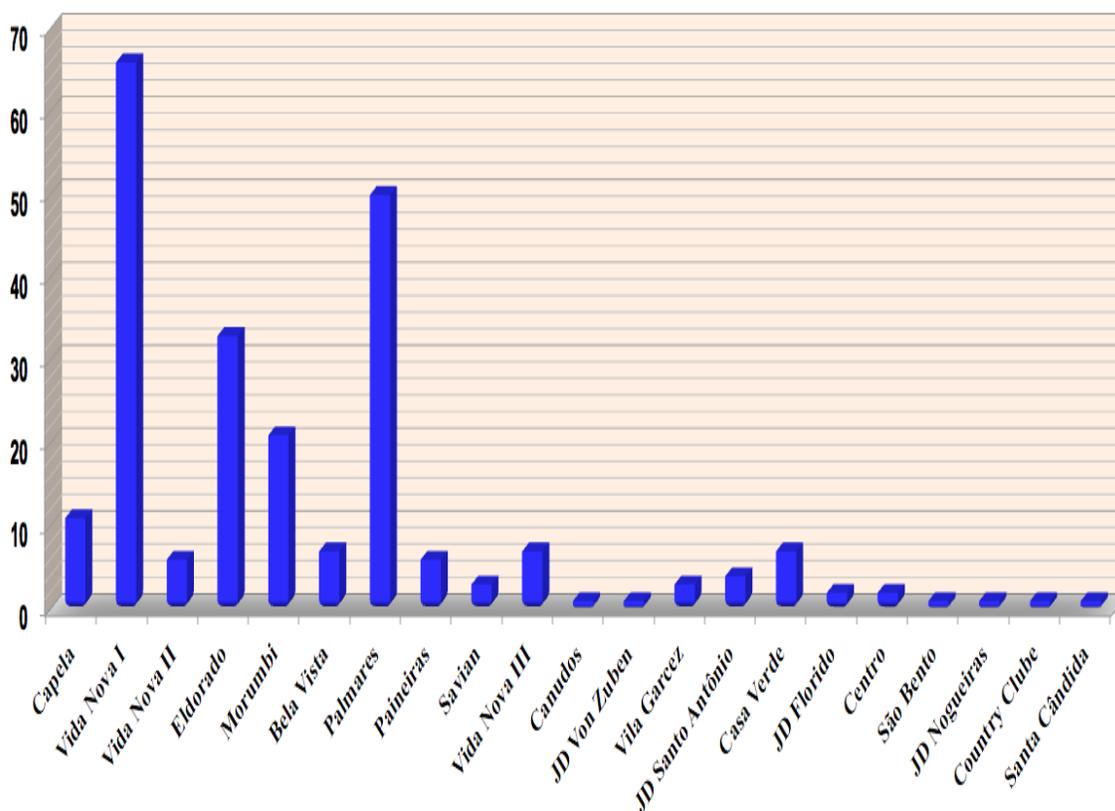


Fonte: Organizado pelo autor. Origem dos migrantes da Capela por estado, 2013.

Se somados os números de migrantes oriundos da região Sul (Paraná e Santa Catarina) com aqueles vindos do Sudeste (Minas Gerais), chegaríamos a 51% das migrações para o bairro, e nem mesmo somados os números de vários estados do nordeste chegaríamos à outra metade de migrantes. O resultado do questionário espanta aqueles que acreditavam que o bairro era um reduto nordestino, e mostra-se muito mais plural do que aquilo que se estigmatiza como regra social para o lugar. Os reflexos dessas migrações podem-se ver durante todo o ano letivo, para o qual recebemos matrículas de alunos das mais variadas regiões do país, já que seus pais quase sempre vêm atraídos pelas ofertas de empregos na região e qualidade de vida do município de Vinhedo.

Como a região da Capela é bastante ampla, a questão 11 procurava mapear o local de moradia desses alunos. A pergunta era "em que bairro da região da Capela você mora?", e sugeria como resposta 7 bairros mais próximos e que se acreditava possuírem o maior número de alunos. O *feedback* foi revelador, pois muitos alunos reclamavam que seu bairro não estava contemplado nas opções de respostas. Assim, abrimos as respostas para que colocassem seu bairro na opção "(H) Outro bairro", e para minha surpresa obtivemos um total de 21 bairros, triplicando o número de possibilidades propostas, e mostrando a diversidade de bairros que a escola abrange. O gráfico ilustra a distribuição de alunos por bairros da região da Capela:

**Gráfico 3. Distribuição do número de alunos por bairro da região da Capela**



Fonte: Organizado pelo autor. Distribuição do número de alunos por bairro da região da Capela-Vinhedo-SP, 2013.

Como resultado, constatei que a maioria dos alunos realmente vinha de um bairro vizinho da escola, o Vida Nova I. Em segundo lugar, um bairro mais afastado e que se precisa de ônibus para chegar até a escola, sendo este o bairro Palmares, e na terceira posição outro bairro vizinho, o Eldorado. Curiosamente o bairro com o nome oficial de Capela, que iniciou o povoamento local, e hoje é mais um da chamada região da Capela, apresentou poucos alunos. O bairro Palmares que apresentou um grande número de alunos, recebeu uma atenção especial, pois nenhum aluno conhecia a história do bairro. Em um trabalho de campo (ver na página 50) posterior à aplicação do questionário e tabulação dos dados, juntamente com a professora de História pudemos contar-lhes a história local do quilombo móvel da Rocinha, e que o nome do bairro foi uma lembrança ao famoso quilombo dos Palmares, que eles estudam em história do Brasil. Além disso, os nomes das ruas eram uma

homenagem a todos os negros que viveram na região da Capela e ajudaram a construir o bairro, tenha sido ele escravo ou não, trabalhando nas fazendas, no benzimento da população, nas rodas de samba, na construção da rodovia Anhanguera ou simplesmente morador antigo do bairro.

Esse movimento de construção histórica do bairro levou muitos outros alunos ao desejo de conhecer quem foram as pessoas que dão nomes às ruas de outros bairros e também ao porquê de cada nomeação. Infelizmente eram muitos os bairros, não conhecíamos todas as histórias e, além disso, o município de Vinhedo possui poucos livros que relatam estes fatos, portanto decidi trabalhar mais o assunto posteriormente em sala, e pedi que os alunos perguntassem em casa se algum parente mais velho conhecia o motivo do nome do bairro ou de determinada rua. Alguns alunos voltaram com respostas vagas sobre parentes de políticos e famílias antigas que deram o título, como o Jardim Von Zuben, remetendo às antigas famílias suíças da região, mas a maioria não trouxe resposta alguma, pois seus pais eram de moradia recente no bairro, reflexo da atual migração. Decidi que esse seria um trabalho mais a médio prazo e que demandaria entrevistas e consultas a dados históricos municipais, como uma visita a Câmara Municipal de Vinhedo. Portanto planejaríamos algo para o próximo ano letivo, com um projeto pedagógico por trás e talvez apoio da secretaria da educação.

A primeira parte do questionário apresentou ainda questões relativas ao tipo de residência em que moram, se era: própria, alugada, financiada, ou cedida, e a maioria das respostas, com 46% do total, se concentrou em própria e quitada, contrariando mais uma vez o estigma social apontada pelos vinhedenses, de que os capelenses são pobres. Logo depois, posiciona-se a condição de alugada e financiada quase empatadas com aproximadamente 25% das respostas. Importante para o perfil dos estudantes foi a pergunta: Se possuíam computadores em sua residência, o que pode auxiliar professores quando estes propuserem pesquisas e trabalhos aos alunos, e superando a média de 40% das residências com internet no Brasil (pesquisa realizada em 2012 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação

e da Comunicação - Cetic)<sup>4</sup>, dentre nossos resultados com os alunos da Capela, 63% possuem computador com acesso à internet, aqueles que possuem computador mas sem acesso à rede são 27% e apenas 10% deles responderam que não possuíam computador em casa.

A segunda parte do questionário socioeconômico indaga sobre algumas informações a respeito da escola e ao bairro do estudante. Vale destacar a primeira questão desse item que pergunta "há quanto tempo estuda nessa escola?", e a maioria dos resultados, 58%, apontam para poucos anos de moradia na região, entre 1 e 5 anos, reflexo do processo contínuo das migrações. A última questão do perfil socioeconômico a se destacar, é aquela que pergunta "Onde você gostaria de morar em Vinhedo?", com possibilidades de respostas: centro, condomínio, região da Capela e outro local. O retorno dessa questão ficou dividido basicamente entre: a Região da Capela (43%) e nos condomínios (35%). Podemos observar aqui, que o local onde eles vivem não foi rejeitado, pelo contrário, obteve resultado maior do que aqueles que desejam morar em condomínios que cercam as redondezas. Os laços que os unem como capelenses e sua relação com os condomínios apareceu em alguns textos produzidos pelos alunos, no ano de 2012, para a Olimpíada da língua portuguesa, que propunha como tema das redações "O Lugar onde Vivo". Os trechos a seguir, de uma redação feita pelo aluno Pedro do nono ano D, retrata o tipo de relação entre esses dois mundos: "A cidade onde vivo é dividida pela Anhanguera. De um lado condomínios e do outro a Capela". [...] Veio um camarada lá do Marambaia, ele não sabia o que era se divertir, só pensava em videogames, computadores e comida. Eu e meus colegas o levamos até a rua mais divertida da Capela, a rua se chamava verde e amarela. [...] Dias depois ele retornou à Capela, mas não veio sozinho, vieram com ele, os pais, os avós e também seus vizinhos [...] Hoje todo mundo se diverte rico, pobre, negro, branco, velho, adulto e também crianças, mas tudo isso aconteceu graças à rua verde e amarela, da Capela".

---

4 - Pesquisa realizada em 2012 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), e disponível em: <http://www.cetic.br/usuarios/tic/2012/A4.html>

Com base neste pequeno trecho, pode-se dizer que o aluno capelense enxerga a lacuna entre as duas realidades espaciais, e tem o desejo de aproximação dessas realidades socioeconômicas distintas, além de gostar muito do local em que vive, mas como vimos, desconhece o contexto local e sua história. A falta de oportunidade em conhecer melhor o local de vivência, é um reflexo de como são forjadas as relações nessa área, e em uma escala maior, até mesmo globalmente, marcada pelo estigma de área periférica e ao mesmo tempo circunscrita ao redor de condomínios, que impõe uma ideologia serviçal aos moradores que prestam auxílios e trabalham nos loteamentos fechados, além dos espaços privados cercarem por todos os cantos a região. Segundo Lefebvre (1976, p.31): "O espaço foi formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas esse tem sido um processo político. O espaço é político e ideológico. É um produto literalmente repleto de ideologias" e pode-se acrescentar que o espaço também é simbólico e desigual, assim como a Capela é um espaço repleto de simbologias para seus moradores e/ou para os externos a ela.

Um ótimo exemplo de como o espaço é político e desigual, encontramos ao tratar das desigualdades educacionais encontradas no município, entre as escolas e dentro delas. O sociólogo François Dubet é um autor que trabalha com educação na França, e escreveu um artigo sobre justiça social no ambiente escolar, esclarecendo que existem desigualdades mesmo dentro da escola, e que não são somente as desigualdades sociais e econômicas que podem interferir na aprendizagem dos estudantes. Essas desigualdades escolares são também encontradas em Vinhedo, quando, por exemplo, professores experientes recusam aulas na periferia ou também quando são atribuídas a algum professor aulas na Capela, ele traz consigo expectativas baixas, carregadas de preconceitos e de senso comum, que será de alguma forma refletida no seu modo de ensinar e enxergar esses alunos:

Ora, todas as pesquisas mostram que a escola trata menos bem os alunos menos favorecidos: os entraves são mais rígidos para os mais pobres, a estabilidade das equipes docentes é menor

nos bairros difíceis, a expectativa dos professores é menos favorável às famílias desfavorecidas, que se mostram mais ausentes e menos informadas nas reuniões de orientação...A imagem extrema dessa situação é a do tratamento reservado aos alunos dos estabelecimentos de elite, públicos ou privados, que oferecem aos bons alunos, muitas vezes socialmente privilegiados, numerosos cursos, com grupos reduzidos e professores motivados e experientes. (DUBET, 2004, p.542-543)

Apesar de Dubet tratar da situação escolar francesa, encontramos semelhanças com a Capela, quando comparamos as escolas da Capela com a escola municipal mais central de Vinhedo, a Escola Municipal Integração, que por sua localização privilegiada no centro da cidade, fica a poucos metros da biblioteca municipal, do teatro municipal e do espaço cultural de Vinhedo, além de seu grande laboratório de ciências, com espécimes empalhadas e aquários, algo que jamais existiu em outra escola da rede. Todos esses benefícios estruturais e de localização combinados com a prestação de serviços ao redor, como restaurantes, correios, bancos, ou simplesmente pelo privilégio de mobilidade da região central para qualquer cidade vizinha, faz com que os professores mais antigos da rede de ensino, lecionem apenas nesta escola, e, além disso, muitos alunos que deixam as escolas particulares, ou mesmo filhos de políticos e professores acabam escolhendo a escola Integração para se matricular, pelo mesmo motivo pelo qual os professores a preferem: o prestígio da escola central, com melhor infraestrutura e professores experientes.

Este tipo de relação espacial desigual, simbólica, política e social e suas inter-relações precisa ser primeiramente enxergada e depois compreendida. Assim, caberia para a região, uma consciência política local, definindo os espaços culturais comuns, onde ocorra um debate nesses espaços marginais, e a multiplicidade seja a condutora das ações, que estão diretamente ligadas a ambos os lados, daqueles que dominam as ações espaciais e políticas, quanto daqueles que a vivenciam na pele.

### 3.1 - RELAÇÕES GLOBAIS NO LUGAR

Ao tratarmos do conceito de lugar não há como desvinculá-lo da questão escalar, pois o lugar faz-se através das suas relações com o regional e o global. Não há lugar no mundo que não seja tocado por outras escalas, até mesmo o nosso lugar de vivência cotidiana. Todo lugar carrega uma história, um contexto e está carregado de relações externas, com o mundo. Assim, o espaço vivido pode ser delimitado por uma área presumida, e ter um tamanho hipotético, entretanto suas relações internas sofrem influência além desses limites. Essas relações estão intrínsecas à globalização, como aponta Santos: "O global e o local são socialmente produzidos no interior dos processos de globalização" (SANTOS, 2001, p.63), e um exemplo disso são os escravos e os quilombos, elementos do processo de colonização, presentes na história da Capela. Assim, dentro do lugar marcado pelo global, existe ainda uma enorme rede de significados e diversidade, diferenciando os lugares entre si, como aponta Paul Claval, ao tratar do assunto:

Por que os indivíduos e os grupos não vivem os lugares do mesmo modo, não os percebem da mesma maneira, não recortam o real segundo as mesmas perspectivas e em função dos mesmos critérios, não descobrem neles as mesmas vantagens e os mesmos riscos, não associam a eles os mesmos sonhos e as mesmas aspirações, não investem neles os mesmos sentimentos e a mesma afetividade? (CLAVAL, 2001, p.40)

Quando abordamos um conceito mais contextualizado de "lugar", não podemos deixar de nos referir também a sua paisagem, como sendo dinâmica, tanto em termos geológicos, quanto socioeconômico e cultural. O lugar está inserido em uma paisagem heterogênea e é participante ativo dos fluxos<sup>5</sup>. Muito encontrado nos livros de geografia do ensino fundamental, está o conceito de paisagem de Milton Santos: " tudo aquilo que nós vemos, o que

---

<sup>5</sup> - Aqui trato de fluxos como algo meramente fluido e dinâmico, com movimento e carregando elementos humanos e/ou naturais de um lugar ao outro.

nossa visão alcança, é a paisagem [...] Não apenas formada de volumes, mas também de cores, movimento, odores, sons, etc."(SANTOS, M. 1988, p.61). Podemos assim, entender que se tudo aquilo que observamos na paisagem é o nosso lugar de vivência, então ela depende do ponto de vista, ou seja, a perspectiva de quem olha é crucial e está ligada às suas experiências colaterais, além da escala de onde ela é observada, e de onde ocorre o olhar do observador e em que momento isso ocorre.

A questão escalar do lugar é trabalhada desde os primeiros anos do ensino de Geografia. Aqui a forma de tratar o conceito de lugar está muito ligada ao bairro e a escola, contextualizado em uma pequena atividade muito comum nas aulas iniciais do ano letivo, proposta pela maioria dos livros didáticos de geografia<sup>6</sup>. A atividade, feita em duas aulas, consiste em o aluno desenhar seu bairro e o caminho que ele percorre de sua casa até a escola. Em grande parte destes desenhos o lugar é vinculado à paisagem e são desenhados no formato de mapas visualizados do alto, mostrando no trajeto as ruas e pontos de referência do cotidiano da criança. O desenho para os alunos é uma importante forma de revelar suas experiências e impressões do que pensam e internalizam, transpondo os símbolos para o papel.

Através dos estudos de percepção visual, chamados de Teoria da Gestalt, os desenhos feitos pelos alunos podem ser melhor interpretados. Ainda segundo Compiani (2012) pela teoria da Gestalt "[...]explicamos esse fenômeno da percepção por meio da decomposição e imediata recomposição das partes em relação ao todo[...]", isto é, através das partes contidas nos desenhos conseguimos ter um conhecimento do todo, com uma visão da totalidade. Sobre a ação de desenhar, um autor que também trabalha com a teoria da Gestalt, ARNHEIM, afirma que:

O ato elementar de desenhar o contorno de um objeto no ar, na areia ou numa superfície de uma pedra ou papel significa a redução da coisa a seu contorno, o que não existe como regra na natureza. Captar a semelhança estrutural entre uma coisa e

---

<sup>6</sup> - Apresento desenhos feitos como atividade das minhas aulas de Geografia, no início do ano de 2012, nas salas de sextos anos do ensino fundamental II.

qualquer representação dela é, contudo, uma enorme proeza da abstração. (ARNHEIM, 1980 apud COMPIANI 2012, p.136)

Quando olhamos os desenhos feitos pelos alunos da escola CIC, da Capela, encontramos ligação do local de vivência deles com o resto da cidade e com o global. Quando questionados o que há "do mundo" dentro da Capela, os alunos apontaram em seus desenhos: indústrias em que os pais trabalham, na maioria das vezes multinacionais, padaria com produtos de outros países, assim como o mercadinho do bairro e muitos produtos que eles possuem em casa. Assim, vemos que mesmo antes de estudarem o conceito de globalização, esses estudantes já têm ideia e enxergam algumas das relações, redes e fluxos globais. Segundo Compiani esse foco do olhar é variável, e os alunos precisam aprender a mudar a escala daquilo que desejam, para conseguirem visualizar a complexidade de onde vivem e entender que fazem parte de um todo globalizante. Esse direcionamento do foco para um melhor entendimento do todo, mudando a escala do olhar, é um aspecto trabalhado por Compiani com a teoria da Gestalt:

Outro aspecto essencial da Gestalt é a direção do foco do olhar e eu agrego a noção de escala. Essa é uma contribuição própria do modo geocientífico de observar e tratar a espacialidade no seu contexto e suas representações. Em outras palavras, é importante adicionar que olhamos para uma porção do espaço numa dada escala e que podemos variar tanto o foco do olhar como a escala da mirada. (COMPIANI, 2012, p. 138)

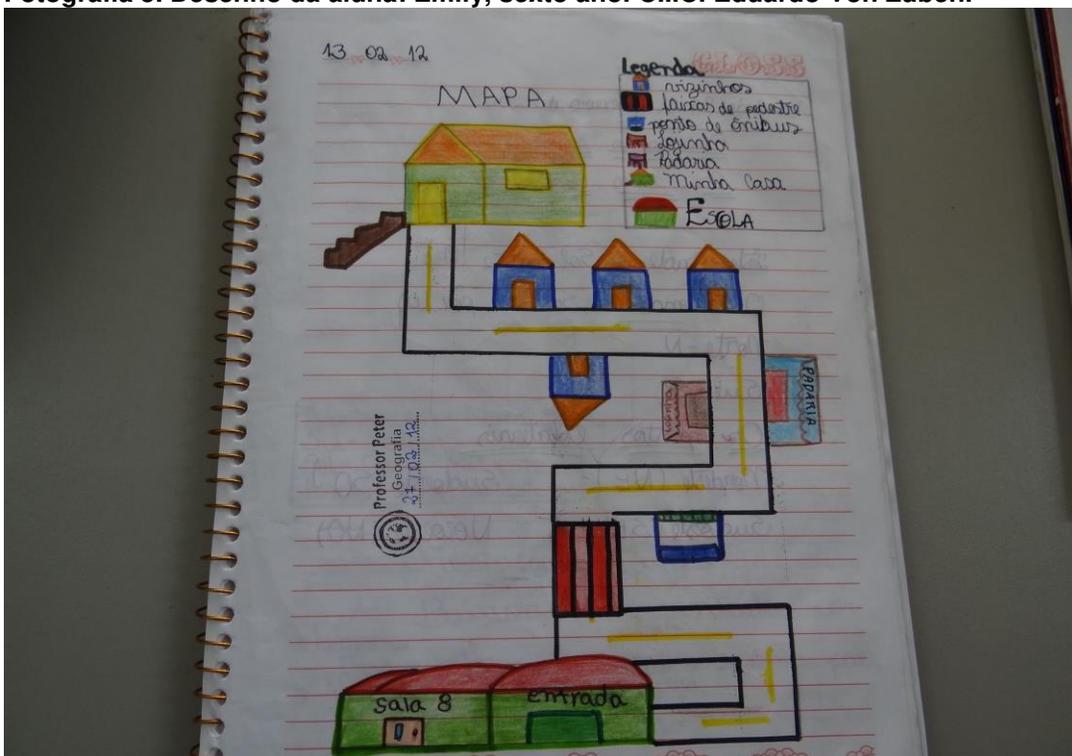
Os desenhos têm significações implícitas e explícitas e é o local onde os alunos colocam suas impressões abstratas na forma concreta do desenho. Sua vivência é posta no papel e nos dá uma ideia da percepção de lugar que essas crianças possuem. "Lugar é uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais (...) Sentir um lugar é registrar pelos nossos músculos e ossos" (TUAN, 1983, p.203).

Fotografia 4. Desenho da aluna Carolina, sexto ano. C.I.C.



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, São Paulo, 2012.

Fotografia 5. Desenho da aluna: Emily, sexto ano. C.I.C. Eduardo Von Zuben.



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, São Paulo, 2012.

Fotografia 6. Desenho do aluno: Bruno, sexto ano. C.I.C.



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, São Paulo, 2012.

Fotografia 7. Desenho da aluna: Natália, sexto ano. C.I.C.



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, São Paulo, 2012.

De fato, os desenhos dos alunos apresentam um recorte local, entretanto, é no entendimento que se tem desse recorte espacial onde encontramos o regional e o global, e essa mediação entre o lugar e o mundo é feita nesses desenhos e em seus objetos, ou seja, nos deparamos nesses desenhos com elementos que representam o global no local. Um exemplo disso é que quase todos os desenhos representam alguma das indústrias multinacionais, que têm uma presença marcante na vida desses alunos, pois um grande número de familiares desses alunos são funcionários de alguma dessas empresas. Outro elemento nos desenhos que é carregado da vivência dos estudantes, é a forma como retratam seu bairro, que apesar de periférico, possui boa infraestrutura, refletida em vários desenhos de praças, rede elétrica, asfalto, pontos de ônibus e comércios, que nos conduzem para um claro sentimento de afeto pelo bairro, que foi retratado de maneira tão cuidadosa em seus detalhes urbanísticos e paisagísticos:

É importante também dizer que o que é visto e lido numa imagem não está somente nela, mas também. Tanto nós vemos as imagens como elas nos veem e nossa leitura dessas imagens é tanto delas quanto de nós próprios. Ao falar de uma imagem, o aluno fala de si mesmo, revela seu universo cultural, seu conjunto de experiências e raciocínios com e no mundo. (OLIVEIRA JR., 2005, p. 3)

O tema globalização é direcionado especificamente nos livros didáticos de geografia somente a partir dos oitavos e nonos anos, e dessa forma, a tarefa de mudar a escala para compreender as relações do cotidiano e concreto até o global, precisou ser mediada pelo professor, pois os alunos dos sextos e sétimos anos não estão acostumados a fazer esse movimento da escala Micro ao Macro e das influências menores às mais gerais. Então como relacionar com os alunos seu bairro ao mundo? Da parte ao todo? Como construir um conceito de lugar que aporte alguma relação com outras escalas? Sobre a instauração de qualquer conceito Fontana (2005, p.14) nos diz que: "(...) A formação dos conceitos depende fundamentalmente das possibilidades que os

indivíduos têm (ou não) de, nas suas interações, se apropriarem (dos) e objetivarem os conteúdos e formas de organização e de elaboração do conhecimento historicamente desenvolvidos." As respostas para essas questões também estão ligadas ao entendimento por parte dos alunos do processo de globalização em que estão inseridos como indivíduos, como comunidade, como país e assim por adiante. De acordo com Carlos (2007, p.14) [...] "a globalização materializa-se concretamente no lugar, aqui se lê/percebe/entende o mundo moderno em suas múltiplas dimensões, numa perspectiva mais ampla, o que significa dizer que no lugar se vive, se realiza o cotidiano e é aí que ganha expressão o mundial. O mundial que existe no local, redefine seu conteúdo, sem todavia anularem-se as particularidades." Ela acrescenta ainda que: "o lugar abre a perspectiva para se pensar o viver e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo, posto que preenchido por múltiplas coações, expõe as pressões que se exercem em todos os níveis". Assim o Lugar é uma dimensão que reflete nas suas especificidades as relações mais mundializadas, como um articulador entre o local e o global. Uma definição de globalização neste sentido é feita por Giddens:

A globalização não é só a criação do sistema de grande escala, mas é, também, a transformação dos contextos da experiência social. Nossas atividades cotidianas são cada vez mais influenciadas por eventos acontecendo do outro lado do mundo; e, de forma recíproca, hábitos de estilos de vida local tornam-se globalmente consequentes. Assim, minha decisão de comprar uma determinada roupa tem implicações não somente para a divisão internacional do trabalho, mas para os ecossistemas da Terra. (GIDDENS, A. 1994, p.03)

Para entendermos mais profundamente o processo global a que estamos nos referindo, podemos partir de uma análise das dimensões horizontal e vertical feita por Compiani (2007, 2013), onde entendemos por horizontalidade as relações entre as partes e o todo, inserida na contextualidade, com suas peculiaridades e historicidades locais, ou nas palavras de Compiani, "o olhar para a horizontalidade é descritivo-sintético exercitando o princípio da totalidade

ou da ação recíproca, pois tudo se relaciona entre partes e todo". Já a verticalidade ocorre em uma escala descontextualizada onde ocorre a análise, tentando explicar os contextos em conjunto, rumando para as generalizações, sendo "como se congelasse o espaço/tempo em busca do caráter processual e da essência do fenômeno, ou seja, da compreensão conceitual do fenômeno" (COMPIANI, no prelo). Quando discorremos sobre a identidade de um lugar, geralmente associamos essa identidade à cultura, nas mais variadas medidas que dão visibilidade a esse fenômeno, e assim dentro desse entendimento da dimensão local/global, a contextualização seria a identidade local e singular, enquanto a descontextualização, seria a generalização da cultura buscando uma explicação mais analítica dos fenômenos culturais como um processo sem um sentido temporal e espacial. A compreensão da cultura amplia o entendimento dos processos internos da nossa sociedade urbana, como afirma Corrêa, em seu livro introdução à Geografia Cultural:

O urbano pode ser analisado segundo diversas dimensões que se interpenetram. A dimensão cultural é uma delas e por seu intermédio amplia-se a compreensão da sociedade em termos econômicos, sociais e políticos, assim como se tornam inteligíveis as espacialidades e temporalidades expressas na cidade, na rede urbana e no processo de urbanização. (CORRÊA, 2010, p.167)

Podemos perceber atualmente uma demanda muito clara quanto à afirmação de identidades, principalmente neste momento onde a globalização tende a padronizar (homogeneizar) as relações humanas com os objetos e entre os próprios pares, e é justamente no "*lugar*", onde ocorre a manifestação das identidades. Segundo Santos (2002, p.47), "A cultura é por definição um processo social construído sobre a intersecção entre o universal e o particular." Com a intensificação da globalização as barreiras entre as culturas foram transpostas e esses limites tornaram-se facilmente permeáveis. Como destaca Wallerstein, citado por SANTOS (2002 p.48), "definir uma cultura é uma questão de definir fronteiras".

Esse padrão cultural que ultrapassa fronteiras e não encontra limites, pelo menos no mundo capitalista, é criticado por muitos autores da Geografia Cultural, onde a cultura não deve ser vista como independente das condições materiais de existência, além da Escola de Frankfurt, principalmente através das obras de Theodor Adorno e Horkheime (1985) que discutem a indústria cultural, e a imposição dos padrões culturais que tornam as pessoas alienadas e consumistas. Adorno afirma que: “a indústria cultural impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente.” Assim a globalização, vista pela sua faceta da indústria cultural, trabalha contra a ideia de identidade local e o *Lugar*. Milton Santos discorre e caracteriza a globalização como perversidade, isto é, existe um lado cruel onde a globalização tende à generalização e verticalização das relações humanas, talvez indo no sentido contrário ao da identidade e afirmação cultural. É notável também que nos dias atuais a questão da identidade é muito presente entre as minorias (seja ela pertencente a qualquer um dos grupos existentes), como forma de autoafirmação e fortalecimento cultural, e para assegurar isso é cada vez mais crescente a criação de centros culturais e museus sobre minorias populacionais. Infelizmente são as parcelas privilegiadas da sociedade que engendram a chamada indústria cultural massificadora e globalizante, entretanto, é somente na escala local que podemos notar que uma comunidade por menor que ela seja também faz cultura e política ao mesmo tempo, muitas vezes sem ao menos conhecer sua força social.

A alteridade, ou seja, o conceito em que a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o "outro", tem um papel fundamental no desenvolvimento do ser humano e toda identidade leva isso intrinsecamente. Segundo Vygotsky o aprendizado é um processo profundamente social, e os conceitos são construídos ao longo da vida do sujeito e de seu contexto social. Se pensarmos no contexto da região da Capela, em Vinhedo, sempre vista "pelo outro" como um bairro de pessoas pobres e causadoras de problemas, termina por criar uma imagem que é assimilada pelo "eu" capelense. Contribuindo para assegurar esse retrato social, a atenção dada

ao bairro pelas autoridades políticas municipais reforça essa ideia de assistência "externa", entretanto, a prioridade dada a Capela é muito mais relativa à alta densidade populacional local, que já demanda uma atenção especial e também esconde um cunho político, pois a região da Capela com mais de um terço da população, pode definir uma eleição municipal. Segundo Bakhtin, o que o "outro" pensa e fala, é carregado de intenção e ideologia e também afeta todo sujeito:

[...] A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1986, p.95)

Podemos dizer, portanto, que o lugar marca o cotidiano das pessoas e contribui para a identidade e compreensão do sujeito, da mesma forma que o lugar onde vivemos é preenchido com objetos que gostamos e que reforçam a nossa identidade, igualmente o lugar como bairro/comunidade, é assim. Corroborando essa ideia Tuan (1983) afirma que o lugar é "uma área que foi conquistada afetivamente e transformou outrora um espaço estranho em lugar". Esse processo leva tempo, que se dá durante a vivência do sujeito, mas torna o lugar familiarizado e afetivo, características essenciais para a formação da identidade de qualquer local, indo em direção contrária à ideia das influências externas, homogêneas e massificadoras da globalização.

A geografia cultural corrobora a compreensão das relações do lugar também com um sentido político do espaço e da paisagem, onde podemos ver a Capela como um local de migrantes e mão de obra, pois essa paisagem foi definida em um diálogo entre dois sujeitos: aqueles com o poder dessa definição, a classe política que domina Vinhedo, juntamente com aqueles que não possuem outra opção a não ser viver no bairro, dessa forma essa paisagem adquire significados múltiplos para ambos os lados. Assim como Massey (2000) que nos ensina sobre o espaço relacional, Corrêa também escreve sobre as inter-relações e conflitos que encontramos no espaço urbano:

Se a paisagem urbana é um produto do trabalho social, profundamente impregnada de relações sociais e conflitos, e não o produto de um indeterminado agente denominado cultura, a paisagem urbana desempenha, por intermédio daqueles que a controlam e definem novos significados, a tarefa de apagar ou minimizar aquelas relações de conflito e, ao mesmo tempo, promover aquilo que seus controladores desejam, isto é, transformá-la em produto espontâneo, natural, e fruto de uma tradição da qual a harmonia social e o desejo de progresso são partes integrantes. (CORRÊA, 2010, p.181)

Ora, não há como negar que é no lugar que as relações globais são produzidas e reproduzidas, e o espaço local está repleto de relações de coexistência que trespassam pelo âmbito social, político, econômico e cultural, produzindo muitas vezes movimentos desiguais entre os sujeitos envolvidos no conflito, e compreender o espaço como produto dessas relações é primordial para entendermos o que ocorre na região da Capela:

[...] para a conceitualização de espaço/espacialidade, é crucial o reconhecimento de sua relação essencial com e de sua constituição através da coexistência da(s) diferença(s) - a multiplicidade, sua habilidade em incorporar a coexistência de trajetórias relativamente independentes. Trata-se de uma proposta para reconhecer o espaço como a esfera do encontro, ou não, dessas trajetórias - onde elas coexistem, afetam uma a outra, lutam. O espaço, então, é o produto das dificuldades e complexidades, dos entrelaçamentos e dos não-entrelaçamentos de relações, desde o inimaginavelmente cósmico até o intimamente pequeno. O espaço, para repetir mais uma vez, é o produto de inter-relações. (MASSEY, 2004. p.17)

Dessa forma, a dinâmica espacial do bairro não é um produto de uma relação imparcial desprovida de interesse, mas é uma disputa territorial, de poder, e o lugar é afetado por esse tipo de relação, onde ao final, a região, o espaço e o território são absorvidos e convergem no lugar do cotidiano dos nossos alunos da Capela, onde encontramos assim, o "sentido global do lugar" outrora descrito por Massey e que torna essa ideia importante de se elucidar com os alunos e professores da comunidade Capelense.



#### 4 - ATIVIDADES COM ESCALAS EM SALA DE AULA

Encontramos nos livros didáticos de Geografia conceitos sobre orientação espacial (pontos cardeais e colaterais, coordenadas geográficas e cartografia), paisagem (diferentes tipos de paisagens e suas transformações e relações) e lugar (cotidiano, contexto e suas inter-relações e (re)produções) para alunos do sexto ano do ensino fundamental II. Ao trabalhar estes assuntos sempre procuro um discurso em sala de aula que seja colaborativo, construído pelos alunos e que siga guiado pelas argumentações deles. Optamos assim, pelas imagens de satélite, pois segundo Cazetta (2003, p.211) a preocupação em se empregar esse tipo de imagem:

[...] aproxima a cartografia escolar da fundamentação teórica da geografia, isto é, além de suporte para aprendizagem de conteúdos cartográficos, esse tipo de fotografia auxilia também na construção de conceitos teóricos geográficos pelos escolares.

Dessa forma, começamos vendo na televisão, algumas fotos de satélite retiradas do programa Google Earth<sup>7</sup>, e perguntados se conheciam aquele lugar representado, responderam com rapidez, logo após iniciar a sequência de imagens, quase em uníssono: "Capela". Questionei o porquê de acharem que aquele lugar seria a região da Capela e alguns mostraram nas imagens uma Granja, que é de fácil identificação e a escola que apresenta um longo telhado vermelho característico e marcante no bairro (Figura 1, p.44). Voltamos para a imagem e pedi que olhassem com mais atenção para outras características que demarcavam o bairro e o lugar onde vivem. Assim, pudemos identificar a sinuosa Estrada da Capela e os diversos condomínios que rodeiam a região (Figura 2, p.46), sendo visivelmente identificados através das piscinas, como notei na fala de um aluno: "Olha, quanta piscina azulzinha!". Aqui os

---

7 - O programa Google Earth apresenta um modelo em três dimensões do globo terrestre, disponibilizando no formato de mosaico, imagens obtidas através de aeronaves, satélites e GIS (*Geographic Information System*) que podem ser acessadas pelo programa através de conexão com a internet. Disponível em: <http://www.google.com/intl/pt-PT/earth/index.html>

alunos mostraram uma boa interpretação das imagens de satélite, observando que a ocupação do solo por moradias pode ser feita em diversos padrões, de mais adensadas até mais afastadas e com piscinas.

Após vermos as imagens de satélites conversamos em roda sobre o lugar onde vivem os alunos. Perguntei se as imagens retratavam a Capela e todos responderam que sim. Então, questionei de que bairros eles vinham e me foram respondidos os mais diversos: Eldorado, Vida Nova I, Vida Nova II, Paineiras, Capela, Bela Vista e Palmares. Então, perguntei: “- Mas vocês não acabaram de me dizer que eram da Capela, como é que me dizem todos esses bairros agora? e a resposta foi aquela que eu esperava: - "Tudo isso é Capela, professor!”- A partir daí, fui reorganizando para os alunos aquilo que tinha ouvido: - "Então a Capela é um lugar que possui todos esses bairros que me disseram, é isso?”- e mais uma vez obtive uma resposta afirmativa.

**Figura 1. Imagem de satélite doGoogle Earth, destacando a Escola C.I.C.**



Fonte: Print Screen 1 do programa Google Earth, 2012.

A partir das respostas dos alunos, fiz a seguinte questão para eles: "A Capela então é algo maior que os bairros que vocês vivem?", a resposta veio de todos os lados: "É sim!". Outro aluno disse: "A Capela é tudo isso aqui para

baixo". Questionei o sentido daquela frase, e ele se explicou: -" Lá de cima do farol da estrada pra cá, a gente chama de Capela, que estamos indo para a Capela... o resto é Vinhedo". Realmente, o que os alunos diziam eram reflexo do sentimento deles perante essa segregação espacial, pois ficavam isolados do centro e do resto da cidade pelo morro divisor de águas da Estrada da boiada. Em uma reunião de pais, eu e alguns colegas professores pudemos ouvir o sermão de uma mãe para com seu filho, após ver o boletim com notas vermelhas: "Você tem que estudar para melhorar de vida. Subir a estrada da Capela, morar lá pra cima", frase esta que ilustra bem o sentimento dos capelenses, estigmatizados socialmente como periféricos e de perfil mais carente.

Em seguida, ao irmos para uma escala menor nas imagens do Google Earth, pudemos localizar todos esses bairros que foram indicados pelos alunos. E, nesta escala percebemos ainda melhor a presença ostensiva dos condomínios de alto padrão de Vinhedo, que circundavam a região da Capela. O que chamou a atenção dos alunos foram os telhados coloridos (diferentes dos homogêneos telhados vermelhos, lajes inacabadas ou das telhas cinza amianto dos bairros populares) e as piscinas em quase todas as casas de condomínio. Fiz a seguinte pergunta: O condomínio Marambaia<sup>8</sup> faz parte da Capela? E a resposta dos alunos foi unanimemente negativa. Quis saber o motivo de não considerarem o condomínio que estava na área da Capela, parte dela, e obtive como resposta comentários que demarcam algumas fronteiras socioeconômicas e culturais do capelense: - "Eles (do Marambaia) são ricos!", outra aluna disse: "Eles nem andam por aqui, saem por outra portaria", também ouvi deles: "Minha mãe trabalha lá, professor", e "Aqui na Capela nós só trabalhamos para eles, são todos playboys".

---

<sup>8</sup> - O Condomínio Marambaia é um dos mais antigos da cidade, do ano de 1974. Possui aproximadamente 10 km de área perimetral e seis mil moradores e está inserido em parte dentro da Capela, mas isolado por uma grande muralha.



**Figura 2. Imagem de Satélite da região da Capela. Dentro dos círculos vermelhos condomínios fechados, nos quadrados azuis as Granjas e no círculo amarelo a localização da escola.**

Fonte: Print Screen 2 do programa Google Earth, 2012.

A fala desses alunos é muito pertinente revelando noções sobre um conceito de território e lugar, refletindo à presença dos condomínios fechados na cidade de Vinhedo, sendo um forte indício da concentração de renda e desigualdade social no município. Existem por volta de 40 condomínios fechados em toda a cidade e muitos deles receberam recentemente o título de “Condomínios”, apesar de já serem cercados por muros e guaritas de seguranças há anos, mas somente em abril de 2012, ganharam esta condição e o direito administrativo sobre área por mais trinta anos. Em Vinhedo, a questão dos espaços privados tomando os espaços públicos nunca é debatida ou criticada, pois a maioria dos políticos, inclusive os últimos prefeitos e a minoria social pertencente às classes mais abastadas, que governam e administram a cidade, moram em condomínios. Essa fragilidade institucional leva à proeminência do privado sobre o público, e vemos constantemente as áreas públicas serem entregues ao privado. Uma das consequências da enorme

presença dos condomínios fechados é a migração da classe média alta paulistana e para a cidade de Vinhedo, ocasionando um alto custo de vida na cidade, pois os comerciantes elevam os preços em seus estabelecimentos visando à clientela com maior poder aquisitivo e acabam prejudicando a população mais pobre que divide o comércio com esses condôminos. Segundo Carlos, que trabalha o processo de urbanização recente, essas fragmentações urbanas podem ser entendidas da seguinte maneira:

[...] através das estratégias do desenvolvimento do mercado imobiliário, que cria constantemente mecanismos para manter sua reprodução frente à escassez de lugares centrais apropriando-se de um discurso de realização de um “novo modo de vida” frente ao verde e longe do caos urbano, por exemplo. Sob esse pretexto se tornam atrativos os condomínios residenciais fechados com altos muros, verdadeiras fortalezas que separam seus moradores do entorno, dando a falsa impressão de que estão isolados do mundo que os rodeia, num ambiente de exclusividade e segurança, revelando um processo de auto-segregação. É o que se constrói sob a forma dos condomínios que também revela que a globalização produz a contradição entre o homogêneo (enquanto extensão do mundo da mercadoria produzindo uma identidade abstrata entrando em contradição com identidades locais produzidas por particularidades históricas – que não se reduzem necessariamente a identidades culturais – fundam-se numa prática sócio espacial vivida) e o fragmentado – o mundo da propriedade privada. (CARLOS, A.F.A. Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo. p.80-81, 2006)

As relações que muitas famílias de alunos da Capela têm com os condomínios permeiam constantemente suas falas, pois são muitos os pais que encontram emprego dentro dos condomínios fechados, trabalhando como empregada doméstica, jardineiro, motorista, vigia, entre outros. Apesar de essas áreas serem fechadas para a circulação, o que impede o fluxo livre das pessoas, essa população acaba entrando nos condomínios fechados, pois estes dependem da mão-de-obra principalmente de trabalhadores que vivam nas proximidades dos condomínios fechados. Haesbaert afirma que esse tipo de espaço disciplinado e demarcado não tem como negar o que está ao seu redor:

Esses condomínios, assim como as ruas ou mesmo os balneários particulares, são exemplos típicos desse "novo" tempo, dessa "neo" modernidade. Entretanto, todos os grupos sociais que habitam a metrópole, embora conjugados numa escala econômica-política mais ampla, em maior ou menos grau acabam disciplinando seus espaços, criando suas barreiras de proteção a fim de manterem o domínio sobre seus signos de identidade, seus privilégios e, fundamentalmente, sobre seus territórios (vide estratégias dos favelados). [...] onde cada segmento se muraliza como pode e faz do "igual" e do conhecido seus únicos interlocutores, como se esta "cristalização" espacial pudesse negar o turbilhão desestabilizador que a envolve. (HAESBAERT, 2012, p. 98)

Algumas das inter-relações que encontramos na comunidade da Capela com o restante da cidade são espelhamentos das relações sociais, de poder, trabalho, entre outras, e que devem ser entendidas pelos seus moradores. O papel da escola e principalmente do professor é mediar o conhecimento de que o cotidiano capelense também faz parte de um todo e auxiliá-los a visualizar essas relações e entender, de fato, o motivo de viverem segregados no município, ajudando-os a construir uma visão crítica que consiga observar os movimentos políticos e históricos por trás da chamada região da Capela para que assim possam agir na construção de uma vivência mais inclusiva. Contribuindo nesse sentido, Lopes escreve sobre a importância de estar incluído dentro do processo de produção de conhecimento:

[...] devido aos processos de globalização da economia e mundialização da cultura, somos colocados em meio a um fluxo informacional cada vez maior. O acesso ou não à informações privilegiadas define, não invariavelmente, a inclusão ou exclusão de pessoas nos processos de produção. Talvez nunca tão claramente tenha se compreendido que o domínio do conhecimento, especialmente do conhecimento científico, é central nos processos econômicos. (LOPES, 1999, pg.21)

Assim, com essa curta atividade, feita em duas aulas, trabalhando com fotografias de satélite de Vinhedo, alcançamos o objetivo de fazer com que os estudantes compreendessem as permanências e transformações no processo de formação dos bairros, além de discutirem como as relações

territoriais no lugar em que moram estão dentro de um contexto político-social e produzem o espaço da Capela, influenciando o cotidiano deles, dos seus pais e da própria escola. Essa leitura do espaço geográfico é importante e mostra ao aluno que suas experiências cotidianas fazem parte de um processo coletivo do que é a chamada região da Capela. Sobre experiências coletivas, Walter Benjamin afirma que:

A experiência é um fato de tradição, tanto na vida coletiva como na particular. Consiste não tanto em acontecimentos isolados fixados exatamente na lembrança, quanto em dados acumulados, não raro inconscientes, que confluem na memória [...] Onde há experiência [...] determinados conteúdos do passado individual entram em conjunção, na memória, com o passado coletivo. (BENJAMIN, 1980, p.36-38)

Trabalhar com imagens de satélite nas aulas de geografia produziu um tipo de conhecimento escolar que instigou o sentimento de investigação nos alunos, pois esse tipo de imagem de satélite, apesar de ser obtida facilmente na internet, ainda não está presente no cotidiano desses alunos, levantando ainda certa curiosidade, tão importante para a ciência. Pudemos assim, alinhar o conhecimento cotidiano dos alunos com o conhecimento científico, sendo o domínio desses conhecimentos mediado pela escola e pelo professor, obtêm-se que o desestímulo vá perdendo sentido na medida em que os alunos se tornam produtores do conhecimento e ampliem sua visão de mundo, tomando uma posição mais crítica acerca da organização do espaço:

[...] as imagens podem auxiliar no processo de ampliação da visão de mundo. A cultura visual é determinante para emprendermos uma mudança significativa na relação dos homens com os homens e com a natureza. Dominar a leitura de imagem permite que o homem possa redescobrir o espaço geográfico e suas transformações ao longo da evolução da humanidade. É por meio da análise, observação e da comparação que os indivíduos podem enfim posicionar-se acerca dos fatos. Por meio da leitura crítica de imagens, é possível entender como nossas experiências e nossa identidade são socialmente construídas. (GIRÃO, O.; LIMA, S. R., 2013, p.91-92)



## 5 - ATIVIDADES DE CAMPO

Uma das atividades realizadas com os alunos da região da Capela foi o estudo do meio local, como uma tarefa na qual poderíamos percorrer uma parte do bairro, verificando assuntos pertinentes ao território, que se expressam via paisagem e lugar de vivência dos alunos e de trabalho dos professores, procurando romper com temas engessados do currículo escolar. A partir da década de oitenta e principalmente após os anos noventa, os estudos do meio se tornaram mais comuns nas escolas do Estado de São Paulo. As pesquisas de campo se tornaram muito presentes em áreas como a Geografia, Ciências e História. Conforme PONTUSCHKA (1996), "são considerados estudos do meio desde uma saída de alunos e professores cujo objetivo principal seja o entretenimento até trabalhos interdisciplinares que demandem pesquisas de campo, bibliográfica, iconográfica e, portanto, investimento em trabalho individual e coletivo". Em outro trabalho de Pontuschka (1991) com diversos outros autores, intitulado: "O estudo do meio como trabalho integrador das práticas de ensino", são apontados pontos educacionais críticos como: a fragmentação das disciplinas em um momento inicial, como também a formação do professor caracterizada intensamente pelo isolamento. O reflexo desses problemas aparece posteriormente na escola e em suas produções durante o ano.

Ainda conforme PONTUSCHKA (1996), o "Estudo do Meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que possibilita estudar as modificações do espaço no tempo, analisando sua marca na própria paisagem, realizando uma leitura do espaço humano, em múltiplas ações combinadas e complexas sempre calcadas na valorização da identidade e no reconhecimento da diversidade, que contribui para um fazer coletivo". Os trabalhos feitos fora do ambiente da escola adquirem uma importância enorme na aprendizagem de um aluno, COMPIANI (2007) afirma que "o campo é o lugar onde o conflito entre o mundo (o exterior) e as ideias (o interior) ocorre em toda sua intensidade".

A geografia sendo uma ciência que trata das complexas relações

entre o homem e o ambiente, é necessariamente uma ciência de observação e investigação. Para que isso ocorra, são necessárias visitas a campo, chamados de trabalhos de campo ou estudos do meio, quando o objeto do estudo é mais interdisciplinar. Como se sabe, todos os alunos apresentam ideias pré-formadas sobre alguns dos conceitos chaves da geografia. Essas ideias são moldadas através das experimentações e vivências de cada pessoa. Dessa forma, um conceito pode ser uma série de combinações obtidas pelas experiências do indivíduo, seja da escola, seja da família, no bairro e até mesmo do senso comum. Sendo assim, uma ideia pré-formada sobre um conceito chave não pode simplesmente ser destruída, sem ser reconstruída. É necessário elaborar o conceito conjuntamente com o aluno, onde a ideia precisa ser desconstruída e moldada em coparticipação. O melhor lugar para esse conflito de ideias é no campo. Quando o aluno se depara com a realidade, muitos daqueles conceitos vistos tão abstratamente em sala de aula, tornam-se muito mais palpáveis e reais. O lidar com o cotidiano e realidade torna o aprendido muito mais duradouro se comparado com aquele que somente é visto dentro da escola.

Grande parte do conteúdo visto em sala, durante as aulas de geografia e outras ciências, podem ser experimentadas na prática, seja em laboratório ou em um trabalho de campo. Essa tradição de estudo do meio, segundo Cavalcanti (2002), é de longa data, principalmente no ensino de geografia, dada sua especialidade de lidar com o meio, suas transformações e compreendê-lo como um processo de inter-relação da natureza e da sociedade.

Para as ciências, os estudos do meio são importantes fontes de pesquisas e coletas de dados, e muitos deles transformaram o meio científico como o conhecemos, como a viagem de Charles Darwin a bordo do navio HMS Beagle, em 1831, contribuindo para áreas como geologia, paleontologia, antropologia e biologia, além de Alexander Von Humboldt e Aimé Bonpland, viajando pelas Américas, em 1799. Esses famosos trabalhos de campo resultaram posteriormente em obras como: *A Origem das Espécies* e *Kosmos*. Conhecer o local, de fato, pode contribuir ou até mesmo mudar os rumos de uma pesquisa. Um exemplo histórico famoso, ocorrido na segunda metade do

século XIX e pesquisado por FIGUEIRÔA (2009, p.69), é o caso das glaciações nos trópicos, onde o professor Louis Agassiz acreditava e reconhecia glaciações do Quaternário pela América do Sul, enquanto seu aluno Charles F. Hartt discordava, este então fazendo alguns trabalhos de campo, sozinho, e não mais compartilhando das ideias do mestre, conquistou sua autonomia e confirmou suas interpretações geológicas, que mais tarde provaram serem as mais corretas.

A observação, como instrumento essencial no método científico, era o que estimulava e levava aos primeiros trabalhos de campo. Autores como Kayser (1985) e Lacoste (1985) escreviam defendendo a importância das observações nas saídas de campo nas pesquisas geográficas e debatiam a complexa relação entre o pesquisador e seu objeto de estudo.

O trabalho de campo, para não ser somente um empirismo, deve articular-se à formação teórica que é, ela também, indispensável. Saber pensar o espaço não é colocar somente os problemas no quadro local; é também articulá-los eficazmente aos fenômenos que se desenvolvem sobre extensões muito mais amplas. (LACOSTE, 1985, p.91)

Já Kayser lembra que o espaço estudado nos trabalhos de campo é um elemento do sistema social, sendo produto da história e não deve ser desmembrado e estudado de forma independente:

A situação social é, antes de mais nada, o produto da história: a ótica marxista, fundamentalmente histórica, é necessariamente seguida por quem deseja ir ao fundo das coisas. Em seguida, é o produto da luta de classes, tal como ela se traduz no terreno, localmente: uma luta que não está forçosamente presa aos aspectos clássicos comumente descritos das confrontações diretas entre as camadas sociais. Porque esta luta é um processo no qual intervém os mais diversos atores: grupos sociais, evidentemente, mas também o aparelho do Estado, instituições, mídias e ideologias. (KAYSER, 1985, p.97)

Sendo assim, é através dos trabalhos de campo que a geografia pode se posicionar com um pensamento espacial e político, e construir uma

educação política, necessária para analisar situações geográficas. Esse momento do trabalho de campo representa o contato imediato do cientista com a realidade, e esse período é uma consequência direta e essencial da aspiração investigativa contida na humanidade e nas ciências. Nas últimas décadas diversos autores pesquisaram esta complexa relação cientista-campo, como Compiani (1988), que descreve a ciência como uma atividade humana ininterrupta de construção de repertório, dessa forma valorizando-a como um sistema de investigação nato. Carneiro e Compiani (1993) também escrevem sobre o papel didático das excursões, enumerando diferentes classificações para os trabalhos de campo, afirmando que uma excursão pode apresentar diferentes objetivos e métodos e, portanto, podem seguir didáticas diferentes, com resultados finais também diferentes, e cada educador deve se atentar para qual visão de ensino e modelo científico adotar. Esses autores dividiram em cinco categorias os trabalhos de campo, sendo elas: Ilustrativa, indutiva, motivadora, treinadora e investigativa, como podemos ver, na tabela seguinte:

**Tabela 2. Os papéis didáticos das saídas a campo**

<b><u>Categoria/ papel</u></b>	<b><u>Visão de ensino</u></b>	<b><u>Modelos científicos existentes</u></b>	<b><u>Relação de ensino/ aprendizagem</u></b>	<b><u>Lógica predominante</u></b>
<b><i>Ilustrativa</i></b>	Informativa	São aceitos e preservados	- Professor é o centro - Ensino dirigido	Da ciência
<b><i>Indutiva</i></b>	Formativa/ informativa	São aceitos e preservados	- Aluno é o centro - Ensino dirigido/semi-dirigido	Da ciência e do aprendiz
<b><i>Motivadora</i></b>	Formativa	São aceitos e preservados em graus variáveis	- Aluno é o centro - Ensino não dirigido	Do aprendiz
<b><i>Treinadora</i></b>	Formativa/ informativa	São aceitos e preservados	- Equilíbrio - Ensino semi-dirigido	Da ciência e as vezes do aprendiz
<b><i>Investigativa</i></b>	Formativa	São aceitos, mas questionados	- Aluno é o centro - Ensino não dirigido	Da ciência e do aprendiz

Fonte: Adaptado de COMPIANI, M.; CARNEIRO, C. D. R., 1993, p.95

Nosso trabalho de campo realizado em torno da escola, procurou enquadrar-se na categoria de campo *motivadora* (no qual procura-se despertar o interesse para um determinado problema valorizando suas experiências prévias e incentivando os estudantes a observarem e aprofundarem os estudos sobre o assunto abordado) e na categoria de campo *investigativa* (onde os alunos resolvem ou formulam um problema teórico-prático decidindo eles próprios os passos da investigação e coube ao professor apenas orientar os trabalhos quanto ao processo adotado). O papel desse estudo do meio pelo bairro, foi o de proporcionar uma visão de ensino e métodos contrários ao ensino tradicional, quase mecânico e que não proporciona uma reflexão autônoma dos alunos na aprendizagem, onde ocorre apenas um estudo de caráter informativo, transmitindo conhecimentos prontos, buscando sua memorização. Aqui, procuramos partir do contexto dos estudantes, levando os professores a conhecerem o local de vivência dos seus alunos, incentivando nesses estudantes à reflexão, observação e a investigação de problemas ambientais e sociais locais, transpondo-os como problemáticas científicas e pertinentes ao nosso ambiente escolar.

Os estudos do meio possuem um potencial interdisciplinar muito grande, pois permitem interações maiores que as encontradas dentro do ensino formal, fechado dentro da sala de aula. Tanto as relações entre os professores e os alunos, e entre aluno-aluno, são potencializadas com as saídas de campo. Trabalhos em grupo ou em duplas são comuns, além de um maior contato entre os docentes, contribui ampliando o conhecimento que cada um carrega sobre as outras disciplinas. Quando bem organizado e planejado, um estudo do meio torna-se uma experiência de aprendizagem prática, integradora e ao mesmo tempo prazerosa, com resultados positivos para ambos os sujeitos escolares, docentes e discentes.

## 5.1 - ESTUDO DO MEIO: MINHA HISTÓRIA, MINHA ESCOLA E MEU BAIRRO

A rede municipal de ensino, na cidade de Vinhedo, não possibilita muitas saídas a campo com os alunos, pois somente é reservada uma saída com ônibus ao longo do ano, além do projeto, obrigatoriamente, estar aprovado no começo de cada ano letivo. Muitas das saídas com os alunos da escola são projetos oriundos da secretaria da educação municipal, sem a consulta aos professores, sendo uma ação imposta, que dificilmente alcançará resultados duradouros. São projetos ligados a acordos junto à prefeitura da cidade, como uma visita à indústria Unilever, Instituto Estre, Autoban, parque Hopi Hari, entre outros. Essas saídas são importantes, entretanto, são descontextualizadas, não atendem à demanda dos professores e alunos em muitos pontos, e o principal deles é a impossibilidade de se trabalhar um estudo "pré-campo", já que esses "passeios" (chamados assim pelos alunos), chegam de repente ao professor, sem uma data pré definida.

Um trabalho de campo não precisa ocorrer necessariamente em locais já pedagogicamente aprovados ou longínquos. Eles podem acontecer circunscritos à escola. Ao se trabalhar com o "lugar de vivência", estamos nos referindo à localidade mais próxima, ligada ao ambiente dos alunos, da escola e da comunidade, isto é, ao bairro. Entretanto, a experiência com a região do bairro Capela revelou certo desgosto dos alunos ao descobrirem que o trabalho de campo seria no mesmo bairro em que moram. Verificou-se, nesses últimos anos nas escolas da Capela, através de reuniões pedagógicas realizadas por professores de Geografia e História, que existe uma necessidade de uma maior quantidade de campos e estudos feitos na própria comunidade. Ao serem perguntados qual o nome do córrego, que corre ao lado da escola, e que muitos atravessam quase todos os dias, nenhum deles soube responder. Quando perguntados sobre o motivo do nome do Bairro, o histórico da área ou mesmo o nome de alguma praça, poucos souberam explicar a história local, justificando a importância de se trabalhar o tema, dentro de uma geografia crítica. Esse tipo de aula foi bem analisada por STRAFORINI (2001, p.70), em seu trabalho juntamente com uma escola municipal na cidade de Sorocaba, onde procurou

evitar a comum confusão com o lecionar história nas aulas de geografia, buscando claramente estar dentro de um conteúdo geográfico, trabalhando com situações geográficas. Dessa forma, percebemos uma clara necessidade de trabalhos contextualizados e históricos, voltados para a comunidade onde moram e o seu espaço/lugar de vivência, para superar esta lacuna.

Após a elaboração de um projeto pedagógico<sup>9</sup> para o trabalho de campo, feito coletivamente pelos professores, e depois de alguns entraves burocráticos, pudemos ainda no primeiro bimestre de 2013, realizar um estudo do meio, com os alunos de sextos e sétimos anos da escola C.I.C., com a participação de professores de todo o período letivo, que propuseram atividades para serem feitas no campo e posteriormente em sala. O estudo do meio foi programado em torno da escola, em um trajeto com três paradas (Figura 3), tendo como objetivos gerais os professores conhecerem o local em que trabalham e os alunos coletarem dados para as atividades propostas pelos professores, como fotografar a flora e fauna, o bairro, fazer entrevistas com os moradores, descrever locais, procurarem formas geométricas, medições da frequência cardíaca, coleta de lixo e também para sairmos do cotidiano escolar e fazermos um piquenique.

O estudo do meio foi realizado em duas tardes, pois foi preciso dividir todas as turmas para que houvesse um número mínimo de três professores acompanhando-os. Em uma primeira tarde foram os sextos anos e na seguinte foram os sétimos anos, mas as atividades propostas pelos professores foram realizadas da mesma forma com os dois grupos, entretanto cada grupo teve interações diferentes com o ambiente e os moradores, como por exemplo: os sextos anos foram mais tímidos ao conversarem com as pessoas, mas estavam muito mais excitados com a saída pelo bairro que os sétimos anos, que por sua vez se dedicaram bastante às fotografias e aos debates sobre o meio ambiente e o território da Capela. O roteiro do trabalho de campo foi elaborado da seguinte maneira:

---

9 - Projeto disponibilizado no apêndice B, p. 115.

- Saída observando os arredores da escola e o bairro;
- Primeira parada: Bosque;
- Parada para o lanche;
- Segunda parada: Castelo;
- Terceira parada: Alto da rua avistando a paisagem e relevo;
- De volta a escola fazendo o caminho inverso.

Dessa forma, dentro desse trajeto foram programadas algumas atividades propostas pelos professores, para que o aluno pudesse:

- Conhecer a linguagem científica, a observação e a coleta de dados;
- Analisar a integração e interdisciplinaridade das matérias escolares;
- Conhecer a flora e fauna locais, assim como a hidrografia e o relevo;
- Observar o ambiente com objetivo de transformá-lo em cenário de narrativa (conto maravilhoso);
- Calcular a distância, retas, área e estudo de triângulo;
- Debater o território, paisagem e a história do bairro e seu contexto sócio-político;
- Fotografar a paisagem local, destacando seu próprio olhar para o bairro.

Houve paradas não previstas que emergiram da dinâmica dos próprios alunos, que faziam observações sobre algo curioso que havia passado despercebido, mesmo percorrendo aquele caminho todos os dias, como foi a exemplo da parada inicial não programada ao lado da escola, onde os alunos tinham uma visão panorâmica da paisagem.

**Figura 3. Imagem de satélite sobre o bairro da Capela, destacando o trajeto realizado no estudo do meio.**



Fonte: Print Screen 3 do programa Google Earth, 2012.

Descreverei abaixo, alguns pontos do trabalho de campo que merecem destaque:

1- Pré-Campo: Elaboração das entrevistas pelos alunos; Atrasos na data do trabalho de campo, devido ao trâmite burocrático para autorizações e impressão das mesmas e depois pelas chuvas;

2- Quando propus a ideia de um estudo do meio nos arredores da escola, todos os professores abraçaram o projeto;

3- Os alunos, *a priori*, não gostaram de saber que o "passeio" aconteceria no mesmo bairro em que moram;

4- Ao contrário do proposto, os professores realizaram atividades disciplinares durante e após o campo;

5- História e Geografia trabalharam de forma mais interdisciplinar e puderam desvendar as relações globais refletidas no bairro e construir conhecimentos a partir dos alunos;

6- Os alunos conheceram mais profundamente alguns detalhes ocultos do bairro, ajudaram com seus conhecimentos locais e os professores também conheceram melhor seu local de trabalho.

Em um momento pré-campo, durante as aulas de geografia, os alunos levantaram questões pertinentes ao local para serem realizadas durante nosso trabalho, o tornou essas questões muito pertinentes, pois há nelas o lugar vivido e suas experiências locais. Quanto aos problemas de atraso para a realização da saída pelo bairro, mesmo quando todo o trabalho de campo é programado, burocracias podem atrasá-lo, como foi o caso da escola na qual faríamos o estudo do meio. A simples elaboração e impressão dos bilhetes de autorização para a saída da escola procrastinaram semanas por parte da coordenação e direção escolar, além da autorização da secretaria municipal de educação. O fato de não utilizarmos ônibus agilizou um pouco o processo que poderia ser mais demorado ainda. No segundo item citado, sobre a participação dos professores, é importante frisar que sem a participação deles, o estudo do meio ficaria inviável, devido à grande quantidade de alunos, sendo recomendado pela secretaria de educação que em passeios sempre haja um professor ou inspetor para cada vinte alunos. Além do que, estando os alunos em trabalhos fora da sala, somente com o professor de geografia, atrasaríamos o conteúdo das outras disciplinas. Assim, a colaboração de todos os professores do período da tarde facilitou a complexa dinâmica da saída dos alunos da escola.

### Fotografia 8. Saída dos estudantes pelo bairro.



Fonte: TRENTTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

No terceiro ponto, sobre o estudo do meio pelo bairro, quero destacar a equivocada ideia, por parte da maioria dos alunos e gestores, de que os trabalhos de campo são sempre realizados em locais que demandam uma viagem mais longa, ou que seja, no mínimo, longe da escola e que caracterizem o termo "passeio". Existe aqui uma confusão entre os conceitos de passeio e estudo do meio, que se tornaram quase sinônimos para alguns educadores, entretanto, segundo LOPES e PONTUSCHKA (2009), a banalização do termo estudo do meio para qualquer atividade extraescolar pode comprometer o aprofundamento teórico dessa prática pedagógica, perdendo seu valor informativo e educativo. Um passeio pode ser entendido como uma atividade lúdica, sem necessariamente possuir uma essência pedagógica, enquanto um estudo do meio pode possuir elementos lúdicos, de passeio, mas ao mesmo tempo, deve ter um caráter didático e pedagógico. Para os alunos, este estudo

do meio, sendo realizado no bairro em que vivem, não caracterizava um passeio na forma como concebem o termo. Assim mesmo, houve um discurso contrário, de que conheciam tudo ao redor da escola e que não precisavam dos professores para isso. Trabalhei com essa solicitação, e elaboramos uma dinâmica onde os alunos nos mostrariam o bairro onde moram e de fato conheciam muito bem, e nós professores mostraríamos alguns dos saberes vistos em aula, diretamente no lugar de vivência deles, mas a centralidade das ações estava mesmo voltada para a experiência dos estudantes e o que eles carregavam em sua bagagem cultural, espacial e de vivência local:

Os estudantes ao cursarem a escola básica, carregam conhecimentos decorrentes de suas vivências espaciais, de suas experiências, resultados de seus deslocamentos, de suas moradias e de sua convivência com diferentes pessoas e grupos sociais. Além da experiência direta, podemos considerar aquelas mediadas por outras pessoas, pela fotografia, pelos livros, pelo cinema, pelos telejornais, pelas novelas e por outras formas. (DIAS, 2013, p.1031-1032)

No trabalho de campo, começamos fazendo uma parada não programada, ao lado da escola e conversamos sobre o local de sua construção. Os estudantes observaram a localização da escola no bairro e notaram muito mato na parte mais baixa, externa à escola, justamente onde corre o córrego Morumbi, e que toda essa vegetação não era de mata ciliar (a professora de ciências lembrou para os alunos o que era mata ciliar), mas que estava ocupada por um brejo, com espécies exóticas e secundárias, como o eucalipto. Fomos então em direção ao bosque e mais uma vez, sem que fosse combinado, paramos em um ponto onde podíamos ver a escola toda de perfil e a granja vizinha.



**Fotografia 9. Perfil da escola, onde podemos observar a granja à esquerda e o brejo do córrego Morumbi.**

Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

Os alunos lembraram que a granja estava fechada este ano, pois uma aluna do sexto ano ficara doente em 2012. Explicamos que ela foi exposta a uma bactéria de origem aviária, o que quase a matou (a aluna já está bem e inclusive fez o estudo do meio), mas que não foi identificada a origem patológica e, mesmo assim, a vigilância sanitária fechou o estabelecimento. Uma das melhoras percebidas por todos, e muito mencionada pelos alunos neste momento, foi o fim do mau cheiro vindo da granja em dias quentes e de retirada das aves. Indaguei sobre o que poderíamos aprender com o exemplo da granja? E muitos alunos disseram que a granja estava no lugar errado, então precisei lembrá-los que a Granja já estava neste local há décadas, e após isso, disseram que é a escola que estava em local errado, pois tinha sido construída há poucos anos. Após essa afirmação dos alunos, adicionei a ideia da várzea, onde a escola também estava inserida. Ao explicar sobre a várzea e os problemas que

as chuvas podem ocasionar, os alunos brincaram que a escola deveria ser demolida e construída em outro local. Ficou claro, que os alunos raramente pensam sobre o local onde a escola estava instalada. Eles simplesmente frequentavam a escola, sem pensar muito nos problemas locais do colégio, construído ao lado de um local de criação de aves, na várzea de um córrego, que recebe esgoto e que contribui para a crescente infestação de insetos e animais peçonhentos, como cobras e aranhas, dentro dos limites da escola.

Ocorreu um pequeno debate sobre a história da construção da escola que esteve mais ligada à questão política que educacionais, fato comprovado pela péssima escolha do local de construção da escola, em um terreno da prefeitura, ao lado de um córrego e uma granja de grande produção. Não houve debate ou qualquer estudo de impacto ambiental, pois dessa forma saberiam do predomínio de ventos vindos de noroeste que carregaria consigo o odor aviário. Houve uma tentativa de resolver o problema com uma cerca viva de folhagem, mas que pouco funcionou e somente com o fechamento do local, a escola pode se livrar do problema. Dessa forma pudemos utilizar o contexto local da granja para discussões importantes para as ciências, como por exemplo, conversamos sobre vírus, bactérias, massas de ar, poluição e impacto ambiental. Esse tipo de discussão contextualizada, não foi previamente planejada pelos professores e teve seu afloramento a partir da observação lateral da paisagem da granja e da escola, onde os alunos perceberam a incompatibilidade entre o local de uma instituição de ensino e um local com vários problemas ambientais, visão essa que faltou ou foi negligenciada pelos políticos locais ao estabelecerem esse ponto para a construção de uma escola.

Continuando o percurso, chegamos ao ponto da primeira parada, no bosque (Fotografia 10) conhecido pela comunidade como "triozinho", pois há uma trilha que corta o bosque e faz ligação com uma rua, bem arborizada, paralela ao córrego.



**Fotografia 10. Primeira parada do trajeto, na trilha do bosque.**

Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

Assim, fizemos a primeira parada programada. Os professores de ciências iniciaram uma fala sobre as espécies arbóreas e o que poderia ser encontrado de fauna local. Alguns alunos conversavam que o bosque era local de usuários de drogas durante a noite e que só era seguro atravessar por ali com a luz do sol. Perguntei quantos deles atravessavam a trilha do bosque para chegar a escola e quase a metade deles o fazia diariamente para estudar. Após esse dado ser informado pelos alunos, uma das professoras me perguntou, discretamente, se não teria sido mais seguro, estarmos acompanhados por guardas da ronda escolar, já que o bairro tinha "fama" de ser violento. Perguntei aos alunos se eles tinham medo de estarem ali, e a maioria respondeu que era mesmo tranquilo durante o dia, mas que não se arriscariam à noite. Percebi na fala da professora certo medo irracional, enraizado no estigma social do bairro da Capela, o que revelava também que os professores não vivenciavam o bairro

em que estavam todos os dias, e não saíam da escola, exceto para chegar ao trabalho e voltar para suas casas. O bosque era realmente um local agradável, de muita sombra, pássaros e com uma trilha bem construída com pedriscos e sarjeta, e que é tão pouco aproveitado pela escola (esta foi a primeira vez, em sete anos do colégio, que foi feita alguma atividade ali), mesmo ficando tão próximo dela.

### **Fotografia 11. Investigação da fauna e flora locais**



Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

Os alunos também haviam elaborado anteriormente em uma aula de geografia, algumas questões para serem feitas com moradores que vivem próximos e para aqueles que atravessam por aquele local<sup>10</sup>. As questões foram simples, como por exemplo: há quanto tempo reside no local, se conhecia o

---

<sup>10</sup> - Questionários concebidos pelos alunos disponíveis nos anexos A e B, nas páginas 119 e 120 respectivamente.

nome do córrego e quais melhorias poderiam ser feitas no bosque. Encontramos alguns pais e parentes de alguns estudantes durante o trajeto e eles lhes fizeram as questões mencionadas. A maioria das respostas obteve o mesmo padrão: a maior parte reside na Capela entre 5 a 10 anos, e nenhuma das pessoas com quem os alunos conversaram soube o nome do córrego, resposta que pode indicar que os moradores ainda não conhecem de fato o lugar onde moram ou também indica a crescente migração, refletindo o pouco tempo em que estão fixados neste local, provindos de outras cidades, o que já havia sido constatado anteriormente em uma atividade com os alunos e que os próprios dados municipais revelam com a grande quantidade de migrantes, em Vinhedo.

Ainda tratando da parada no bosque, a grande quantidade de insetos e árvores exóticas fez com que os alunos tirassem muitas fotografias. Emergiram muitas questões sobre os biomas e sobre o comportamento desses animais, o que foi prontamente respondido pela professora de ciências. Ficou clara a excitação dos alunos quando encontrávamos um inseto novo ou com cores chamativas, levando todos a fotografá-los com dedicação. As árvores frutíferas existentes no trajeto e de pouco conhecimento dos alunos, como amora, acerola, abacate e goiaba também foram motivos para perguntas, do tipo: - estas possuem frutos? Um pé de café com frutos chamou a atenção, pois os alunos não o conheciam. Após uns trinta minutos deixamos o bosque em direção à segunda parada programada: uma represa do córrego Morumbi.

Saímos do bosque e seguimos pela rua paralela ao córrego, muito bem arborizada, apesar da mata ciliar não ser mais da Mata Atlântica original (Fotografia 12):



**Fotografia 12. Rua paralela ao córrego Morumbi.**

Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

Nesta parte do percurso, o professor de matemática pediu para que os alunos fotografassem figuras de formas geométricas que encontrassem pelo caminho, pois fariam uma atividade posterior em sala. Neste ponto, os alunos perceberam por frestas na vegetação que o córrego acompanhava a rua, e que estava mais largo do que aquele que visto ao lado da escola. Havia uma questão que tinha dividido os alunos na aula de geografia. Sabíamos da existência de uma pequena represa no final da rua do córrego, mas o estado e a manutenção da represa era uma dúvida, pois alguns alunos afirmavam que a represinha (assim conhecido por eles) havia secado, e outra parcela de alunos afirmava que ainda havia a "represinha". Antes de chegarmos à represa fizemos uma parada para um rápido piquenique, onde os alunos descansaram e comeram um lanche sob a sombra das árvores, com destaque para uma paineira de aproximadamente 20 metros, que somente neste momento chamou mais a atenção dos alunos, após a intervenção da professora de ciências. Ao

chegarmos na segunda parada, comprovamos que a represa estava com a capacidade muito baixa, somente com um fio de água, o que levou os alunos a afirmarem que havia secado, mas vimos que havia um pouco de água corrente em certos pontos. O impasse continuou em parte, pois a represa não estava totalmente seca, e também não estava cheia como em anos anteriores.

Um dos trabalhos que os alunos fizeram o tempo todo era o de fotografar tudo o que viam. Pedi que registrassem algo que eles gostavam do bairro e alguma cena que eles reprovavam, e uma terceira parada em frente ao castelo foi o ponto que mais empolgou a todos, inclusive aos professores.

**Fotografia 13. Réplica de um pequeno Castelo, no entorno da escola da Capela.**



Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

O castelo localizado na Capela foi um empreendimento com o objetivo de ser um local para festas e eventos da região, entretanto nunca foi utilizado e o motivo para isso ainda é muito obscuro sendo que nenhum dos moradores do bairro jamais soube explicar. Ainda assim existem boatos por

parte da população local que giram em torno de uma alta especulação imobiliária pelo terreno, falta de licenças ambientais e também a de que o local sirva de prostíbulo noturno, algo que já foi dito por alguns alunos, mas em um tom bem velado e para terceiros, nunca para professores. Alguns alunos cogitaram a ideia do local passar a ser parte da escola, pois o castelo é quase vizinho ao colégio, contudo explicamos que o castelo era uma propriedade privada e que esse "sonho" seria difícil de ser realizado. Em sua entrada, há um grande portão, cercado de altos muros e torres, e foi nesta entrada onde os alunos mais fizeram suas fotos:



**Fotografia 14. Grande portão e murada do castelo na Capela.**

Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

A existência de um castelo como esse no bairro da Capela, e tão próximo à escola, impressionou alguns professores, assim como a riqueza do bairro, em termos ambientais e culturais, algo que não é destacado no município e que está ligado ao estigma social da Capela. Pude notar isso na fala de alguns educadores quando afirmaram, como que em tom de brincadeira, que o

verdadeiro motivo do não funcionamento do castelo estava ligado à sua localização em um bairro pobre e de periferia como este, evidenciando mais uma vez a triste marca social da Capela, presente em pessoas que deveriam confrontá-la.

Devido ao nosso tempo relativamente escasso, tivemos que modificar o trajeto, e o castelo se tornou a terceira parada oficial deste trabalho de campo. Não conseguimos subir a rua e chegar ao ponto inicialmente planejado onde falaríamos dos condomínios e dos bairros vizinhos. Assim, esta questão ficou para ser debatida em sala de aula, nas atividades pós trabalho de campo. A volta para a escola foi mais rápida, mas ainda com muitas fotografias feitas pelos estudantes, que mais tarde comporiam uma exposição na escola, aberta aos pais e comunidade. Relatos posteriores dos alunos indicavam que essa saída da escola havia sido um sucesso entre eles e mesmo aqueles que *a priori* reclamaram do local escolhido já nos questionavam quando seria a próxima vez que organizaríamos este trabalho novamente. Os professores também gostaram de sair da sala de aula e conhecer um pouco mais o bairro de seus alunos, além de melhorar o relacionamento professor-aluno, que foi muito bem aproveitado por todos neste sentido.

### Fotografia 15. Retorno à escola.



Fonte: TRENTTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

É preciso destacar aqui algumas falhas nesse projeto de estudo do meio pois, acabamos na maior parte do trajeto realizando um campo de categoria indutiva, onde nossas práticas de investigação no campo visavam mais guiar os alunos em uma sequência de observação e interpretação dos processos, do que deixá-los por conta própria. Também houve problemas quanto à realização prática dos trabalhos interdisciplinares, e o que se viu no campo foi um trabalho totalmente segmentado, onde as disciplinas surgiam a todo o momento, e os professores trabalharam posteriormente isolados em suas aulas, nada parecido com a conceituação de MORIN (2002B, p.29), onde uma formação interdisciplinar visa tornar os estudantes aptos para "articular, religar, contextualizar, situar-se num contexto e, se possível, globalizar, reunir os conhecimentos adquiridos". Somente História e Geografia puderam trabalhar um pouco mais próximas neste sentido, destacando o histórico do bairro, o processo

de ocupação local, indicando as grandes fazendas escravistas e até mesmo o quilombo que existiu na região, chegando à especulação imobiliária evidenciada pelos condomínios. Os alunos desconheciam o histórico de negros escravos na Capela, mas quanto aos condomínios fechados, lembraram-se das discussões em sala, e das imagens de satélite do Google Earth, que localizavam esses condomínios na Capela, e que não se reconheciam como pertencentes ao lugar, levando os alunos a questionarem os limites e fronteiras da Capela.

Ao final, o estudo do meio foi uma ótima maneira de colocar em contato os professores e alunos, com elementos positivos para ambas as partes, tanto quanto ao relacionamento como também para as atividades posteriores, além de conhecermos melhor os arredores de nosso local de trabalho e o lugar de vivência de nossos alunos. A educação precisa superar seu espaço histórico de vivência e abarcar de vez os espaços não formais e informais, que fazem muito mais sentido para a vida do aluno. Conforme BUENO (2005), “A educação em ciências nos dias de hoje não pode mais se ater ao contexto estritamente escolar...”, e o estudo do meio como promotor da interdisciplinaridade no processo de ensino, deve se estabelecer como uma prática usual e natural nos currículos de qualquer área das ciências.

## **5.2 - PÓS TRABALHO DE CAMPO PELO BAIRRO**

Um trabalho de campo, quando bem preparado e conduzido, retorna à sala de aula com uma riqueza enorme de relatos, fotografias, conhecimentos novos e principalmente muitos outros novos questionamentos. Após a nossa saída a campo, uma ideia inicial que surgiu juntamente com os alunos, era que reuníssemos todas as fotografias feitas pelo trajeto e fizéssemos uma exposição durante a reunião de pais, quando a escola fica aberta à comunidade, para que mostrem o seu próprio olhar do bairro e do local em que vivem. Dessa forma, fizemos votações na sala e escolhemos as melhores fotos feitas pelos alunos e professores, e as expusemos na reunião de pais e mestres. Conjuntamente, as professoras de língua portuguesa decidiram trabalhar com a criação de legendas para as fotografias, e os alunos produziram ótimas leituras

das imagens, como podemos ver na Fotografia 16, já com uma visão mais crítica da organização do espaço na Capela, reflexo este dos debates realizados em sala e na saída de campo, quando conversamos sobre a ocupação irregular e a vinda de muitas pessoas para o bairro, e o resultado pode-se ver na legenda "Cidade Amontoada" de Daniel do sexto ano e "Equilibrando casas" da aluna Carol do sétimo ano.

**Fotografia 16. Trabalho com legendas, feito nas aulas de língua portuguesa, com as fotografias em exposição.**



Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo/SP, 2013.

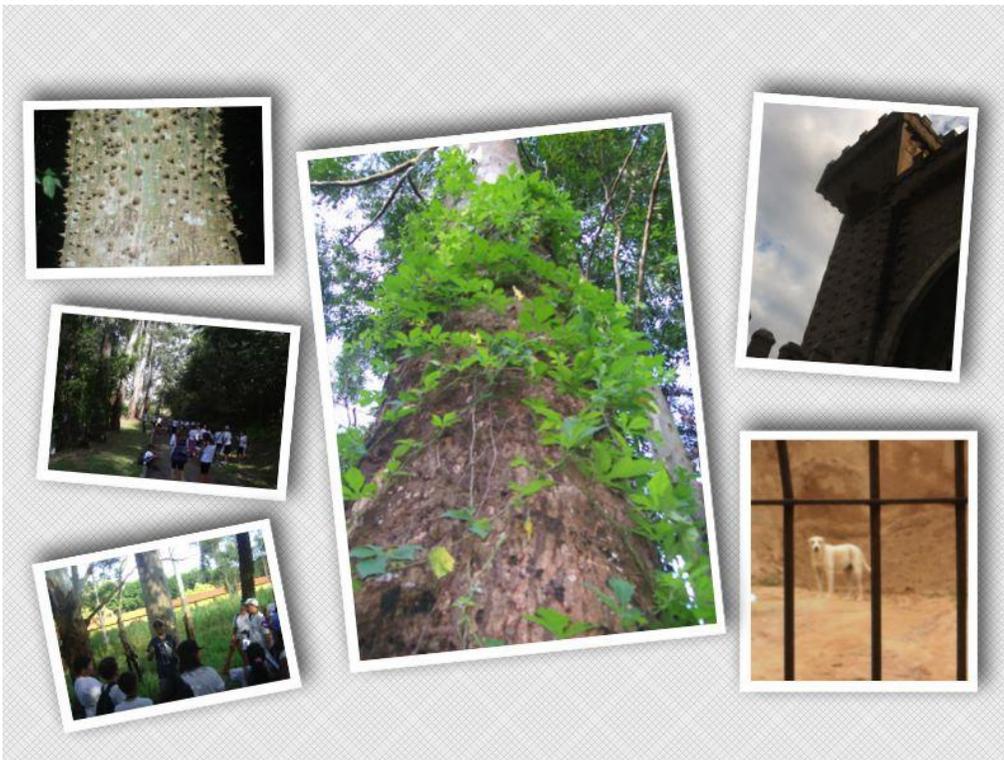
Também podemos destacar como produto posterior do trabalho de campo as bonitas fotos que fizeram do local, montadas pelos alunos na sala de informática no formato de cartões-postais, para que os estudantes levassem para pessoas visitantes que não conhecem o bairro, e até mesmo para moradores de Vinhedo que não conhecem as particularidades da região da Capela. Aqui reunimos algumas das fotografias dos estudantes que foram impressas como cartões-postais para nossa exposição escolar:

**Figura 4. Sequência A de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos 2013. Vinhedo.**



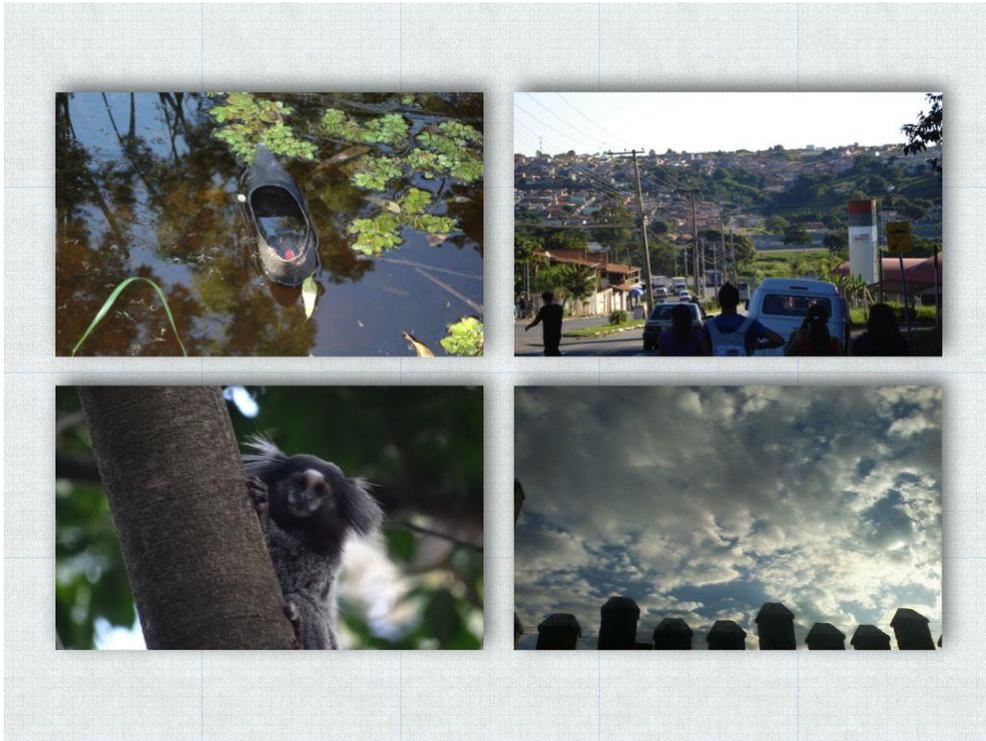
Fonte: Organizado pelo autor, 2013.

**Figura 5. Sequência B de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos - exposição 2013. Vinhedo/SP.**



Fonte: Organizado pelo autor, 2013.

Figura 6. Sequência C de fotografias dos alunos de sextos e sétimos anos - exposição 2013. Vinhedo/SP.



Fonte: Organizado pelo autor, 2013.

Um dos retornos do trabalho de campo que mais agradou a todos os professores foi a resposta positiva dos estudantes. Nos dias seguintes ao campo, todas as conversas giravam em torno da saída anterior, e do desejo de mais saídas como essa durante o semestre. Essa demanda dos alunos deve ser incluída no planejamento inicial do ano letivo, para que realmente ocorra e com planejamento prévio, possa contar com outros participantes, como biólogos, historiadores locais, coordenação da escola, pais e moradores, além da possibilidade da inclusão de outras ações como plantio de árvores na mata ciliar local, recolhimento de lixo do bosque, identificação de espécies da fauna e flora locais, identificação dos córregos que margeiam a escola, podendo assim até mesmo gerar a identificação de áreas de risco ambiental e outros problemas. Também premeditando um trabalho de campo, evita-se um trabalho isolado das disciplinas, como ocorreu conosco.

**Fotografia 17. Exposição das fotografias para a comunidade.**



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, 2013.

**Fotografia 18. Debate em sala após o campo**



Fonte: TRENTA, P.R., Vinhedo, 2013.

Após algumas semanas do trabalho de campo, a secretaria municipal da educação solicitou fotografias desse campo, para incluí-las como atividade feita dentro da agenda municipal, para o programa do município verde-azul da secretaria do meio ambiente do Governo do Estado de São Paulo. O selo verde-azul é um programa estadual que visa estimular e capacitar as prefeituras a implementarem e desenvolverem uma agenda ambiental estratégica. Entretanto, o tal selo também está diretamente ligado à liberação de recursos do Fundo Estadual de Controle à Poluição (FECOP). Dessa forma, um trabalho de campo escolar, que sofreu com problemas burocráticos, sem verba alguma (os alunos levaram lanche de casa, e aqueles que não o tinham, comeram com os colegas), e que só foi executado pois não requisitamos ônibus algum, agora serve de exemplo de atividade "realizada" pela prefeitura municipal de Vinhedo, indicando mais uma vez como são verticais o diálogo e as relações de poder na rede municipal de ensino da cidade.

Desconsiderando a falta de apoio inicial, se for realizado com antecedência e planejamento, o trabalho de campo pelo bairro é algo que deve ser implantado e realizado pelo menos anualmente, tornando-o, assim, atividade regular, fazendo com que todos saiam da inércia, estimulando alunos e professores e gerando frutos por todo o ano letivo e em todas as disciplinas. Trabalhar com demandas locais e problemas reais para nossos alunos faz muito mais sentido do que falar do mesmo problema só que em uma realidade distante, ao mesmo tempo percebem que o ocorrido localmente faz parte de um todo, ocorrendo em outros lugares e sendo até mesmo reflexo de ações em outros pontos. GRUENEWALD (2003a) afirma que a escola contemporânea dá pouca importância ao "lugar", ao mesmo tempo em que retira de cena um contexto mais amplo, colocando a escola como uma estrutura ilhada, sendo que a escola é parte deste todo e está inserida em um contexto. Tornar o aluno consciente sobre o lugar em que vive produzirá ações mais efetivas para a formação do cidadão que ali mora. O autor ainda afirma que essas saídas da sala de aula têm o potencial de envolver professores e alunos na resolução de problemas locais, além de seu lado democrático, pois o conhecimento local é

compartilhado pelas crianças, pais e moradores locais, que juntamente com a escola podem planejar ações, com mediação do professor nesse processo de reflexão coletiva, e o mais importante de tudo, ao se tornarem participantes é que acabam por conhecer o contexto sócio-político local, dando um sentido maior a esse trabalho de campo.

### **5.3 - RESSIGNIFICANDO À PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO**

Ao trabalhar com questões relacionadas ao contexto do aluno, não somente no sentido educacional da escola, pois a educação é um fenômeno abrangente, que transpõe as relações professor-aluno e aluno-escola, procurei a todo momento inverter a lógica epistemológica do conhecimento e construir, nas aulas de geografia, um currículo que valorizasse as questões sociais, da história e do território, sendo ao mesmo tempo globais e refletidas no local, colocando o aluno como o centro nas ações de investigação e de produção do conhecimento. Lopes (1999) destaca em seu trabalho sobre conhecimento científico e conhecimento escolar, se haveria na escola possibilidade de criação de algo novo ou apenas reelaboração do que se produziu. Para sabermos se uma investigação criou algo novo, precisamos conhecer o processo de criação do currículo atual e o que ele reflete. Assim, Lopes contribui com a seguinte afirmação:

[...] não existe nenhum currículo neutro e imparcial, nem tampouco um conhecimento escolar absoluto e imutável. Grupos e classes dominantes atuam no sentido de valorizar suas tradições culturais como conhecimento, excluindo tradições culturais de grupos e classes subordinadas. Em vista disso, estudiosos em Currículo passam a compreender o processo de criação, seleção, organização e distribuição do conhecimento escolar como estreitamente relacionado com os processos sociais mais amplos de acumulação e legitimação da sociedade capitalista. (LOPES, 1999, p.22)

O papel do currículo escolar atual é reproduzir e manter no poder aqueles que o produziram, sem que haja conhecimentos que coloquem os estudantes como protagonistas e investigadores do seu cotidiano, o que possibilitaria uma leitura crítica do seu contexto, resultando em um conhecimento que permitiria ações futuras que poderiam ameaçar a lógica dominante. Mas afinal, qual é o conhecimento que se ensina hoje nas escolas? Lopes define bem o que é o conhecimento escolar atual e a forma como ele se constituiu:

[...] 1) trata-se de um conhecimento selecionado a partir de uma cultura social mais ampla, que passa por um processo de transposição didática, ao mesmo tempo que é disciplinarizado; 2) constitui-se no embate com os demais saberes sociais, diferenciando-se dos mesmos. Em síntese, o conhecimento escolar define-se em relação aos demais saberes sociais, seja o conhecimento científico, o conhecimento cotidiano ou os saberes populares. [...] o conhecimento escolar apresenta a contradição de ter como objetivos a socialização do conhecimento científico e a constituição do conhecimento cotidiano. (LOPES, 1999, p.24)

O conhecimento cultural que é considerado essencial pelas classes dominantes, são transpostos para o currículo escolar para que se transmita às gerações posteriores àquilo que consideram substancial ao processo educativo. Dessa forma, a concepção dominante de cultura é o que temos como base do conhecimento escolar atual. Lopes destaca uma definição mais ampla e crítica de como o currículo deve ser visto:

Na tradição crítica, ao contrário, o currículo é visto como um terreno de produção e criação simbólica, no qual os conhecimentos são continuamente (re)construídos. O currículo, entendido como conhecimentos, crenças, hábitos, valores selecionados no interior da cultura de uma dada sociedade, constituindo o conteúdo próprio da Educação, deve ser considerado em sua não-universalidade e não abstração: trata-se de um, dentre vários possíveis, particularmente arbitrário e condicionado por fatores ideológicos, epistemológicos e históricos. (LOPES, 1999, p.63)

Várias das atividades realizadas com os alunos tiveram como objetivo ressignificar a forma como o conhecimento é construído na escola e está organizado, produzindo um currículo não muito comum na rede municipal de ensino de Vinhedo. Assim, partindo do contexto dos alunos e da história ocultada do bairro da Capela, fizemos atividades onde o aluno contribuía e produzia conhecimento científico a partir da sua realidade local, desembaralhando a trama territorial e discutindo a identidade e a forma como ela foi construída no bairro, vinda verticalizada das classes que estão no poder político e econômico atual. Um exemplo disso, era a forma como a toponímia era tratada no bairro, onde os moradores não conheciam o nome dos córregos e rios ou não sabiam quem foi Dona Aurora Sudário, que nomeia a maior praça da Capela, ou também não conheciam o motivo de existir um bairro chamado Palmares. Esse tipo de relação da toponímia e identidade é descrito por Corrêa:

A toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. A toponímia, em realidade, articula linguagem, política territorial e identidade. Nomear e renomear rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros têm um significado político e cultural, envolvendo etnias ou grupos culturais, hegemônicos ou não. (CORRÊA, 2010, p.176)

Um dos resultados desse trabalho foi a mudança na forma como o conhecimento local e o contexto histórico-social é absorvido pelos estudantes e pela escola, abrindo caminho para que haja mais trabalhos desse tipo, que utilizem o espaço do bairro como palco das ações dos estudantes e moradores da Capela. Expomos à todos os professores da escola, através de todo o trabalho com os alunos, que o currículo atual da escola está engessado e precisa de ações que invertam a lógica vertical do conhecimento acadêmico, e como vimos, funciona e rende frutos com conhecimentos mais duradouros, onde vemos uma produção desse conhecimento surgindo a partir do aluno e seu cotidiano. Um bom exemplo dessa forma de trabalho, foi o debate que surgiu com os resultados da pesquisa sobre as migrações para o bairro, onde

primeiramente não buscamos dados oficiais sobre o assunto, mas partimos de um censo local, com os familiares desses estudantes, com o objetivo de conhecermos melhor a comunidade e nossos alunos, e terminamos por chegar em resultados contrários ao senso comum, mas que chegavam próximo aos micro-dados oficiais do IBGE, ou seja, fazíamos aqui uma pequena inversão, onde o conhecimento sobre a migração das populações, assunto do currículo de geografia, foi primeiro visto contextualizado, para depois ser trabalhado com dados oficiais, que apenas confirmaram e premiaram nossos esforços de pesquisa com a comunidade.

### **Fotografia 19. Conversa pós campo sobre os problemas ambientais**



Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo, 2013.

A análise espacial e territorial também nos proporcionou uma inversão da lógica epistemológica, onde a partir de imagens de satélite, do bairro dos alunos e da cidade de Vinhedo, afloraram discussões sobre o que constituía o território da Capela e seus símbolos, rendendo um rico debate nas aulas de

geografia sobre o espaço e suas interações, seja com os condomínios ou seja com o restante do município. Esse tipo de discussão fundamentada em uma dimensão simbólica do território é essencial para se criar o hábito da leitura da paisagem e suas transformações, entendendo como se dá o processo e a dinâmica espacial do lugar. Haesbaert fala da complexidade de uma análise do espaço e suas relações:

Essa constatação de que a espacialidade (social) compreende, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta, geralmente vinculada ao seu caráter produtivo e disciplinar, e uma dimensão simbólica que, em diferentes intensidades, convivem num mesmo todo, leva-nos à conclusão de que é impossível apreender a complexidade do processo de territorialização da sociedade sem procurarmos conhecer esta múltipla interação, pois o espaço nunca é transformado a partir de uma intenção perfeitamente determinável e direcionada a uma "função" estanque. (HAESBAERT, 2012, p.87)

Em meio à complexa relação do território e seus símbolos, a educação de um olhar geográfico surge como um meio de leitura dessas relações espaciais, e partindo de uma ressignificação de como se é trabalhado o currículo escolar, possibilitamos um domínio do conhecimento científico, mas contextualizado, essencial na formação dos alunos atuais:

Uma formação em ciências no mundo de hoje deve permitir à pessoa, diante da notícia de um avanço científico, avaliar seu alcance real, após descontar os exageros da mídia. Exageros que constantemente contribuem, ao mesmo tempo, para a mitificação e para aumentar o estranhamento do público em relação à ciência. Mas deve, também, permitir a interpretação do mundo e a atuação crítica sobre o mesmo, o que só é possível se compreendemos que o mundo exige uma racionalidade construída por nós, descontínua e plural e, por isso mesmo, passível de ser modificada. Uma racionalidade que deve ser construída em íntima relação com os objetivos em torno dos quais se desenvolvem as relações dos homens entre si e com o mundo natural, passando necessariamente pelo crivo de nossas opções éticas. (LOPES, 1999, p.108 -109)

Ainda segundo Lopes, ao discutir a questão da mediação didática do professor, apresenta-a com uma maneira de modificar a forma como o

conhecimento científico é transmitido na escola, saindo de um contexto acadêmico e pouco claro, para uma linguagem científica mais acessível:

[...] os processos de mediação didática são modificadores do conhecimento científico, principalmente por significarem a tradução da linguagem formal em linguagem não-formal, mas também por organizarem padrões explicativos que sequer interessam aos cientistas. Não raro, encontramos professores de ciências que sabem explicar fenômenos simples, problemas pouco complexos e aspectos singulares da ciência com maior precisão do que cientistas de ponta. Justamente porque nós, professores, precisamos cotidianamente explicar essas questões, enquanto os cientistas de ponta a elas não dedicam sua atenção. (LOPES, 1999, p.229)

Dessa forma, ao repensarmos o que é transmitido na escola para nossos estudantes através do currículo atual, e também na forma como é feita essa mediação, nos leva a pensar no nosso aluno como co-participante das ações de produção do conhecimento e não como uma lousa em branco ou tábua rasa como fora pensado em outras épocas. Fica claro que conhecendo suas ideias prévias, seu lugar e contexto torna a aprendizagem para o aluno mais efetiva, significativa e de maior permanência na construção de um conhecimento. A mediação do professor precisa atentar-se em relacionar e problematizar as relações do cotidiano com o conhecimento científico em seus métodos de ensino, valorizando também aquilo que é produzido na escola como conhecimento científico, se assim seguir seus métodos.

A busca por uma escola, e por que não um mundo, onde os saberes locais são valorizados e nos possibilitem aprendizado e uma (re)construção territorial, onde o espaço não seja somente um simples domínio político-econômico, mas um lugar de identificação e (re)criação, é uma batalha justa e nada utópica, como afirma Haesbaert:

[...] rompendo com os dualismos, se assuma um projeto profundamente renovador, que nunca se pretenda acabado, que respeite a diversidade (as identidades) e assimile, ao lado da igualdade e do "bom senso", a convivência com o conflito (que só é possível frente à diferença do Outro, à alteridade) e a consequente busca permanente de novas alternativas para uma

sociedade menos opressiva e condicionadora - onde efetivamente se aceite que o homem é dotado não apenas do poder de (re)produzir, mas sobretudo de criar, e que a criação é suficientemente aberta para não se restringir às determinações da razão. (HAESBAERT, 1990, p.84)

Portanto, ao construir um novo currículo que proponha uma inversão da epistemologia do conhecimento, o aluno, o professor e a escola assumem um papel como produtores do conhecimento, e afasta-se da função de apenas reproduzir um currículo dominante, homogêneo e que na maioria das vezes não oferece significado algum ao estudante. Produzir conhecimento original a partir das atividades de ensino com esses estudantes faz ressignificar o conhecimento escolar e dá autonomia ao professor, melhorando assim também a qualidade do ensino.



## 6 - RESULTADOS

Para iniciar este capítulo sobre os resultados desta pesquisa, começo por detalhar o que obtive em sala de aula, primeiramente através do "Mini-Censo" escolar realizado com quase metade dos alunos do Ensino Fundamental II. É preciso lembrar que a escola, até a presente pesquisa, não conhecia os alunos que a frequentavam, de que bairros vinham, de onde são oriundos seus pais, e o que os estudantes acham da escola e do bairro. Nunca houve um trabalho de pesquisa, ou um movimento partindo da gestão escolar, que elaborasse o perfil dos alunos, e para se trabalhar uma metodologia crítica do lugar que fosse relevante para a comunidade, foi preciso conhecê-los melhor através do questionário socioeconômico e o resultado obtido foi muito válido e importante para o entendimento dos sujeitos que compõem a escola e seu ambiente, além disso nos possibilita um planejamento, a curto prazo, mais eficaz e direcionado para o contexto da comunidade.

Após algumas adaptações em itens do questionário que geraram dúvidas entre os alunos, como a polêmica questão sobre os irmãos, e o que seria uma família, percebemos em sala que o padrão familiar, proposto em diversos questionários socioeconômicos, não contempla os mais variados modelos familiares do contexto familiar desses estudantes, o que gerou certa crítica muito bem colocada pelos alunos e nos levou a refletir sobre a composição das famílias atuais, tema esse, que se encaixa dentro do estudo das populações para os sétimos anos, e é mais um exemplo do processo inverso que trabalhamos aqui, onde uma situação pontual, um conhecimento mais contextualizado desses alunos, possibilitou alcançarmos o conhecimento científico, da geografia populacional e até mesmo da sociologia, sobre a estrutura das famílias modernas.

Os resultados obtidos após a tabulação de dados e elaboração de gráficos foram apresentados nas aulas de geografia para nossa análise e debate, o que ajudou os alunos a conhecerem melhor seus colegas da escola e suas famílias. A questão da migração surpreendeu a todos, pois o senso comum

da cultura dominante, sem dados científicos, afirma que a Capela é um reduto nordestino, e através das nossas informações ainda que em escala amostral, vimos que a maior parte vem da região sul, principalmente do Paraná. Analisando conjuntamente com os microdados dos censos disponibilizados pelo IBGE, fica confirmada nossa ideia de migração sulista à Vinhedo, onde os dados históricos dos censos a partir de 1991 demonstram que o dinamismo econômico regional propiciou à chegada de importantes fluxos intrarregionais migratórios para a área, desde à década de setenta e oitenta (Baeninger, 1992) e se intensificou nos últimos anos (IBGE, 2010). Dessa forma, através da amostra do perfil socioeconômico realizado com os alunos da escola (contemplando estudantes de pelo menos 21 bairros da região), pode-se concluir que o tamanho da diversidade dentro da Capela é oposto à visão homogênea que alguns moradores têm do bairro, como um local repleto de "outsiders"<sup>11</sup> nordestinos e diferentes da já estabelecida comunidade italiana de classe média alta<sup>12</sup>. A multiplicidade se revelou na paisagem local, isto é, encontramos diferentes paisagens nos seus diversos níveis sociais, étnicos, oriundos de muitas partes do país, podendo ser lida de forma polissêmica e interpretada de muitas maneiras por quem mora no local ou não, pelos políticos e outras tantas versões, e assim encontramos na alteridade a "coabitação de diversidade e identidade":

[...] a centralidade se afirma como o primado da identidade sobre a diferença e a alteridade como uma dialética da diferença e da identidade. Na centralidade a identidade se firma sobre a diferença. [...] Na alteridade a diferença coabita com a identidade. (COMPIANI, 2012, p.139)

---

11 - A palavra "outsiders" carrega o mesmo sentido utilizado na obra de Norbert Elias (2000), *"Os estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade"*, para caracterizar os migrantes que chegam à Vinhedo, isto é, gente de fora e, segundo os já estabelecidos, por essa razão, sem direitos de plena cidadania na vida local.

12 - É preciso destacar a contradição na visão Vinhedense sobre os Capelenses, pois os próprios italianos também fizeram grandes migrações para o Brasil no final do século XIX e durante as décadas iniciais do século XX, e inclusive, alguns dos migrantes paranaenses da Capela provavelmente podem ter sobrenomes italianos como dos mais abastados moradores dos condomínios fechados de Vinhedo.

Algumas das paisagens presentes na Capela se enquadram, segundo COSGROVE (1989) em "paisagens excluídas" na visão daqueles que não vivem na periferia, ou "paisagem da cultura dominante" se formos considerar como é tratada pelo grupo dominante e pelos órgãos públicos locais. A Capela é predominantemente um local marcado pelo conhecimento hegemônico da "cultura dominante", onde o poder desse grupo, que se reveza no poder político desde o início da fundação do município, é exercido como tentáculos de um polvo, englobando os domínios da educação, economia, moradia, cultura, segurança e outros, e é refletida em um senso comum, generalizante sobre a Capela, além da forma pejorativa como enxergam o bairro, mas que não se baseia de forma alguma em pesquisas ou conhecimento científico do local. Sobre a coerção do conhecimento de uma cultura dominante e como combater esse senso comum, Lopes escreveu:

[...] o conhecimento dominante, hegemônico, nem sempre se alicerça em um conhecimento científico, mas sim em um senso comum que por vezes se alicerça em uma racionalidade pseudocientífica. Portanto, o domínio do conhecimento científico é fundamental para auxiliar a desconstrução do discurso dominante, de muitos dos seus mecanismos ideológicos que subsistem em função do desconhecimento geral de noções científicas. (LOPES, 1999, p.184)

Outro ponto a se observar, é que apesar de a Capela ser considerada periferia do ponto de vista espacial, existe ali uma contradição no sentido socioeconômico da palavra periferia, pois toda a estrutura oferecida pela prefeitura municipal quanto aos serviços básicos e infraestrutura, atende a padrões de boa qualidade de vida, melhores do que em muitos municípios ditos "centrais". Dados obtidos com o perfil socioeconômico também mostram boa parte dos moradores com computadores e acesso à internet, ultrapassando a média nacional para este bem de consumo. O bairro é periférico, quanto a distância do centro e pela dificuldade de mobilidade devido ao insuficiente transporte público e longo caminho até a região central, mas ao tratarmos de

qualidade de vida e acesso a serviços públicos, a atenção dada pela municipalidade é algo raro em outras periferias, pois aqui o fator político é determinante nas eleições locais e toda essa atenção destinada à Capela tem uma intencionalidade que é posteriormente refletida nas urnas, como se tem visto nas últimas duas décadas no município.

Os alunos contribuíram muito com o trabalho de campo, e revelaram um enorme prazer ao levar os professores pelas ruas do bairro e mostrarem o que conheciam dali. Durante todo o percurso os alunos indicavam suas casas e ruas, onde brincavam, o caminho que faziam para chegar à escola e onde havia ocorrido algum acontecimento em suas vidas. Todo esse conhecimento prévio do local auxiliou os professores no deslocamento pelo campo, conhecendo mais sobre o dia-a-dia e histórias sobre o bairro que somente os moradores conheciam. Muitos estudantes fizeram ligações com as fotos de satélites vistas em sala de aula, e disseram que era possível também ver do alto locais como a granja, a escola, os bosques e até mesmo o castelo, mas disseram: "de pertinho, de verdade, é muito mais bonito, não é professor?".

O conhecimento acadêmico, produzido dentro de universidades distantes daquela realidade da Capela, se difere do conhecimento escolar, entretanto, este também capaz de ser produzido por meio da investigação e do método científico, o que estimula os alunos, e isso é algo que falta na mediação professor-aluno: que o aluno sinta-se como um produtor de conhecimento. Esse conhecimento sobre questões do bairro e sobre sua identidade capelense acaba resignificando aquele conhecimento da geografia escolar. O trabalho realizado fora da sala de aula, resultou em saberes significativos, pois quando produzimos conhecimentos desse tipo, colocamos em xeque à epistemologia do conhecimento, despertando no sujeito um sentimento de capacidade de produção científica, ligado ao contexto, mas que também não deixa de ser ciência.

Muitos imaginam que o professor que trabalha em determinada escola, conheça minimamente o bairro que passa um bom tempo frequentando quase que diariamente, entretanto, não é isso o que ocorre. Como vimos em

nossa escola, através da nossa pesquisa, existe um distanciamento deles nesse sentido, pois a maioria dos professores não tinha conhecimento algum do bairro e se surpreendeu durante o trabalho de campo com o lugar e com o conhecimento prévio que os alunos possuíam. Como os professores pretendem melhorar a relação professor/aluno se não buscam conhecer o lugar de vivência de seus alunos? Conhecer seu local de trabalho e, conseqüentemente o local onde mora a comunidade escolar, torna o professor mais reflexivo e identificado com esse espaço, possibilitando uma melhor compreensão dos processos locais e do contexto socioeconômico ali presentes, entretanto, infelizmente os professores precisam lecionar em vários períodos em diferentes escolas e cidades, buscando aumentar o salário, tornando a identificação com o local de trabalho mais difícil e prolongada. Os professores como classe de profissionais ainda atuam de forma isolada e desordenada em Vinhedo, faltando coletividade e uma maior participação em espaços de representação como no conselho municipal de educação e na câmara de vereadores. Além disso, os professores do município têm atuação mínima ou inexistente nos planos políticos pedagógicos das escolas, o que torna mais lentas as mudanças no currículo escolar municipal.

A escola atual não dispõe de profissionais, que conheçam a comunidade, seu entorno, sua identidade e suas demandas. No geral, seria necessário um modelo educacional mais próximo do cotidiano do aluno através desse conhecimento do dia-a-dia, sendo realmente introduzido em sala de aula, pela simples atitude dos docentes em buscarem conhecer melhor o local de trabalho e arredores, e essa também é uma questão de identidade do próprio professor, que está em constante mudança e aperfeiçoamento, e segundo Pimenta (1996, p.75) "a identidade não é um dado imutável e nem externo, mas se dá em processo, na construção do sujeito historicamente contextualizado", assim o professor conhecendo melhor aquilo que está circunscrito à sua escola, acaba por conhecer melhor ele mesmo.

Circunscritos ao ambiente escolar, mais especificamente nas aulas das disciplinas ditas "humanas", veem-se emergir situações cotidianas, ligadas

ao histórico e contexto local que foram negligenciadas por anos na Capela, e que devem ser debatidas, principalmente dentro de uma disciplina social, como a geografia. Esse tipo de conhecimento, partindo do cotidiano para chegar-se ao científico, foi utilizado para trabalhar com os alunos da Capela. Assim, a partir de questionamentos sobre o lugar de vivência deles, procurei trabalhar nas aulas sob essa demanda, buscando aprofundar a dialética entre o cotidiano e o científico, aproximando a geografia escolar de uma Geografia crítica e humanista, onde pudemos durante as aulas tratar das relações de poderes que são globais, mas que estão refletidas na forma como se organiza o espaço na Capela, as relações conflituosas com os condomínios que os cercam, o populismo e patriarcalismo oriundo da prefeitura municipal. Compreender o que ocorre no espaço em que vivem os tornam sujeitos capazes de agir construindo um futuro melhor, dessa forma essa pesquisa contribuiu para que os alunos e a comunidade conhecessem melhor este lugar. Callai nos fala da necessidade de se compreender o que está acontecendo ao seu redor, para se construir um lugar de vivência mais solidário:

Reconhecer que existem potencialidades no lugar e que as pessoas têm capacidades, muitas vezes para além do que lhes é exigido e até permitido, já é um passo na busca de construção de um lugar solidário para a vida de todos que ali vivem. Mas, acima de tudo, é muito importante ter a compreensão do que está acontecendo, seja no lugar, seja no mundo. Essa busca gera necessariamente um processo de aprendizagem, com significado, para cada um e para o conjunto da sociedade. (CALLAI, 2007, p.94)

O espaço como objeto de investigação geográfica, é por si só conflituoso, onde os processos naturais e sociais são formados e atuam conjuntamente. A geografia proporciona a observação por meio de várias escalas, utilizando-se de um senso crítico profundo e analítico, e essa característica essencial não pode ser deixada de lado, quando tratamos também da geografia escolar. O espaço como lugar dos conflitos sociais, político e de classe, pode ser observado e compreendido pelos estudantes que também

estão inseridos neste contexto, e precisam reconhecer que fazem parte e podem ser protagonistas das ações locais e por que não, mundiais.

O trabalho de campo realizado também pode servir de modelo para os próximos anos, pois os professores já se posicionaram quanto à manutenção desse estudo do meio, no primeiro semestre de 2014. Sabendo com antecedência que esse trabalho será realizado, conseguiremos planejar melhor a saída a campo, em um trabalho verdadeiramente interdisciplinar, envolvendo mais pessoas e realizando mais ações efetivas no local. A associação de moradores do bairro soube da intenção de manter de forma mais constante o trabalho pelo bairro com os alunos, e contatou a direção da escola projetando um trabalho em conjunto e de conhecimento de todos da comunidade, onde poderemos mapear as demandas locais e direcionar todas as questões encontradas para o poder público, entretanto ações de curto prazo mais práticas e pontuais como o replantio de mudas da Mata Atlântica, repovoando a cobertura da mata ciliar do córrego ao lado da escola já se iniciaram logo após o trabalho de campo:

**Fotografia 20. Ações de plantio de mudas da mata ciliar local**



Fonte: TRENTO, P.R., Vinhedo, 2013.

Outra ideia que surgiu pós-campo é a elaboração de um estudo dos problemas ambientais locais, no modelo de um estudo de impacto ambiental (EIA - RIMA), e um relatório de impacto ao meio ambiente elaborado e produzido pela escola e pela comunidade local, com os conhecimentos que eles possuem do bairro aliado ao conhecimento científico escolar. Com um documento dessa natureza, com fotografias, depoimentos, coleta de dados, croquis, entre outras coisas, há força e motivos para encaminhá-lo para os espaços de debate públicos, como a câmara dos vereadores e a secretaria do meio ambiente. Quando a comunidade escolar se posiciona dessa maneira, fica realçado também o papel das escolas como produtoras de conhecimento científico para o município, e não somente reprodutora de projetos oriundos das universidades, dos setores privados e governamentais.

Na área de ensino de ciências, ainda encontramos poucas pesquisas que trabalhem com a ressignificação do conhecimento escolar através dos trabalhos de campo locais, sendo produzidos a partir do contexto dos alunos, mas é justamente esse tipo de conhecimento, elaborado conjuntamente com os estudantes, que dá sentido a sua presença na escola, tornando dessa maneira o processo de aprendizagem mais completo e efetivo.

Este trabalho também contribuiu com a quase inexistente pesquisa histórica local, uma vez que a história oficial do município de Vinhedo trata de forma apressada e secundária a chegada dos negros na região e destaca, de forma muito mais efusiva, a chegada do imigrante europeu. Além disso há um museu voltado para a história de Vinhedo e da imigração onde não há menção alguma à população negra que também chegou à cidade. A ocupação do bairro possui uma história de lutas que continuam e continuarão por um tempo, assim através de mais trabalhos como esse que envolvam a comunidade escolar, conhecendo melhor todos os aspectos do bairro, seu contexto e história, existe a possibilidade de um futuro mais solidário, de reconhecimento da riqueza local formando cidadãos mais capacitados para compreender e agir em prol dos capelenses.

O conceito de espaço geográfico envolve o conflito entre identidade e alteridade, e toda a pesquisa e trabalhos realizados em sala de aula, no trabalho de campo e com o questionário do perfil socioeconômico com a comunidade, conseguiu fazer com que os alunos crescessem em complexidade nesses conceitos, produzindo conhecimentos, através da mediação do professor articulando com as experiências dos alunos, resultando em um envolvimento mais crítico desses alunos com o lugar. A pesquisa também colaborou com um conhecimento um pouco melhor do debate político que há por trás da ocupação do espaço do bairro da Capela, da história negra que é ocultada pelo município, contribuindo com a compreensão das complexas inter-relações de que tudo que ocorre por ali é parte e reflexo de um todo, e envolve questões sociopolíticas e jogos de poder.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, podemos elencar alguns resultados deste trabalho e a forma como esse olhar geográfico desenvolveu-se, através dos dados coletados, e fez o movimento entre as partes e o todo, a partir do cotidiano dos estudantes.

Um desses "todos" construídos partindo dos vários dados trabalhados foi o conceito de identidade. Verificamos que os capelenses possuem características que os agrupam e os identificam, e podemos citar como exemplos averiguados e trabalhados com os alunos em resposta ao questionário socioeconômico: o pouco tempo de residência local, a empregabilidade dos pais dos alunos no distrito industrial próximo, a parcela alta de migrantes sul-sudeste contrapondo o senso comum, o histórico dos negros locais, além de discutirmos as consequências da separação geográfica, no fundo de vale, onde está localizada a porção capelense de Vinhedo. Todos esses elementos em conjunto são o retrato do que é a Capela e que foi construído e compreendido durante nossas atividades. Assim a aprendizagem nas aulas de geografia foi um fator preponderante no entendimento da identidade desses estudantes, assegurando além de sua formação escolar, favorecendo também sua autonomia e entendimento como cidadão.

Vale lembrar também que o movimento do "lugar Capela" para os conhecimentos mais gerais da geografia, foi aplicado durante as aulas de sextos e sétimos anos, por exemplo, na construção pelos alunos de gráficos dos resultados obtidos no questionário socioeconômico e sua posterior análise, fazendo comparações com os dados disponibilizados oficialmente por institutos como o IBGE, além de investigações junto aos seus familiares sobre os motivos da migração para Vinhedo e posteriormente também foram confrontados essas respostas com os dados encontrados em nosso livro didático de geografia.

Houve uma análise dos desenhos feitos pelos alunos representando seu bairro. Essa atividade consistia simplesmente em desenhar o bairro em que moravam e seu cotidiano, em um recorte espacial local, entretanto, encontramos a todo momento o global representado nos desenhos,

através das grandes indústrias multinacionais, além de mercados especializados em produtos de outras regiões do país. Dessa forma, trabalhamos o conceito de globalização a partir de desenhos representando o lugar Capela.

As imagens de satélites também serviram de suporte na construção de conceitos teóricos geográficos pelos estudantes. Debates em algumas aulas o território da região da Capela, suas fronteiras físicas e as barreiras culturais e sociais ocultas, onde os estudantes perceberam as transformações do bairro pela leitura do espaço, assim como compreenderam as relações territoriais visíveis e invisíveis presentes nesse espaço cotidiano.

Em duas tardes foram realizados trabalhos de campo ao redor da escola, pelo bairro da Capela. De início foi rechaçado pelos estudantes, pois entendiam que já conheciam tudo ao redor da escola, mas após a realização do mesmo, o sentimento mudou e foi muito enriquecedor também para os professores que não conheciam o bairro circunvizinho à escola. O trabalho interdisciplinar não funcionou como proposto, mas o resultado geral de investigação do bairro, seus problemas e sua história foi assimilado e teve bons produtos posteriores em nossas conversas em sala de aula.

Quando debatemos que a pedagogia do lugar estimula um novo olhar para a forma com que o espaço geográfico, simultaneamente, reflete e reproduz relações sociais de poder e dominação, isso também corrobora com a afirmação de que relações sociais desiguais se concretizam em relações espaciais desiguais, pois relações sociais são também relações espaciais, um exemplo disso debatido nas aulas de geografia são os condomínios em Vinhedo, onde na parte alta da cidade encontramos os brancos italianos e na parte baixa estão os negros e migrantes da Capela.

Ao realizar algumas atividades com os alunos envolvendo o conceito de lugar, identidade e território, mediando os conceitos prévios com os científicos, pude perceber que o entendimento do local Capela é algo muito complexo, devido aos inúmeros personagens envolvidos e ao contexto sócio-histórico com um peso expressivo entre os habitantes da cidade, além disso, a escola não está imune ao embate social e mesmo os professores tomam

posturas políticas sem saber, quando decidem não escolher aulas localizadas na periferia. Fica evidente que o município de Vinhedo possui uma marcada divisão entre as áreas que estão do outro lado do interflúvio em relação àquela periférica que vem em direção à Capela.

O bairro da Capela possui características únicas que precisam ser mais bem investigadas, como por exemplo, a enorme quantidade de ciclistas no bairro (nos últimos 4 anos já tivemos três mortes de alunos que acidentaram-se de bicicleta), a circulação de bicicletas é muito maior que no restante da cidade, não por procurarem um transporte ecologicamente correto, mas sim pelo baixo custo que esse tipo de locomoção proporciona. Outro ponto que chama a atenção de qualquer pessoa que venha a conhecer a região é a Feira da Capela, que acontece em uma grande praça do bairro e reflete a diversificada cultura local. Enquanto aos sábados o centro de Vinhedo tem pouco movimento, a feira da Capela se destaca pelo enorme fluxo de pessoas, vendendo e comprando mercadorias, almoçando, circulando, relacionando-se, ouvindo música alta e assistindo a apresentações de artistas populares. A popular feira da Capela, muito mais animada e viva, funciona como um mercado paralelo ao oficial do centro da cidade.

Seria preciso um trabalho de pesquisa mais apurado que entreviste moradores mais antigos da região da Capela, analisando as mudanças espaciais e sociais no bairro ao longo dos anos. Uma contradição ainda existente localmente é que a maioria dos alunos, mesmo vivendo ali por muitos anos, não conhece o nome dos córregos e rios que estão presentes no bairro e até mesmo córregos circundando a escola, mas conhecem o nome de todos os condomínios de alto padrão que os cercam. O município (ou parte dele) orgulha-se também de sua forte comunidade italiana, ostentando na bandeira da cidade as cores da Itália e até mesmo, no portal da cidade existe uma enorme bandeira italiana tremulando ao lado da brasileira. Essa preferência por adotar uma origem europeia contribui para o isolamento étnico e cultural da Capela, notadamente marcada pela forte presença da comunidade negra e de migrantes,

que também fazem parte da história da cidade, mas que fica ofuscada por essa construção histórica que o município produz.

Ao fazer estas diversas atividades com os alunos pude perceber que existe uma identificação sociocultural com o lugar chamado Capela, entretanto, os alunos têm certa dificuldade em conseguir reconhecê-la. A relação do local com o global, na Capela, poderia ser constantemente trabalhada em sala de aula com os alunos que pouco imaginam as interações entre seu bairro e elementos regionais ou até mesmo globais. Conduzir o olhar geográfico e crítico pelo lugar de vivência desses alunos, torna-se mais fácil com um trabalho mediado nas aulas de geografia, sendo construído aos poucos, fazendo-os sentir o local em que vivem, elaborando uma forma de compreensão onde eles se sintam participantes do bairro e vejam que eles próprios são os sujeitos protagonistas, atuantes na produção do conhecimento na escola e transformadores do lugar de vivência. Assim esse trabalho realizado com os alunos provocou-os a pensarem, estimulou o desenvolvimento e senso crítico desses estudantes possibilitando novas leituras do bairro por parte deles, e contribui para o entendimento do meu papel social como professor.

Existe uma constante transformação no bairro da Capela que cresce juntamente ao desenvolvimento econômico do município. Percebe-se isso nos crescentes novos loteamentos, tanto de casas populares quanto de condomínios fechados, que estão se iniciando, e, aliados ao grande número de vagas nas indústrias locais, o número de pessoas aumentará consideravelmente, em uma região que já é demograficamente enorme. Toda essa massa de pessoas impactará o ambiente local em áreas como saneamento básico, educação, transportes, meio ambiente e em tantas outras dimensões possíveis. Seria importante neste momento, ações políticas e pedagógicas, que possam ser conjuntas, estudando esses impactos ao meio ambiente local, produzindo um conhecimento crítico de toda essa transformação e aliando-se a um planejamento nesses novos espaços, para que não ocorra outro momento de rápida ocupação que resulte ou aumente problemas como os já vistos por nós pelo bairro. Uma posição questionadora e crítica da comunidade escolar e

do bairro possui um peso que tende a ser ouvido pelo poder público local e que torna a escola um lugar de produção de conhecimento rendendo medidas efetivas para a vida do estudante e seu bairro.

Outro ponto que é preciso ser lembrado, é que assim como os professores evitam ou se recusam a trabalhar em escolas mais periféricas na cidade, os alunos de outras escolas mais centrais também possuem um discurso preconceituoso em relação aos estudantes da Capela, e isso é facilmente percebido quando ocorrem interações entre os estudantes da rede municipal de ensino. Esse preconceito enraizado na sociedade vinhedense revela-se na fala de pais, professores e autoridades públicas quando se referem ao bairro. Fica muito evidente na cidade de Vinhedo que as áreas periféricas ficam isoladas e sofrem preconceito das partes mais centrais, seja geograficamente, ou socioeconomicamente e a palavra do outro mostrou-se um fator importante na construção dos capelenses, marcando-os internamente, como afirma HALL (2002, p.3): "O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós", contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares que ocupamos [...]".

Todas essas características fazem da Capela uma comunidade muito dinâmica, onde as relações globais de sociedade, trabalho, economia, consumo, etc., são reproduzidas, manifestando-se nos discursos encontrados nos alunos da escola C.I.C. Eduardo Von Zuben, e na cidade de Vinhedo, e que precisam ser investigadas com maior profundidade e tempo, pois, a identidade e alteridade sobre o bairro é fruto de todas essas inter-relações nas mais variadas escalas.

Também houve um aprendizado recíproco entre professores e alunos, estimulando o conhecer local por ambas as partes, numa relação de coparticipação, aprendendo sobre o "lugar", que muitos julgavam conhecê-lo por completo e sem nenhum conhecimento "novo" para se adicionar. A pesquisa também trouxe bons frutos para dentro do cotidiano escolar, e também muito importante, abriu possibilidades de ações práticas para um futuro próximo,

relacionando mais a escola com a associação de moradores do bairro da Capela, isto faz com que a escola não fique isolada, mas que seja frequentada por todos aqueles que realmente fazem parte dela, incluindo os pais e professores.

Quando pensamos nos desdobramentos desse trabalho para um currículo escolar, ficamos otimistas quanto à possibilidade de alterações do projeto político pedagógico (PPP), documento este que define a identidade da escola e indica o caminho a seguir não apenas pelos gestores, mas também para todos os professores, alunos, pais, funcionários, ou seja, é um guia para toda a comunidade escolar. Repensar o PPP da escola a partir do contexto dos estudantes e dos conhecimentos científicos aflorando a partir do bairro e suas relações com o global, pode tornar esse documento algo mais presente e essencial nas ações cotidianas da escola, valorizando o conhecimento local, sendo dessa maneira uma forma de gestão mais democrática, englobando os saberes da experiência de vivência na Capela, e sendo o suficiente flexível para se adaptar as necessidades de aprendizagens desses alunos. Quanto as consequências para o currículo de Geografia, este trabalho forneceu as bases para se trabalhar uma investigação geográfica/científica partindo das experiências de vida dos alunos, daquilo que vivenciam no seu bairro, trabalhando com conceitos chaves da geografia como lugar, território e paisagem, não isoladamente, mas ressignificados pelo trabalho de campo em torno da escola.

Ao final, ao se voltar para entender os alunos da Capela, pode-se destacar também a história do professor como agente mediador e transformador. Pois, se não houver por parte dos professores uma postura inquieta, no sentido de sempre buscar uma educação científica e crítica, que melhore seu entendimento local e que lhe permita estar sempre aberto a novas ideias, ele optará pelo imóvel e acabará por contribuir com um modelo segregador e injusto, reproduzido e perpetuado em sua sala de aula e nas escolas por onde passar. Cabe ao professor compreender que a escola ocupa um papel decisivo e estruturante, na sua própria história e na dos alunos com

que trabalha, e que suas ações são políticas, independentemente de sua vontade, pois o não agir também é uma opção política.

Houve certa dificuldade em atuar simultaneamente como professor e pesquisador, pois essas funções muitas vezes sobrepuseram-se uma à outra durante todo trabalho. Ainda há muito o que investigar e compreender sobre as complexas relações que ocorrem no bairro da Capela, mas, acreditamos que um primeiro passo foi dado dentro da escola C.I.C e em seu currículo de Geografia, onde seguiremos colocando em evidência situações da experiência cotidiana para gerar conhecimentos científicos. De fato, conhecer melhor o local em que vive contribui com a aprendizagem e com o desenvolvimento social e crítico do aluno, principalmente quando esse tipo de saber local é levado até a escola e confrontado com o conhecimento científico, gerando um maior envolvimento dos alunos, entretanto esse não é o modelo frequentemente adotado pela maioria dos professores, que permanecem em suas práticas tradicionais, restritos à sala de aula, e não contextualizadas. Para superar essa realidade, acredita-se que através de uma boa formação inicial dos professores e de uma contínua formação e capacitação, pode haver valiosas contribuições com estratégias de ensino mais diversificadas e que façam mais sentido para toda a comunidade escolar.

Portanto, esta pesquisa buscou trabalhar um maior aprofundamento dessas relações de lugar, território e identidade local, por meio das experiências e conhecimentos dos alunos que vivem na Capela e estão notadamente marcados pelo discurso vinhedense velado, mas implícito, de segregação espacial, cultural, educacional e outros menos visíveis. Como professor da rede pública de ensino, encontrei junto dos meus alunos uma maneira mais acessível de investigar e compreender esse fenômeno que engloba quase um terço da população do município e que parece ser propositalmente ignorado pelas autoridades públicas municipais, mas que está presente no meu cotidiano e dos alunos da Capela.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1985.

ADORNO, Theodor W. **“Os Pensadores”**. Textos escolhidos, “Conceito de Iluminismo”. Nova Cultural, 1999.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE VINHEDO. **Cores e sabores de Vinhedo: um tributo às etnias**. Vinhedo: Editora Horizonte, 2008.

BAENINGER, Rosana; MAIA, Paulo Borlina. **Região de Governo de Campinas**. Campinas: UNICAMP, Núcleo de Estudos de População, 1992.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Os pensadores – Walter Benjamin**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Geografia**. Brasília: Ministério de Educação e do Desporto - SEF. 1997.

BUENO, Eliana Aparecida S. et al. **O museu de ciências como possibilitador de experiências interdisciplinares na formação continuada de professores de ensino de ciências**. V Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, n. 5, 2005.

BUENO. Míriam Aparecida. **A importância do estudo do meio na prática de ensino em Geografia Física**. UFG - Goiânia – Brasil. IN: <<http://migre.me/5JGj6>> (Acesso em 07/09/2011).

CALLAI, Helena Copetti. **Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico**. In: REGO, Nelson; AIGNER, Carlos; PIRES, Claudia; LINDAU, Heloisa. Um pouco do mundo cabe nas mãos. Geografizando em Educação o local e o global. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003a. p. 57-73.

\_\_\_\_\_. **Geografia em sala de aula: práticas e reflexões**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003b. 199 p.

CALLAI, Helena Copetti; et al. Lugar e cultura urbana: um estudo comparativo de saberes docentes no Brasil. **Terra Livre**, Presidente Prudente, v.1, n.28, p. 91-108, jan./jun. 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

\_\_\_\_\_. **Dinâmicas urbanas na metrópole de São Paulo**. América Latina: cidade, campo e turismo. Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, São Paulo. Dezembro, 2006. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/edicion/lemos/04alessand.pdf>

CASTRO, Iná Elias. **O Problema da escala**. In: CASTRO, I.E.; GOMES, Paulo César da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.117-140.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia e práticas de ensino**. Ed. Alternativa: Goiânia, 2002.

CAZETTA, Valéria. **As fotografias aéreas verticais como uma possibilidade na construção de conceitos no ensino de Geografia**. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 60, p. 210-217, Agosto 2003. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

\_\_\_\_\_. **Práticas educativas, processos de mapeamento e fotografias aéreas verticais : passagens e constituição de saberes**. 2005. 164 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

COMPIANI, Maurício. **O fazer geologia com ênfase no campo na formação de professores de Ciências para o alunos 1º grau (5a a 8a. séries)**. Campinas, UNICAMP. 238p. (Dissertação de mestrado) 1988.

\_\_\_\_\_. **As Geociências no ensino fundamental: um estudo de caso sobre o tema “A formação do Universo”**. (Tese de doutorado) - Campinas: FE/UNICAMP, 1996, 216p.

\_\_\_\_\_. **Linguagem e percepção visual no ensino de geociências.** Pro-posições, Campinas, v. 17, n. 1, p. 85-104, 2006, 10/2006, Pro-Posições (Unicamp), Vol. 17, Fac. 1, pp.85-104, Campinas, SP, Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. **O lugar e as escalas e suas dimensões horizontal e vertical nos trabalhos práticos: implicações para o ensino de ciências e educação ambiental.** Ciênc. educ. (Bauru), Bauru, v. 13, n. 1, Abril. 2007.

\_\_\_\_\_. **O Desprestígio das Imagens no Ensino de Ciências, Até Quando? Uma contribuição das Geociências com a Gestalt,** 06/2012, Alexandria (UFSC), Vol. 5, pp.127-154, Florianópolis, SC, Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **Os trabalhos de Campo vistos como Pedagogia Crítica do Lugar/Ambiente.** In: VITTE, A. C. (Org.) Novas perspectivas em Geografia. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand (s/d, no prelo).

COMPIANI, Maurício; CARNEIRO, Celso Dal Ré. **Os papéis didáticos das excursões geológicas.** IN: <<http://migre.me/5Mw7f>> (Acesso em 10/09/2011).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trabalho de campo e globalização.** O discurso Geográfico na aurora do século XXI. Programa de pós graduação em Geografia, Florianópolis: UFSC, p.1-7, nov. 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. 226p.

COSGROVE, Denis. **Geography is Everywhere: Culture and Symbolism in Human Geography.** In: D. Gregory & R. Walford (org.). Horizons in Human Geography, London, MacMillan. 1989.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. Desenhos e vozes no ensino de geografia: a pluralidade das favelas pelos olhares das crianças. **Educação e Pesquisa,** Brasil, v. 39, n. 4, p. 1029-1048, dez. 2013. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/73076>>. Acesso em: 30 Abr. 2014.

DUBET, François. **"O que é uma escola justa?"**, Caderno de Pesquisa, v. 34, n. 123, p. 539-555, set./dez. 2004.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L.: **Os estabelecidos e os Outsiders. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade,** Rio de Janeiro, Zahar 2000.

FELTRAN, Regina Célia de Santis; FILHO, Antônio Feltran. **Estudo do Meio**. In: VEIGA, Ilma de Passos de Alencastro (Org.). *Técnicas de ensino: Por que não?* Campinas, São Paulo: Papyrus, 1991.

FIGUEIRÔA, Sílvia Fernanda de Mendonça, 2009. História e Filosofia das Geociências: relevância para o ensino e formação profissional. **Terræ Didática**, 5(1):63-71<[http:// www.ige.unicamp.br/terraedidatica/](http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/)>. acessado em 12/04/2013.

FONTANA, Roseli Ap. Cação. **Mediação pedagógica na sala de aula**. 4 ed. Campinas, SP: Autores associados, 2005.

GIDDENS, Anthony. **Admirável mundo novo: o novo contexto da política**. Cad. CRH, Salvador, n. 21, p.9-28, jul/dez 1994. Disponível em: <[www.cadernocrh.ufba.br](http://www.cadernocrh.ufba.br)>. Acesso em: 06 de junho 2012.

GIRÃO, Osvaldo; LIMA, Surama Ramos. **O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela "alfabetização do olhar"**. Geografia Ensino & Pesquisa, v.17, n.2, p.88-106, maio./ago. 2013.

GRUENEWALD, David. A. **The Best of Both Worlds: A Critical Pedagogy of Place**. Educational Researcher, v. 32, n. 4, p. 3–12, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Foundations of Place: A Multidisciplinary Framework for Place-Conscious Education**. American Educational Research Journal. 2003b, Vol. 40, No. 3, pp. 619–654.

\_\_\_\_\_. **Resistance, reinhabitation, and regime change**. Journal of Research in Rural Education, n.21 (9). 2006. Disponível em <<http://jrre.psu.edu/articles /21-9.pdf>>. Acesso em 18 de Agosto 2013.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2012. 186p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

IBGE. **Censo 2010**. Disponível em: <<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 10 Outubro 2012.

KAYSER, Bernard. (1985) **O geógrafo e a pesquisa de campo**. Seleção de textos nº11, Teoria e métodos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, SP.

LACOSTE, Yves. (1985) **Pesquisa e trabalho de campo**. Seleção de textos nº11, Teoria e métodos, Associação dos Geógrafos Brasileiros, São Paulo, SP.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política**. Barcelona:Ediciones Peninsula, 1976.

LLARENA, Marco Antonio Almeida. **O estudo do meio como uma alternativa metodológica para abordagem de problemas ambientais urbanos na educação básica**. 2009. 164 f. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Ccen, UFPB, João Pessoa, 2009.

LOPES, Aline Ribeiro Casimiro. **Conhecimento escolar: ciência e cotidiano**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. 236p.

LOPES, Claudivan. S.; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Estudo do meio: teoria e prática**. Geografia (Londrina) 18.2 (2009): 173-191.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 12, p. 7 – 23, 2004.

\_\_\_\_\_. Um sentido global do lugar in ARANTES, Antônio A. (Org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000, pp.176-185.

\_\_\_\_\_. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand. Brasil, 2008. 312 p.

MOREIRA, Ruy. **Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo**. Revista eletrônica de Ciências Humanas e Sociais etc, espaço, tempo e crítica e outras coisas. v.1, n.1 (3), p.55-70, 2007.

MORIN, Edgar. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. São Paulo: Cortez, 2002B. 102p.

OLIVEIRA JR., Wenceslao Machado de. A produção da escuta a partir de imagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 8., 2005, Dourados. **Anais...** Dourados, 2005. p. 1-25.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Trad. Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 387p.

\_\_\_\_\_. **A Linguagem e o pensamento da criança**. Trad. Manuel Campos. São Paulo: Martins Fontes, 1986. 212p.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A representação do espaço na criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 72-89, jan. 1996. ISSN 1806-9274. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/rfe/article/view/33579>>. Acesso em: 12 Jan. 2013.

PIRES, Ennia Débora Passos Braga. **O Estudo do Meio - uma possibilidade metodológica na Educação de Jovens e Adultos**. UESB, Itapetinga, Bahia. IN: <<http://migre.me/5JGI1>>. Acesso em 09 de Janeiro de 2012.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib ; BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes ; NADAI, Elza ; KULCSAR, Rosa . **O Estudo do Meio como trabalho integrador das práticas de ensino**. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo, v. 70, p. 45-52, 1991.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Um Projeto. Tantas Visões - Educação Ambiental na Escola Pública**. . São Paulo: LAPECH-Faculdade de Educação da USP e AGB-São Paulo, 1996. 128 p.

\_\_\_\_\_. **O conceito de estudo do meio transforma-se... em tempos diferentes, em escolas diferentes, com professores diferentes**. In: Vesentini, J. W. (Org.). O ensino de geografia no século XXI. Campinas, SP: Papirus, 2004a.

Programa das Nações Unidas Para o Desenvolvimento (PNUD). **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil 2013**. Disponível em: <<http://www.atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em 06 de Agosto 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988. p. 61.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização** – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Ronaldo Marcos dos. **Escravidismos na Província de São Paulo**. O Estado de São Paulo. 12 mai. 1988.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar Geografia: O Desafio da Totalidade-Mundo Nas Séries Iniciais**. Dissertação (Mestrado em Educação Aplicada às Geociências). Instituto de Geociências/UNICAMP, 2001.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia e Trabalho de Campo**. Colóquio O discurso geográfico na Aurora do século XXI. Programa de pós graduação em Geografia, UFSC, Florianópolis, nov. 1996.

TAMAIU, Irineu. **O professor na construção do conceito de natureza: uma experiência de educação ambiental**. São Paulo: Annablumme: WWF, 2002.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

VENTURI, Luis Antonio Bittar (org.). **Praticando a geografia: técnicas de campo e laboratório em geografia e análise ambiental**. São Paulo: Oficina de textos, 2005.

VIEIRA, Noemia Ramos. **As relações entre o conhecimento científico e a realidade imediata do aluno no ensino de Geografia**. Marília: UNESP, 2000. (Dissertação de Mestrado).

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e linguagem**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

ZECHIN, José Antonio. **Tempos de sempre: crônicas, memórias, imagens, poemas**. Campinas, SP: Komedi, 2003.







## APÊNDICE B - PROJETO ESTUDO DO MEIO



### **Prefeitura Municipal de Vinhedo**

Estado de São Paulo

#### **SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO**

**CIC EDUARDO VON ZUBEN**

Estrada da Capela, 2000 – Capela – Vinhedo CEP. 13280-000

#### **PROJETO**

### **Estudo do meio: Saberes do meu bairro**



*Prof Aziz Ab'Sáber e seus alunos em trabalho de campo, Sorocaba, 1965*

**Vinhedo  
2013**

**PROJETO:** Trabalho de campo em torno da escola

**TEMA:** Observações científicas, análise global e local, produzindo conhecimento com os estudantes

**ÁREAS:** Geografia, Ciências, Matemática, Artes, Inglês, História, Português e Educação Física

**DURAÇÃO:** Dois dias de aulas, o período todo

**SÉRIES ATENDIDAS:** Sextos e sétimos anos

**PROFESSOR ENVOLVIDO:** Professores do período vespertino.

**AUTORES:** Alexandre de Oliveira Santos, Andrea dos Anjos Cassado, Bruno Ribeiro Campos, Cláudia Leister, Cleber Antônio Martins, Mônica Serra, Peter Rodrigo Trento, Priscila de Souza Domeneghetti, Renniê Rossi, Rúbia Caroline Souza de Moraes, Sandra Izufino da Silva, Tassiana Jans e Viviane Castelli Fernandes.

**PROPOSTA INICIAL:**

Os alunos farão um trabalho de campo ao redor da escola, com o objetivo produzir conhecimentos escolares e científicos, recolher informações sobre o local e entender melhor as dinâmicas do território, do ponto de vista científico e cultural, além de fazerem uma caminhada e piquenique com os professores.

**JUSTIFICATIVA:**

O "Estudo do Meio é uma metodologia de ensino interdisciplinar que possibilita estudar as modificações do espaço no tempo, analisando sua marca na própria paisagem, realizando uma leitura do espaço humano, em múltiplas ações combinadas e complexas sempre calcada na valorização da identidade e no reconhecimento da diversidade, que contribui para um fazer coletivo". PONTUSCHKA (1996). Justifica-se também segundo o Regimento Comum das Escolas Municipais de Vinhedo, capítulo IV, artigo quinto, inciso IX, que trata da "valorização da experiência extra escolar e o inciso X da vinculação entre a educação escolar, o trabalho, as práticas sociais e ecossistêmicas, além de todo artigo sexto, como o inciso V, de oferecer um ambiente saudável e propiciar o desenvolvimento harmonioso das potencialidades.

**MATERIAIS QUE SERÃO UTILIZADOS:** Caderno de anotações e instrumento fotográfico.

**DESENVOLVIMENTO:** Os alunos farão um trajeto com três paradas para observarem, entrevistarem moradores e conversarem com colegas e professores.



**OBJETIVOS EDUCACIONAIS:**

Que o aluno possa:

- Conhecer a linguagem científica, a observação e uma coleta de dados;
- Analisar a integração e interdisciplinaridade das matérias escolares;
- Conhecer a flora e fauna locais, assim como a hidrografia e relevo;
- Observar o ambiente com objetivo de transformá-lo em cenário de narrativa (conto maravilhoso);
- Cálculo de distância, retas, área e estudo de triângulo;
- Debater o território, paisagem e a história do bairro e seu contexto sócio-político.

**COMPETÊNCIAS:**

- Saber que o bairro faz parte do cotidiano escolar;
- Saber refletir a linguagem científica;
- Entender a dinâmica do lugar e território.

**HABILIDADES:** Os estudos do meio possuem um potencial interdisciplinar muito grande, pois permitem interações maiores que as encontradas dentro do ensino formal, fechado dentro da sala de aula. Tanto as relações entre os professores e os alunos, e entre aluno-aluno, são potencializadas com as saídas de campo. Trabalhos em grupo ou em duplas são comuns, além de um maior contato entre os docentes, contribui ampliando o conhecimento que cada um carrega sobre as outras disciplinas. Quando bem organizado e planejado, um estudo do meio torna-se uma experiência de aprendizagem prática, integradora e ao mesmo tempo prazerosa, com resultados positivos para ambos sujeitos escolares, docentes e discentes.

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Dentro da sala de aula, os alunos entram em contato com uma quantidade enorme de conceitos chaves e teorias. Uma ideia pré-formada sobre um conceito chave não pode simplesmente ser destruída, sem ser construída. É necessário elaborar o conceito conjuntamente com o aluno, a ideia precisa ser desconstruída e moldada em coparticipação. O melhor lugar para esse conflito de ideias é no campo. Quando o aluno se depara com a realidade, muitos daqueles conceitos vistos tão abstratamente em sala de aula, tornam-se muito mais palpáveis e reais. O lidar com o cotidiano e realidade torna o aprendido muito mais duradouro se comparado com aquele que somente é visto dentro da escola.

# ANEXO A - ENTREVISTA (CASAS) PROJETO ESTUDO DO MEIO



PREFEITURA MUNICIPAL DE VINHEDO  
ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA MUNICIPAL CENTRO INTEGRADO DE CIDADANIA EDUARDO VON ZUBEN

## ENTREVISTA (CASAS) – PROJETO ESTUDO DO MEIO

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

1-A quanto tempo reside neste local?

- 1 ano ou menos
- 2 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- 10 anos ou mais

2- Possui rede de água e esgoto?

- Sim
- Não

Se não, como recebe água e onde é jogado o esgoto? \_\_\_\_\_

3- A) Você utiliza o trilho do Bosque?

- Sim
- Não

B) Com que frequência:

- Todos os dias
- Algumas vezes por semana
- Algumas vezes no mês
- Raramente

C) Em quais períodos:

- Manhã
- Tarde
- Noite

D) Qual a principal finalidade:

- Trabalhar
- Escola
- Acessar outro bairro
- Outros: \_\_\_\_\_

4-Você sabe o nome deste córrego?

- Não
- Sim

Qual? \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5- Esse córrego tem problemas de inundação?

- Sim
- Não
- Já teve

Quando? \_\_\_\_\_

6-Jogam lixo neste córrego:

- Sim
- Não

O que é feito contra isso?  
\_\_\_\_\_

7- Existem outros tipos de degradação ao longo deste córrego?

- Não
- Sim
- Quais: \_\_\_\_\_

8- Aparecem animais nas proximidades?

- Não
- Sim

Quais? \_\_\_\_\_

9- Existe algum tipo de perigo próximo ao córrego?

- Sim
- Não

Quais?

- Roubos
- Usuários de Droga
- Animais perigosos
- Assédios Físicos
- Outros: \_\_\_\_\_

10- Deve haver melhorias ao longo deste córrego? Quais?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

## ANEXO B - ENTREVISTA (BOSQUE) PROJETO ESTUDO DO MEIO



PREFEITURA MUNICIPAL DE VINHEDO  
ESTADO DE SÃO PAULO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ESCOLA MUNICIPAL CENTRO INTEGRADO DE CIDADANIA EDUARDO VON ZUBEN

### ENTREVISTA (BOSQUE) – PROJETO ESTUDO DO MEIO

Nome: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_ Bairro: \_\_\_\_\_

1-Você costuma utilizar esse caminho?

- Sim  
 Não

2-Com que frequência:

- Todos os dias  
 Algumas vezes por semana  
 Algumas vezes no mês  
 Raramente

3-Em quais períodos:

- Manhã  
 Tarde  
 Noite

4-Qual a principal finalidade:

- Trabalhar  
 Escola  
 Acessar outro bairro  
 Outros: \_\_\_\_\_

5-Você utiliza esse espaço para outra finalidade:

- Sim  
 Não

Quais?

- Lazer  
 Pescar  
 Outros: \_\_\_\_\_

6-Esse caminho apresenta algum perigo:

- Sim  
 Não

Quais?

- Roubos  
 Usuários de Droga  
 Animais perigosos  
 Assédios Físicos  
 Outros: \_\_\_\_\_

7-Você sabe que existe um córrego neste local:

- Sim  
 Não

Você sabe o nome dele:

- Sim  
 Não

Qual? \_\_\_\_\_

8- Aparecem animais neste local?

- Não  
 Sim

Quais? \_\_\_\_\_

9-Jogam lixo neste local:

- Sim  
 Não

Existem outros tipos de degradação ao longo deste córrego?

- Não  
 Sim

Quais: \_\_\_\_\_

10-Deve haver melhorias nesse local?

- Sim  
 Não

Quais:

- Iluminação pública  
 Arborização  
 Limpeza  
 Segurança  
 Equipamentos de lazer  
 Outros: \_\_\_\_\_

Comentários: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_